



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FÍSICA UFJF/UFV

Letícia Rocha Moreira

DEPOIS DOS QUINZE:
discursos sobre corpo de mulheres jovens no *blog*

Juiz de Fora
2015

Letícia Rocha Moreira

DEPOIS DOS QUINZE: discursos sobre corpo de mulheres jovens no *blog*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ludmila Mourão

Juiz de Fora
2015

Letícia Rocha Moreira

DEPOIS DOS QUINZE: Discursos sobre corpo de mulheres jovens no *blog*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Aprovada em ____ de _____ de 2015, pela Banca Examinadora composta por:

Prof^ª. Dr^ª. Ludmila Mourão (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Prof. Dr. Roney Polato de Castro
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Prof^ª. Dr^ª. Kalyla Maroun
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Dedico este trabalho às jovens mulheres que fazem
resistência ao padrão de corpo socialmente produzido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que permitiu que minha caminhada chegasse até aqui, por ter me iluminado e abençoado em todos os momentos dessa escrita.

Aos meus pais, Ricardo e Aparecida, que sempre me apoiaram e deram forças para continuar.

A meu irmão e minha cunhada, Ricardo e Leandra, que mesmo de longe sempre se fizeram presentes em todas as etapas desse processo.

A toda minha família, prim@s e ti@s, que me apoiaram e compreenderam os momentos de ausência.

À minha orientadora e amiga, Prof.^a Dr.^a Ludmila Mourão, que acreditou em mim desde a graduação, me possibilitando grande crescimento, estando presente na minha vida pessoal e acadêmica e me orientando com grande paciência, carinho, cuidado e zelo.

À Prof.^a Dr.^a Kalyla Maroun, membro da banca e amiga, pelas conversas, leituras e grandes contribuições para que o trabalho fosse concluído.

Ao Prof. Dr. Roney Polato de Castro, membro da banca, que aceitou prontamente colaborar conosco durante o processo de qualificação e defesa.

À Prof.^a Dr.^a Jeane Felix, membro suplente da banca, que se interessou pelo trabalho e se dispôs em colaborar com ele.

À Prof.^a Dr.^a Lídia Zacarias, membro suplente da banca, que aceitou fazer parte desse processo compondo a banca, e que foi o elo entre mim e minha orientadora, quando eu ainda estava na graduação.

Ao Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS), pelas inúmeras discussões durante minha trajetória na vida acadêmica, que me fizeram crescer para conseguir escrever este trabalho.

Às/aos amig@s do mestrado, Aline Gomes, Marcelo Tavares, Tayane Mockdece, Igor Monteiro e Vera Fernandes, que através da convivência quase que diária contribuíram de alguma forma com esta dissertação e o meu crescimento pessoal.

Às/aos minhas/meus amig@s, principalmente os do Emaús, que entenderam a minha distância nesse período do mestrado e que sempre torceram pelo meu sucesso.

À FAPEMIG, pelo financiamento durante todo o mestrado.

À Universidade Federal de Juiz de Fora e ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, que proporcionaram viagens para congressos que contribuíram para o amadurecimento e desenvolvimento desse trabalho.

“A única coisa que importa é colocar em prática, com sinceridade e seriedade, aquilo em que se acredita.”
Dalai Lama

RESUMO

A juventude atual está cada vez mais vinculada ao ciberespaço, e nele compartilha boa parte de suas representações. Nessa perspectiva, este estudo elege um *blog* – “*Depois dos Quinze*” – como campo de investigação. Justifica-se a pesquisa pelo interesse em trazer situações de vida dos jovens na contemporaneidade para pensá-las nos contextos escolares, considerando que a temática do corpo, do emagrecimento, de suas ciladas e resistências frequentemente preocupa a juventude na contemporaneidade. O objetivo foi desvelar as representações de corpo entre mulheres jovens, a partir das postagens das blogueiras e comentários de suas seguidoras. A pesquisa foi realizada a partir de uma etnografia no ciberespaço do *blog*. Selecionamos cinco postagens que convergiam com a representação do corpo: “Como descobri que nunca fui gorda”, com 19 comentários; “O reflexo e eu”, em que obtivemos 04 comentários; “Corpão”, em que coletamos 78 comentários; “Superando os próprios preconceitos”, com 04 comentários relevantes; e “Look: Garfield Del Rey”, com 12 comentários. Emergiram dessas postagens quatro temas que analisamos no decorrer da pesquisa, a saber: “*corpo ideal*”, “*cuidados de si*”, “*grupos de estilo*” e “*protagonismo do blog como lócus de construção de novas identidades juvenis femininas*”. Como conclusão, verificou-se que as jovens seguidoras do *blog*, em constante interação, constroem novas identidades, empoderam-se virtual e simbolicamente. e assim superam a condição de não estarem no padrão de corpo hegemônico. Mesmo sendo um espaço que veicula produtos, propagandas, simbolizando a cultura do consumo, o *blog* é transformado por essas jovens em um espaço emancipador, na medida em que constroem um protagonismo juvenil diante das postagens das *blogueiras* e dos comentários das *seguidoras*, constituindo um grupo de estilo por meio da reafirmação das diferenças.

Palavras-chave: juventude feminina; corpo; ciberespaço.

ABSTRACT

Youth today is increasingly linked to cyberspace, and it shared much of its representations, from this point of view, this study has chosen a blog called "Depois dos Quinze" (After Fifteen) as the research matter. The research is justified in the interest of bringing real-life situations of young people nowadays to analyze them in educational contexts considering that themes about the body, weight loss, their pitfalls, and resistance often worries young people nowadays. The aim was to reveal body representations among young women departing from the posts of bloggers and comments from their followers. The survey was conducted from an ethnographical study on the blog on the cyberspace. Five posts that converged with the representation of the body were selected: "Como descobri que nunca fui gorda (How I found out that I was never fat) with 19 comments; "O reflexo e eu" (The reflection and I), with 04 comments; "Corpão" (Super hot body) with 78 comments; "Superando os próprios preconceitos" (Overcoming my own prejudices) with 04 comments; and "Look: Garfield Del Rey" with 12 comments. From these posts, four themes were analyzed during the research, namely: "ideal body", "self care", "style groups" and "the role of the blog as a place of construction of new female juvenile identities." In conclusion, it was found that the young followers of the blog, in constant interaction, build new identities, empower themselves virtually and symbolically, and thus overcome the condition of not having the hegemonic body pattern. The blog even being a space that conveys products, advertisements, symbolizing the consumer culture, is transformed by these young people into an emancipatory space for they build a youth protagonism facing the posts of the bloggers and the comments of the followers, constituting a style group through the reaffirmation of the differences.

Keywords: female youth; body; cyberspace.

Lista de Figuras

Figura 1 - Foto com Bruna Vieira	29
Figura 2 - Bruna Vieira	30
Figura 3 - Capa dos livros publicados por Bruna Vieira.....	31
Figura 4 - Blog Depois dos Quinze.....	34
Figura 5 - Foto da Bruna Vieira à direita e postagem à esquerda.	35
Figura 6 - Categorias das postagens.....	35
Figura 7 - Tags, wishlist e contador de pessoas	36
Figura 8 - Link “Sobre”.....	37
Figura 9 - Aba “Livros”	37
Figura 10 - Link “Colaboradores”.....	38
Figura 11 - Aba “Viagens”.....	38
Figura 12 - Link “Moda”.....	39
Figura 13 - Link “Música”	39
Figura 14 - Aba “Fotografia”	40
Figura 15 - Link “Anuncie”	40
Figura 16 - <i>Layout</i> inicial.....	41
Figura 17 - Segundo <i>layout</i>	41
Figura 18 - Post “Como descobri que nunca fui gorda”.....	42
Figura 19 - Post “O reflexo e eu”.....	46
Figura 20 - Post “Corpão”.....	48
Figura 21 - Post “Superando os próprios preconceitos”.....	52
Figura 22 - Post “Look: Garfield Del Rey”.....	54

Sumário

1. Preparar para conectar	11
2. Mulheres jovens: a construção de sujeitos e identidades.....	16
2.1. Juventude e a subcultura feminina	16
2.2. Corpo, grupos de estilo e cuidados de si	22
3. Atualizando os posts: o campo de estudo	26
3.1. Trajetória da jovem blogueira: Bruna Vieira	29
3.2. O blog Depois dos Quinze: como é esse “mundo”	33
4. Afinal, sobre o que elas escrevem e pensam?.....	42
4.1. Existe um corpo ideal? Quais são os cuidados de si?.....	56
4.2. Grupos de estilo e a reafirmação das diferenças	67
4.3. Protagonismo do blog Depois dos Quinze: lócus de construção de novas identidades juvenis femininas	73
5. Desconectando	77
ANEXO I - Comentários do Post “Como descobri que nunca fui gorda”	86
ANEXO II - Comentários do Post “O reflexo e eu”	91
ANEXO III - Comentários do Post “Corpão”	92
ANEXO IV - Comentários do Post “Superando os próprios preconceitos”	111
ANEXO V - Comentários do Post “Look: Garfield Del Rey”	112

1. Preparar para conectar

Este trabalho traz um pouco da minha trajetória na área acadêmica e pessoal, por ser uma jovem mulher e professora de Educação Física, que lida constantemente com o ciberespaço e se preocupa com as discussões que os espaços virtuais tematizam e de que forma estas podem adentrar aos conteúdos da escola.

Ao começava a escrita do projeto para ingressar no mestrado, a escola foi o campo pensado inicialmente para a realização desta pesquisa. Contudo, como realizei a minha monografia de licenciatura em Educação Física na escola com jovens do Ensino Médio, pude perceber que as tecnologias e a interatividade virtual eram muito valorizadas por eles. A partir dessa observação, das discussões no grupo de pesquisa e com a minha orientadora, decidi explorar o meio virtual, para conseguir maior aproximação e diálogo com os temas relacionados aos interesses da juventude.

Alguns estudos apontam que os jovens têm interesse cada vez maior por um corpo magro, malhado, em forma, evidenciando um vislumbamento pela estética e emagrecimento (FORTES; MIRANDA; FERREIRA, 2013; FORTES; MORGADO; FERREIRA, 2013; OLIVEIRA; FILGUEIRAS *et al.*, 2012). Assim, essa juventude costuma procurar informações e conhecimentos necessários para obter a forma física que deseja alcançar.

A escola, durante muito tempo, foi um dos espaços privilegiados para a busca de informações e conhecimentos, mais o acesso à tecnologia vem revolucionando em muitos aspectos essa condição da escola, sobretudo entre os jovens.

Entendendo que as aprendizagens não ocorrem apenas no espaço escolar, os jovens estão constantemente aprendendo nos diversos espaços pelos quais circulam.

Observam-se diversas pedagogias atuando no meio social e ensinando a juventude sobre modelos de corpo, forma de apresentação, exercício, receitas para ficar forte, magro, entre outros modos e comportamentos.

Segundo Steinberg (2001, p.15), os estudos culturais têm contribuído para dismantelar antigas referências, facilitando os “esforços para examinar as práticas culturais pelas quais os indivíduos vêm a entender a si mesmos e ao mundo que os cerca”. Esses estudos, ancorados na “pedagogia cultural”, autorizam lançarmos nosso olhar para além da escola, sobretudo quando esta aponta para uma crise na comunicação com o jovem, suas formas de reivindicação e de expressão, entre outras.

Nesse sentido, gostaríamos de trazer para esta pesquisa o ciberespaço como um locus de investigação, em que os jovens circulam muito e conseqüentemente estão exercendo a aprendizagem.

Este estudo foi motivado a pensar a juventude contemporânea de forma a trazer as discussões de corpo tratadas no ciberespaço, especialmente os *blogs*, considerado também como pedagógico, promotor de conhecimento e, portanto, construtor de representações.

Ao começarmos a investigar o campo de pesquisa, dentre os *blogs* observados, optamos trabalhar com o “Depois dos Quinze¹”, criado por uma jovem de quinze anos em 2009, chamada Bruna Vieira, que o construiu motivada por uma desilusão amorosa, fazendo do *blog* um diário virtual e um refúgio, segundo ela, “por ser muito tímida”.

Logo, decidimos por estudar a juventude contemporânea a partir de um artefato cultural virtual, produzido também por uma jovem.

Nesse sentido, definir juventude se torna um desafio, pois os critérios que a constituem são históricos e sociais. Para construir a noção de juventude, não devemos nos prender a parâmetros rígidos, mas ao processo de crescimento no contexto social, através das experiências vividas pelo indivíduo (DAYRELL, 2003).

A juventude possui uma cultura própria, que advém da cultura da sociedade na qual está inserida, desenvolvida e transformada em objeto de análise a partir da sua consolidação enquanto categoria social e geracional específica (WELLER, 2005a).

Os/as jovens constituem culturas juvenis que lhes dão identidade. Apesar de todos os limites dados pelo lugar social que ocupam, eles (as) amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida; manifestam através do corpo e do seu visual as marcas da diversidade (DAYRELL, 2007).

A juventude atual é também conhecida como geração Y. Esse termo surgiu nos Estados Unidos para definir as características e hábitos dos jovens que nasceram nas décadas de 1980 e 1990 (CARLI; FONTOURA; SANTIAGO, 2011; KRÜGER; CRUZ, 2004). Essa geração é identificada por curiosidade, questionamentos, extrema informação, grande conhecimento de línguas, principalmente o inglês, criatividade, busca de novas experiências e padrões informais; necessita de constante reconhecimento, individualidade; almeja conexões e comunicação incessante, tem

¹ Disponível em: < <http://www.depoisdosquinze.com.br>>. Acesso em: 08 de outubro de 2014.

projetos pessoais de prazos curtos e imediatos; tem foco em resultados e alta rotatividade em empregos (OLIVEIRA, 2010).

A diversidade da cultura é condicionada também pelo ambiente físico, sendo comum haver grande diversidade cultural em um mesmo local. Logo, cada indivíduo participa de uma forma diferente da cultura a que pertence (LARAIA, 2000).

Isso nos sugere que a juventude atual está cada vez mais ligada às Tecnologias de Informação e Comunicação² - TICs, inserido-se na cultura da mídia ou na cibercultura, não havendo separação entre a dimensão virtual e a dimensão não virtual em seu cotidiano, já que as TICs aguçam a sensibilidade e a mente através das tecnologias digitais (SANTAELLA, 2003).

De acordo com Lévy (2010, p. 17), a cibercultura

especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço³.

A cibercultura está ligada, direta e indiretamente, ao virtual. De forma direta, pela digitalização da informação, e indireta, pelo desenvolvimento das redes digitais interativas. Com isso, o ciberespaço estimula um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos e da simultaneidade de tempos (LÉVY, 2010).

Tendo em vista que a mídia eletrônica se apresenta como um avanço tecnológico que tem sido capaz de sugerir e criar comportamentos, interferindo nos processos de produção cultural, faz-se necessário apresentar os mecanismos pelos quais ela atua. O *blog*, meio muito utilizado pela maioria dos jovens que estão ligados ao ciberespaço, participa da construção de seus comportamentos, pois, nesses sites, são trocadas ideias, gostos, opiniões, sentimentos e outras experiências entre as adolescentes.

Blog, *weblog*, *blogue* ou *caderno digital* é uma página na internet onde regularmente são publicados textos, fotos, imagens, músicas ou vídeos, que podem ser dedicados tanto a um assunto específico, como a temas gerais. Podem ser mantidos por

² As Tecnologias da Informação e Comunicação interagem com a economia e a sociedade, possuindo as seguintes características: são tecnologias para agir sobre a informação; penetrabilidade das novas tecnologias; lógica de redes em qualquer sistema ou conjunto de relações; flexibilidade; crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado (CASTELLS, 1999).

³ O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo não significa apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 2010).

uma ou várias pessoas e têm normalmente espaço para comentários dos seus leitores. Blogueiro é o nome dado a quem publica num *blog* e blogosfera é o conjunto de *blogs*.

Os *blogs* estão incluídos na TIC, que representam na contemporaneidade o avanço tecnológico na Sociedade da Informação, a qual representa uma nova era cuja informação se dinamiza, com velocidade e volume considerados, até poucos anos atrás, incabíveis a nossa realidade. Isso ocorre devido à inter-relação de três fenômenos: a convergência da base tecnológica, a dinâmica da indústria, que diminui o custo das tecnologias, e o crescimento da internet (TAKAHASHI, 2000).

Nesse sentido, os *blogs* – por fazerem parte da mídia, juntamente com a publicidade e a indústria da beleza – tornam o corpo parte do mercado econômico, social, cultural e virtual. Esse corpo, sobretudo, de consumo é frequentemente construído e reconstruído nos discursos da mídia, gerando materialidade – um produto de poder que gera divisões sociais. As relações de poder que atuam sobre ou através do corpo produzem efeitos de sentido, identidades sociais e culturais particulares (ANDRADE, 2003).

Os *blogs*, vistos como espaços silenciados sob o ponto de vista da pesquisa, são visibilizados pelo ponto de vista das jovens que deles se utilizam. Isso foi percebido a partir da fala de um professor de Educação Física presente no lançamento do quarto livro da Bruna na Bienal do Livro em agosto de 2014, o qual, na entrevista coletiva com interação com o público, disse se apropriar dessa linguagem e interesses através dos livros e do *blog* dela, para promover uma maior aproximação com seus alunos.

O estudo de Rodrigues (2000) discute que trabalhar com Educação Física na escola quase sempre incide na ideia de que existe uma obrigatoriedade, por parte dos professores da disciplina, com a educação dos corpos dos alunos, ou seja, é entendida como a grande responsável na escola por esse tipo de educação, utilizando o esporte, a ginástica, entre outras possibilidades corporais, como uma via para a obtenção e inclusão de um acervo motor ou cultural por parte dos alunos.

Entretando, o estudo de Aguiar e Botti (2011) nos mostra que, apesar de tantas discussões e reflexões a respeito do corpo na atualidade, percebe-se que a Educação Física se mostra muito rudimentar nesse assunto, principalmente nas discussões temáticas sobre corpo no campo escolar. Na escola, o corpo ainda não é percebido como algo a ser refletido ou pensado, pois suas sensações são camufladas, disciplinadas e submetidas à aparência do bem-estar.

Notamos então uma “coisificação” do corpo contemporâneo, em que se ascende a imagem, a aparência, ou seja, há uma valorização dos aspectos externos em detrimento dos internos, existindo uma prevalência do estético sobre o intelectual. Isso faz com que a aparência corporal corresponda à ação do indivíduo para se apresentar socialmente, o que fez implementar o costume de se manipular a aparência corporal (SANTIAGO *et al.*, 2011).

Assim, este estudo justifica-se pelo interesse em trazer situações de vida dos jovens na contemporaneidade para pensá-las nos contextos escolares, considerando que a temática do corpo – emagrecimento, suas ciladas e resistências – frequentemente atravessa a juventude, mas raramente é debatida na escola, com abordagens pedagógicas contextualizadas que discutam, critiquem e desconstruam os padrões hegemônicos.

Nesse sentido, temos como objetivos desvelar as representações de corpo, objeto compreendido como uma construção sócio-histórico-cultural, entre mulheres jovens que circulam no ciberespaço especialmente no *blog* Depois dos Quinze, e analisar o papel deste, como sistema midiático que atravessa a formação identitária das jovens seguidoras.

2. Mulheres jovens: a construção de sujeitos e identidades

“A juventude é, sobretudo, uma soma de possibilidades” - Albert Camus

Neste capítulo, abordo questões relevantes sobre juventude, identidade, corpo, cuidados de si e grupos de estilo. A intenção é ampliar o debate acerca desses temas que fundamentam a linha e análise dos dados da pesquisa. Também são apresentados estudos em que se discute o tema desta pesquisa, dialogando com a literatura próxima sobre os assuntos que são abordados nesta dissertação.

2.1. Juventude e a subcultura feminina

No dicionário⁴, juventude está conceituada como sendo um período da vida em que não se chegou à idade adulta ou em que se chegou a essa idade há pouco tempo. Numa visão hegemônica, manifesta a condição de transitoriedade da juventude, na qual o jovem é visto como “o que se tornará”, tendo somente na vida adulta o verdadeiro sentido para as suas ações no presente. Essa concepção de juventude, porém, além de ignorar que tal categoria pode ser atualmente reconhecida como uma construção sociocultural, apresenta-se como negativa, uma vez que pretere o presente em detrimento do futuro, aquilo “que ainda não chegou” entre os/as jovens (DAYRELL, 2003).

Juventude parece ser um termo óbvio, uma palavra autoexplicativa e é um assunto sobre o qual as pessoas sempre têm algo a dizer, pois são ou já foram jovens. No entanto, ao buscar um conceito mais exato, as dificuldades aparecem (ABRAMO, 2011).

As tentativas de dar significado à juventude são um desafio, pois é preciso reconhecer as dificuldades de como categorizá-la. Compreendemos que a juventude é uma categoria socialmente produzida em que devem ser levados em consideração as representações, a posição social dos/as jovens e o tratamento que a sociedade lhes dá, uma vez que cada um desses elementos ganha limites particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos (DAYRELL, 2003; 2004).

Uma forma simples de a sociedade definir a juventude é através de limite etário, opção utilizada em estudos estatísticos, categorização escolar, ou para estabelecer idade

⁴ Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora.

mínima para início do trabalho profissional e idade penal, dentre outras situações. A juventude, nas sociedades ocidentais, também pode ser definida a partir de critérios relacionados à cronologia psicológica, sendo, dessa forma, uma categoria de complexidade variável, pois é distinguida de muitas maneiras, com tempo e espaço distintos. Assim, os jovens compõem agregados sociais com características continuamente flutuantes (CARRANO, 1999).

A presença cultural do sentido de juventude, de forma marcante, faz com que as nossas sociedades sejam geradoras de representações sociais, o que leva muitas das vezes ao afastamento dos sentidos efetivos das práticas culturais produzidas pelos/as jovens. Assim, as pesquisas (WELLER, 2005a; DAYRELL, 2004; DAYRELL, 2003; DAYRELL, 1999) sobre a juventude mostram a complexidade social de tal categoria, apontando diferentes enfoques possíveis que transitam entre pressupostos biológicos, sociais, ou psicológicos.

Essa precariedade da perspectiva cultural nas investigações sobre os/as jovens transforma a juventude em uma fase de transitoriedade entre a infância e a idade adulta, deixando-a em um “não lugar sociológico de transição” (CARRANO, 1999, p. 127), afastando-a de sua verdadeira identidade juvenil, que não se constitui isoladamente, mas que adquire seus sentidos através dos diversos relacionamentos que possuem com os adultos e com as ações nas redes culturais da juventude (CARRANO, 1999).

Hoje, para se referir ao/à jovem, é necessário considerar a realidade heterogênea nas diversas sociedades complexas, o que enfatiza a ambiguidade e indefinição sobre seu conceito (CARRANO, 1999). Precisamos, então, falar de *juventudes*, no plural, e não de *juventude*, no singular, para evidenciar as diferenças e as dificuldades por que passam nessa condição (ABRAMO, 2011).

Dentro de uma visão romântica, que surgiu a partir dos anos 1960, a juventude passa a ser considerada uma fase de liberdade, de prazer e de comportamentos exóticos, devido, dentre outros fatores, ao florescimento da indústria cultural e de um mercado de consumo direcionado aos jovens. Por outro lado, essa imagem convive com a referência de que a juventude também é um momento de crise, um período difícil, com conflitos por autoestima ou personalidade, que levam ao afastamento da família (DAYRELL, 2003).

Com isso, vemos que a juventude se estabelece por um conceito social, cultural e historicamente construído, que se altera com o tempo e o lugar, nos quais os diferentes modos de ser jovem podem, também, ser compreendidos a partir das culturas em cada

momento social, fazendo com que os/as jovens se unam pela necessidade de afirmação, de reconhecimento, independência e autonomia para a construção de suas identidades (CARRANO, MARTINS, 2007) e de suas culturas juvenis.

De acordo com Stuart Hall (2006), as identidades, a partir do final do século XX, são consideradas modernas, e começaram a ser divididas devido às transformações que estão ocorrendo na sociedade moderna ao longo dos anos. Esse processo, considerado como um colapso, produziu o sujeito pós-moderno, que possui identidades “móveis”, pois são formadas e transformadas continuamente, devido aos sistemas culturais que os rodeiam, sendo historicamente produzidos. Assim, o sujeito passa a assumir identidades diferentes, de acordo com cada situação na qual se encontra (HALL, 2006).

Desse modo, a juventude, em sua condição juvenil, devido a suas características, pode ser pensada como identidade de sujeito pós-moderno, visto que os/as jovens possuem identidades diferentes para cada lugar e situação em que se encontram. Isso acontece devido à propagação de significações e representações culturais, permitindo a multiplicidade de identidades admissíveis (HALL, 2006).

Essas identidades são estipuladas aos/as jovens a partir de suas imersões nas culturas juvenis às quais pertencem, ou seja, nas experiências coletivas com as quais se afiliam. Apesar de todos os limites dados pelo lugar social que ocupam, eles amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida.

Estas culturas, como expressões simbólicas da sua condição, manifestam-se na diversidade em que esta se constitui, ganhando visibilidade por meio dos mais diferentes estilos, que têm no corpo e seu visual uma das suas marcas distintivas. Jovens ostentam os seus corpos e, neles, as roupas, as tatuagens, os *piercings*, os brincos, dizendo da adesão a um determinado estilo, demarcando identidades individuais e coletivas, além de sinalizar um status social almejado. Ganha relevância também a ostentação dos aparelhos eletrônicos, principalmente o MP3 e o celular, cujo impacto no cotidiano juvenil precisa ser mais pesquisado (DAYRELL, 2007, p.1110).

A sociologia da juventude, em parte, é constituída a partir da sociologia do desvio, ou seja, o/a jovem é aquilo ou aquele (a) que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia de um determinado padrão normativo (PERALVA, 1997). Dessa forma, percebemos que a juventude passa a ter um comportamento de resistência, em que os/as jovens demonstram ter (ou não) a necessidade de intencionalidade e de reconhecimento de suas ações por parte dos alvos da resistência e dos demais membros da sociedade (F. FILHO, 2007).

Com o fenômeno da resistência, passa a ocorrer entre jovens o *empoderamento*, que pode ser entendido como um processo:

Por meio do qual indivíduos e grupos sociais ampliam a capacidade de configurar suas próprias vidas, a partir de uma evolução na compreensão sobre suas potencialidades e sua inserção na sociedade. Não se trataria, em princípio, somente de uma questão de aumento de poder e autonomia individual ou de elevação da autoestima, mas da aquisição de uma consciência coletiva da dependência social e da dominação política. (F. FILHO, 2007, p. 17).

Vemos no âmbito dos estudos (WELLER, 2005a; WELLER, 2005b; MAGRO, 2003) sobre a juventude que existe uma grande lacuna com relação à presença feminina nas manifestações político-sociais, sendo comum encontrarmos publicações que tratam da juventude como um todo ou abrangendo apenas os jovens do gênero masculino. Ao mesmo tempo em que as culturas juvenis são entendidas como forma de protesto e/ou resistência, algumas culturas juvenis femininas, por causa de preconceitos, são vistas de forma superficial e estereotipada, dando a impressão de que não possuem atitudes de protesto ou resistência (WELLER, 2005a; 2005b). Nesse sentido, destacamos três estudos, encontrados para a revisão de literatura, que focam nas culturas juvenis femininas, de forma a descrever a construção de identidades voltadas ao exercício de resistência entre jovens a partir das seguintes práticas: *graffiti*, *hip hop* e *skate*.

No estudo sobre *graffiti*, na tese de doutorado de Viviane Magro (2003), a autora visou destacar o gênero, a identidade e a juventude na cultura *hip hop*, em que se verificou que as garotas não se encontram isoladas nesses grupos, mas:

Inseridas em contingências, acontecimentos, relações com outros/meninos, com a cultura, a raça/etnia, com os aspectos socioeconômicos, afetivos, étários, ideológicos, cognitivos: experiências de meninas no *graffiti*, parte de um movimento cultural juvenil da periferia, o *hip hop*, um espaço de domínio predominante de homens (MAGRO, 2003, p. 199).

Viviane Magro (2003) traz as experiências dessas garotas, que transgridem e ocupam os espaços dominados por homens, tentando, assim, construir novos corpos e visibilizar a cultura do *graffiti* de mulheres no espaço urbano de periferia. Dessa forma, elas marcam presença nas ruas, através das suas cores nos *graffitis* espalhados, evidenciando e fortalecendo, nelas próprias, as identidades de transgressão no espaço público.

A análise dessas experiências evidenciou que, em uma cultura juvenil de periferia, os sujeitos possuem capacidade de formular questionamentos significativos, no campo social e político, e que suas falas são marginais, construindo e produzindo sentidos de resistência para manter a ordem social (MAGRO, 2003). A autora concluiu que

As experiências de identidades dessas adolescentes e jovens que fazem *graffiti* contribuem para uma compreensão da adolescência no contexto contemporâneo, ressaltando o nomadismo das experiências adolescentes no quadro das culturas juvenis. Diante dessa perspectiva, a relação adolescente, identidade e educação afasta-se da necessidade de uma definição de identidade como meta ou um pré-requisito para a entrada no mundo adulto, pois não há uma identidade, mas instantes de identidades, sempre mutantes, em devir, em um processo constante de autorizar-se (MAGRO, 2003, p. 201).

O artigo de Wivian Weller (2005a) abordou o significado de estilos culturais como o *hip hop* para jovens do gênero feminino. A pesquisa de campo foi realizada nas cidades de Berlim e São Paulo, com garotas de faixa etária entre 15 e 20 anos, não se restringindo a traçar contrastes e semelhanças entre as jovens berlinenses de origem turca e as jovens negras paulistanas.

A autora analisa as reflexões das jovens sobre suas experiências com os jovens do gênero masculino e suas dificuldades ao encarar a luta pelo seu reconhecimento como mulheres, na esfera de uma cultura juvenil de predomínio masculino (WELLER, 2005a).

Nessas análises, Wivian Weller (2005a) percebe que

[...] no contexto paulistano, existe uma antecipação dos preconceitos e da moralização em relação ao comportamento feminino, fazendo com que as jovens optem por uma estratégia de redução da proximidade ou até mesmo de privação de relações íntimas com colegas. Tal estratégia parece estar em contradição com a posição do grupo que luta pela equidade entre os sexos no movimento. No entanto, as experiências vividas no cotidiano, assim como as projeções em relação ao futuro (casamento, educação dos filhos), dificultam a aproximação entre o discurso e a prática da igualdade. Já entre jovens berlinenses de origem turca não são as meninas que se afastam dos rapazes, mas o contrário: com a puberdade a trajetória coletiva é rompida de forma violenta e o convívio recíproco é negado com o intuito de preservar um tipo de 'honra' masculina pautada em valores trazidos pelos imigrantes das gerações passadas. Embora a privação do convívio mútuo se coloque como um problema principalmente para as mulheres, que passam a ser "vigiadas" e "controladas" pelos companheiros do sexo oposto, as consequências de tamanhas restrições também podem ser observadas entre os rapazes, uma vez que os mesmos já não conseguem expressar sentimentos de afetividade e carinho para com as jovens do mesmo grupo étnico (WELLER, 2005a, p. 122).

No capítulo *O Skate Feminino no Brasil: estratégias de se fazer ver*, do livro *Skate & Skatistas: Questões Contemporâneas*, as autoras, Márcia Luiza M. Figueira e Silvana V. Goellner retratam a participação das mulheres no *skate* e as estratégias utilizadas pelo *skate* feminino no Brasil para sua estruturação e consolidação. Uma delas foi a criação do *site Skate para Meninas*, em 2002, com o objetivo de facilitar a comunicação entre as skatistas e divulgar o esporte. Logo depois, ainda em 2002, foi criado o *blog “Unidas pelo Carrinho”*, também utilizado para comunicação das garotas skatistas de todo o Brasil (FIGUEIRA; GOELLNER, 2012).

Assim, essas skatistas se fizeram vistas nos canais de divulgação produzidas por elas mesmas e procuraram ampliar sua presença em outros artefatos midiáticos. Dessa forma, as skatistas aumentaram sua visibilidade, além de promoverem debates, através das mídias, sobre o skate masculino e o feminino (FIGUEIRA; GOELLNER, 2012).

A tese que deu origem a esse capítulo explora de forma mais ampla as estratégias das skatistas para ganhar visibilidade pelo mundo e – de maneira mais expressiva – no Brasil, através de fontes de pesquisa extraídas de diferentes materiais produzidos por skatistas mulheres, tais como *sites*, *blogs*, revistas, comunidades virtuais, *zines*, encartes, reportagens e entrevistas, além de documentos diversos que tematizam o skate (FIGUEIRA, 2008).

Trazemos, para ampliar a discussão, uma tese e uma dissertação que utilizam do espaço virtual como meio de fazer pesquisa. A tese, escrita por Jeane Félix da Silva (2012), diz respeito aos caminhos e descaminhos das vidas com HIV/AIDS na juventude, utilizando como recurso metodológico entrevistas *on-line* via bate-papos virtuais, que é uma forma de adaptar as entrevistas convencionais para a internet. A autora escolheu esse método para a produção do material empírico da tese devido a alguns fatores, como: ter acesso aos/às jovens de várias partes do País, realizar as entrevistas em dias e horários variados, manter o anonimato e acessar jovens com perfis diferentes.

Apresentamos agora a dissertação de Marta Cristina Friedrichs (2009), trabalho que mais se aproxima da perspectiva na qual se escreve esta dissertação, por ter como tema as representações de corpo em *blogs* de mulheres que escrevem sobre si, ou seja, publicam confissões sobre os seus corpos.

Nesse trabalho (FRIEDRICHS, 2009), a autora traz as “falas” de mulheres blogueiras, brasileiras, nascidas na década de 1970, que escreviam *posts* regularmente em seus respectivos *blogs*, no período da coleta de dados da pesquisa.

A análise foi dividida em três eixos: no primeiro, foram analisados, nas falas das blogueiras, os padrões contemporâneos que instituem que a magreza e a aparência saudável, principalmente, são fundamentais na conquista da felicidade e da beleza; no segundo eixo, foram trazidas algumas representações que envolvem o amor romântico, o cuidado e a delicadeza, além de outros assuntos e temas que trazem os corpos femininos para as falas dessas mulheres; já o terceiro eixo mostra as representações de corpo associadas às sensações de paladar, olfato e tato (FRIEDRICHS, 2009).

Dentre algumas conclusões da dissertação, Friedrichs (2009) argumenta que os discursos apresentados pelas blogueiras possibilita a realização de uma análise cultural, bem como a associação dos modos de ser e estar no mundo, revelando a importância do corpo no mundo contemporâneo para essas blogueiras.

2.2. Corpo, grupos de estilo e cuidados de si

*“Que corpo é esse?
Que pulsa, escuta
Expulsa, abraça
Comporta, contém
O corpo ocupa!”
(O Teatro Mágico)*

A cultura define normas em relação ao corpo, que leva o indivíduo a resistir a custos de punições e gratificações até se acomodar, tornando esses padrões de comportamento naturais ao desenvolvimento dos seres humanos; porém, pode-se perceber que o corpo é influenciado por vários fatores sociais e culturais (RODRIGUES, 1979).

O indivíduo, de acordo com Le Breton (2012), que é influenciado pelo contexto social e cultural em que está inserido, faz com que o corpo se torne a evidência da sua relação com o mundo, na medida em que é a partir do corpo que surgem e se alastram os significados que fundamentam a existência individual e coletiva.

O corpo pode ser considerado uma construção cultural, visto que cada sociedade se expressa de formas diferentes em corpos diferentes. Pensar o corpo, apenas pelo

caráter biológico, torna-se um erro; afinal, homens de nacionalidades distintas apresentam semelhanças físicas, porém, para além disso, cada sociedade escreve nos corpos de seus integrantes significados que definem o que é corpo de maneiras variadas (DAOLIO, 1995).

De acordo com Daolio (1995):

O controle do uso do corpo aparece, portanto, como necessário ao surgimento da cultura. A cultura nada mais faz do que ordenar o universo por meio da organização de regras sobre a natureza. O controle da sexualidade coloca o corpo como sede da ordenação primeira da cultura sobre a natureza. O controle torna-se necessário para o surgimento do universo da cultura como condição de humanidade (p.37).

Em seu estudo, Mirian Goldenberg (2005) comenta a afirmação de Marcel Mauss (1974), segundo o qual os indivíduos de cada cultura, através da imitação prestigiosa⁵, constroem seus corpos e comportamentos, em que o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se referem ao corpo.

Isso nos mostra que o corpo

[...] socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. (LE BRETON, 2012, p. 26).

Dessa forma, há uma construção cultural do corpo, com uma valorização de certas características e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo peculiar para cada sociedade, podendo variar de acordo com o contexto histórico e cultural, e que seus membros, por meio da repetição intensa, copiam ações, condutas e corpos que alcançaram êxito e que se tornaram prósperos (GOLDENBERG, 2005).

O corpo tem sido investigado, analisado, invadido, falado e ressignificado, fazendo com que a mídia, a publicidade, a indústria da beleza façam dele um artefato do mercado econômico, social, cultural e virtual, produzindo um corpo do mercado de consumo que é constantemente construído e reconstruído, estabelecendo novas relações de poder (ANDRADE, 2003).

⁵ Imitação prestigiosa é quando os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e se tornaram bem-sucedidos.

A relação de poder pode ser assimilada como o cultivo de uma economia cognitiva, no duplo sentido do termo *economia*: tanto propicia a classificação de si, quanto simplifica o questionamento, pois é uma estratégia na qual o indivíduo supõe a sua singularização com base e no interior de crenças e valores gerados pela sua sociedade (VAZ, 2006).

Sendo assim, o corpo é considerado um objeto, pois assume valor simbólico relevante na atualidade, já que desperta grande interesse das pessoas e da mídia, podendo ser questionado, também, pelo nexos da cultura de consumo (MAROUN; VIEIRA, 2008).

Então, nessa sociedade do consumo, o corpo é apanhado pela ambiguidade entre liberdade e aprisionamento, ou seja, o homem tem sua liberdade manipulada ao escolher e conduzir suas ações diante das determinações explícitas que se colocam frente à necessidade de ser magro, ter saúde, ser jovem, expor feminilidade/virilidade, tudo ligado às práticas de sacrifícios que isso envolve. Assim, o corpo, associado à meta de cuidado de si, atribui a si mesmo o estatuto de significante de status social, visto que a centralidade de interesse nesse corpo não é de modo algum natural e aberta, é a resposta a imperativos sociais (CUPOLILLO; COPOLILLO, 2011).

Constitui-se, assim, um processo social de produção dos corpos, o qual implica prepará-los, moldá-los, mirando seu aproveitamento pela ordem social, mediante inclusão produtiva; ou, no sentido contrário, implica elaboração, modelagem e admissão dos corpos “para fora” da ordem produtiva, numa inclusão nas margens da produção, como contingentes afastados, de reserva inútil (COSTA, 2003).

Percebemos, então, que um processo social de produção de corpos disseminado na sociedade contemporânea é o dos “corpos perfeitos”, que se alastram por todos os lugares da vida moderna, fazendo com que a expectativa de corpo das pessoas em relação aos padrões de beleza seja uma provável causa da maior incidência de bulimia e anorexia, malhações exageradas e cirurgias plásticas estéticas (NETO; CAPONI, 2007).

Nessa busca pelo “corpo perfeito”, as narrativas de grande parte dos meios de comunicação têm sido cada vez mais vinculadas a determinados estereótipos corporais, associando o “ser belo” às imagens de felicidade, saúde, poder, virilidade, juventude, dentre outras. Por outro lado, temos outros corpos que não podem e/ou não querem alcançar esses padrões, e que acabam sendo submetidos a constante desvalorização e preconceito social (AGUIAR; BOTTI, 2011).

Verificamos, então, que a aparência corporal passa a corresponder à ação individual, relacionando-se ao modo de se expor socialmente e abrangendo a maneira de vestir, pentear, enfim, de se cuidar, fazendo com que o corpo passe do domínio privado para público (SANTIAGO *et al.*, 2011).

Percebemos, portanto, que a imagem da mulher na nossa cultura mistura-se com a da beleza, fazendo com que sua figura se justaponha à beleza, assim como a saúde à juventude, fazendo com que os cuidados físicos se tornem um meio de preparação para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais (NOVAES, 2006).

A partir dessa ligação entre mulher, juventude e beleza, formam-se grupos que se unem para conseguir alcançar ou superar as metas impostas socialmente, em busca do belo e do “corpo perfeito”. Esses grupos são chamados de grupos de estilo por terem como referência o pertencimento a um grupo, com um estilo, ou seja, um modo de comportamento a ser seguido, estabelecendo modos de identidade coletiva (KEMP, 1993).

Ocorre, assim, a formação de culturas juvenis, devido à existência de diferentes manifestações de jovens, com estilos e modos de vida distintos, criados e recriados de acordo com o local e o contexto social onde surgem, destacando-se uma certa invisibilidade para estudos de juventude com presença feminina (WELLER, 2005a).

Essa invisibilidade ocorre devido ao fato de que as expressões e estilos culturais de jovens do gênero feminino não são considerados pela concepção utilitarista, de forma preconceituosa, estereotipada e superficial, que não demonstra atitudes de protesto e resistência (WELLER, 2005b). No entanto, como vimos no capítulo anterior, existem estudos (FIGUEIRA, 2012; MAGRO, 2003; WELLER, 2005a) que trabalharam exclusivamente com culturas juvenis femininas que evidenciam as ações de protesto e resistência no ambiente em que estão inseridas.

Podemos dizer, então, que as jovens mulheres, que sofrem a pressão da sociedade por um “corpo perfeito”, formam grupos sociais em que se prioriza o próprio individualismo, ou seja, cada jovem mulher é chamada a afirmar o seu próprio valor, desenvolvendo o que chamamos de “cultura de si”, pois são valorizadas as relações de si para consigo (FOUCAULT, 2005), visto que é através dessa autovalorização que elas se tornam independentes e autônomas diante de seus próprios corpos, e assim conseguem formar um movimento de resistência e superação contra os preconceitos de corpo socialmente impostos.

3. Atualizando os posts: o campo de estudo

O estudo de campo é do tipo descritivo com abordagem qualitativa (BAUER; GASKELL, 2012), que se utiliza da etnografia no ciberespaço para produção do material empírico. Este trabalho respeita a lei de direitos autorais nº 9610/98, dando o devido crédito a todas as publicações retiradas do *blog*.

O estudo apresenta características de uma etnografia no ciberespaço que é realizada no espaço virtual, visando apreender uma realidade, que, por ser virtual, possibilita uma observação invisível, sem interferência no meio observado. É considerada mais rápida que a etnografia tradicional, por não demandar idas e vindas ao campo de estudo (PIENIZ, 2009; MONTARDO e PASSERINO, 2006).

Esse tipo de etnografia tem sido adotado para estudos que preconizam as interações comunicativas na rede e se convertem em modos de investigar os usos do ambiente digital. As novas formas de sociabilidade humana requerem configurações que se diferem das tradicionais nos procedimentos metodológicos, objetivando apreender os fenômenos recentes.

Pode-se analisar o ciberespaço como ambiente de inteligência e memória coletivas, como mídia passível de apropriações culturais de cidadãos comuns, como meio de produção, recepção ou circulação de discursos, como cenário de visibilidade diante de um contexto de midiatização (PIENIZ, 2009, p. 3).

Podemos compreender também o ciberespaço como um espaço de representações, de afirmações e reconfigurações de identidade. Percebemos o ciberespaço como local para expressão da diversidade, território virtual que possui poder de afirmar ou negar culturas locais, como espaço de socialização e difusão de ideias de minorias (PIENIZ, 2009).

Os dispositivos de comunicação pessoal – smartphones, tablets, computadores, entre outros – juntamente com a internet, permitiram novos meios de resistência e empoderamento, possibilitando aos/às jovens recursos para lutar por velhas causas – neste caso, a resistência da juventude aos padrões estéticos impostos pela mídia e pela sociedade.

Com a utilização da etnografia virtual (HINE, 2004 *apud* PIENIZ, 2009), é possível identificarmos as relações interpessoais, *locus* em que os/as jovens possuem voz para protestar, afirmar suas representações e formar identidades.

Para nos aproximarmos com o campo, foram pesquisados diferentes *blogs* utilizados pelas jovens para troca de opiniões em que o corpo fosse tema recorrente. Assim, fizemos uma busca inicial pelo site do Google⁶ de *blogs* utilizados por jovens mulheres com as seguintes palavras-chave: *blog*, juventude, feminina. Apareceram diversos *blogs*, e entramos em vários deles para escolher aqueles que participariam do estudo exploratório. Foram escolhidos, então, os *blogs* que só abordavam um tema específico para as suas postagens, como emagrecimento, musculação, livros, e que pelo seu histórico de postagens apresentavam pelo menos uma postagem diária sobre diversos assuntos, como desabafos, look do dia, cinema, dentre outros assuntos, para verificarmos qual teria mais postagens relacionadas com o corpo, tema de investigação desta pesquisa.

Foram selecionados seis *blogs*: Depois dos Quinze, Desejo Adolescente⁷, Cravo e Canela⁸, Descomplicando⁹, By Garotas¹⁰ e Dicas de Garota¹¹.

Na etapa seguinte, a pesquisadora passou a frequentar diariamente o ambiente virtual desses *blogs*, de junho a setembro de 2013, a fim de localizar postagens que tivessem alguma relação com o tema da representação de corpo, abordado na pesquisa, fazendo também uma observação flutuante em postagens anteriores ao período apresentado.

Depois desse mergulho nos *blogs*, foi selecionado o *blog* Depois dos Quinze, que tem visibilidade nacional e internacional¹², e apresentou maior número de postagens com os temas relacionados com a pesquisa.

Para acompanhar de forma mais completa e rápida o *blog*, passei a seguir o *blog* Depois dos Quinze e Bruna Vieira pelo Facebook¹³, Instagram¹⁴, Twitter¹⁵ e

⁶ Disponível em: < <http://www.google.com.br>>. Acesso em: 07 out. 2014.

⁷ Disponível em: < <http://www.desejoadolescente.com> >. Acesso em: 07 out. 2014.

⁸ *Blog* fora do ar.

⁹ Disponível em: < <http://ahoradevirarborboleta.blogspot.com.br> >. Acesso em: 07 out. 2014.

¹⁰ Disponível em: < <http://www.bygarotas.com> >. Acesso em: 07 out. 2014.

¹¹ Disponível em: < <http://www.dicasdegarota.com> >. Acesso em: 07 out. 2014.

¹² Reportagem “O 1% Top de *Blogs* Fashion Global”. Disponível em: < <http://www.signature9.com/style-99/fall-2013>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

Reportagem “Jovem blogueira Bruna Vieira lucra com venda de livros”. Disponível em: < <http://vejasp.abril.com.br/blogs/terracopaulistano/2013/11/jovem-blogueira-bruna-vieira-lucra-com-venda-de-livros/>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

Reportagem “Os Tops *Blogs* Estilo Globais: Primavera 2014”. Disponível em: < <http://www.signature9.com/style-99>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

YouTube¹⁶, ou seja, todas as redes sociais às quais ela está vinculada, recebendo notificações com todas as publicações do Facebook instantaneamente.

Acompanhando o *blog* durante seis meses, foram lidas várias postagens. A maioria delas estava na categoria de “Comportamento”, pois o próprio *blog* categoriza as postagens publicadas, de forma que pudemos selecionar algumas para fazer parte do estudo.

Após esse tempo de seis meses acompanhando o *blog*, foram selecionadas 05 postagens publicadas em 2013 e que estavam de acordo com os tema proposto para análise (corpo, cuidados de si e grupos de estilo) e tinham mais comentários para serem analisados: “Como descobri que nunca fui gorda”; “O reflexo e eu”; “Corpão”; “Superando os próprios preconceitos”; “Look: Garfield Del Rey”.

Foram lidos todos os comentários de todas as postagens coletadas, porém só foram transcritos na dissertação os que possuíam conteúdo para a análise, sendo excluídos os comentários que apenas elogiavam o texto ou a blogueira, e os que tinham apenas *emoticons*¹⁷.

Para me aproximar ainda mais do universo pesquisado, fui à 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, no dia 24 de agosto de 2014, pois nesse dia a Bruna lançou o seu quarto livro, fez uma seção de bate-papo com a autora Paula Pimenta e autografou 700 livros.

Gravei a seção de bate-papo e fui uma das 100 primeiras a ter o livro autografado. Para assistir, o acesso era livre, porém para autografar o livro era necessário pegar uma senha. Peguei a senha logo que entrei no pavilhão em que aconteceu a Bienal e fui para o local em que aconteceria o bate-papo. Assim que terminou a seção de bate-papo, começou a primeira parte dos autógrafos.

¹³ Facebook: rede social na qual os usuários criam um perfil pessoal, adiciona outros usuários como amigos e trocar mensagens, podem participar de grupos de interesse em comum, criar álbuns de fotos, status do dia com chek-in. Facebook Bruna Vieira, disponível em: <<https://www.facebook.com/brunacvieira?fref=ts>>. Facebook Depois dos Quinze, disponível em: <<https://www.facebook.com/blogdepoisdosquinze?fref=ts>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

¹⁴ Instagram: rede social online de compartilhamento de foto e vídeo, que permite os usuários aplicar filtros digitais e compartilhar em outras redes sociais. Uma característica peculiar são as fotos em formato quadrado, imitando as câmeras Polaroid. Instagram Bruna Vieira, disponível em: <<http://instagram.com/depoisdosquinze>>. Acesso em: 18 out. 2014.

¹⁵ Twitter: rede social que permite os usuários enviarem e receberem atualizações pessoais com textos de até 140 caracteres. Twitter Bruna Vieira, disponível em: <<https://twitter.com/brunavieira>>. Acesso em 18 nov. 2014.

¹⁶ YouTube (www.youtube.com): site que permite seus usuários carregarem e compartilharem vídeos em formato digital. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/canaldepoisdosquinze/>>. Acesso em: 18 out. 2014.

¹⁷ Desenhos utilizados em comentários ou em conversas virtuais.

Quando chegou a minha vez de Bruna autografar o livro, falei com ela que estava ali também para pedir a ela uma entrevista para a minha dissertação. Expliquei brevemente sobre a pesquisa, e ela se mostrou interessada e perguntou à assessoria se ela tinha disponibilidade de horário naquele dia mesmo. Como não houvesse horário, ela pediu que eu anotasse o meu e-mail no celular dela para que ela pudesse entrar em contato comigo. Para finalizar, tiramos uma foto juntas (Figura 1), que foi publicada no site da editora. Desde então, enviei alguns e-mails, porém não obtive resposta. Assim, foi descartada essa entrevista para esta dissertação.

Figura 1 - Foto com Bruna Vieira



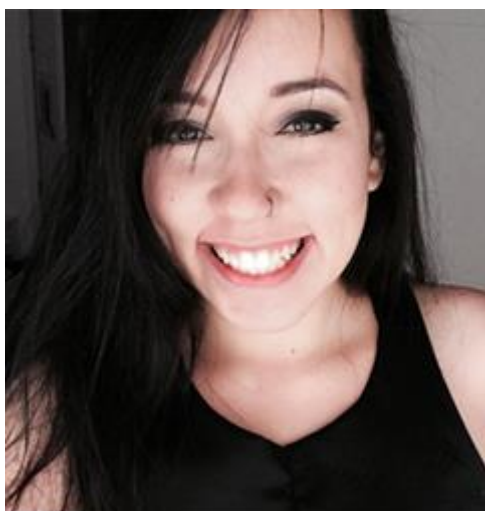
Fonte: Editora Gutenberg

Com o término das coletas das postagens no *blog*, procedemos à análise e à discussão dos dados em diálogo com a literatura, analisando os discursos presentes no *blog* para compreender o universo de sentidos e significados, os interesses e a construção de representações de corpo e cuidados de si entre as jovens de acordo com os objetivos do trabalho.

3.1. Trajetória da jovem blogueira: Bruna Vieira

A partir da conjuntura apresentada, estabelecemos uma maior aproximação com a trajetória da jovem blogueira Bruna Vieira (Figura 2), para entendermos melhor a presença feminina nas manifestações culturais e político-sociais, pois, ao mesmo tempo em que as culturas juvenis podem ser entendidas como forma de protesto e/ou resistência, algumas culturas juvenis femininas, por conta de preconceitos, são vistas de forma superficial e estereotipada, dando a impressão de que não possuem atitudes de protesto ou resistência (WELLER, 2005a; 2005b).

Figura 2 - Bruna Vieira



Fonte: *Blog* “Depois dos Quinze”

Nesse sentido, descrevemos a trajetória de Bruna Vieira, blogueira desde os 15 anos, criadora do *blog* “Depois dos Quinze”, que utilizamos para a coleta de dados, de modo a relatarmos como ela havia se tornado uma blogueira e escritora de sucesso.

Bruna Vieira é uma jovem mulher que nasceu em maio de 1994, na pequena cidade de Leopoldina, em Minas Gerais, Brasil. Atualmente, com 21 anos, mora na cidade de Atibaia/SP com a sua família, é blogueira, escritora e colunista de uma revista juvenil.

Conhecida por usar batom vermelho (THEODORO, 2014), Bruna já possui mais de 500 mil seguidores nas redes sociais. O *blog* chega a ter 60 mil acessos distintos por dia. Bruna é considerada uma das blogueiras mais influentes do mundo – na última classificação dos 100 *blogs* mais visitados no mundo, seu *blog* alcançou a colocação de número 51¹⁸. A jovem já lançou quatro livros (Figura 3), dois deles em 2014.

¹⁸ Reportagem “Os Tops *Blogs* Estilo Globais: Primavera 2014”. Disponível em: <<http://www.signature9.com/style-99>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

Figura 3 - Capa dos livros publicados por Bruna Vieira



Fonte: *Blog* “Depois dos Quinze”

A carreira de sucesso começou em 2008, quando Bruna, aos 15 anos, estudando o Ensino Médio no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) de Leopoldina, em Minas Gerais, resolveu criar o *blog* “Depois dos Quinze”, para superar uma desilusão amorosa, fazendo dele um diário virtual, que representava seu refúgio.

Na época, era muito tímida, introspectiva e odiava o seu próprio corpo. Ela diz que o *blog* a ajudou a superar alguns traumas e a entender que não era a única adolescente a ter desilusões amorosas. Nesse sentido, ela conseguiu descobrir, através da escrita no *blog*, um novo universo, que a possibilitou se transformar em uma blogueira. À medida que o *blog* foi crescendo, Bruna deixou de falar apenas da sua vida e passou a tratar de assuntos que a interessavam, como fotografia, moda e música.

Quando estava com 17 anos, mudou-se de Leopoldina para São Paulo/SP, deixando a família e o namorado para realizar seus sonhos: o *blog* se tornou o seu trabalho, ao qual se dedicava oito horas por dia. Bruna faz campanhas, escreve livros, faz viagens, conseguindo, muito jovem, sua autonomia financeira.

Em 2012, publicou seu primeiro livro, que já está na sexta edição. Além disso, foi convidada a fazer parte da equipe de colunistas da revista *Capricho*¹⁹, e continua escrevendo para a revista até hoje. No seu primeiro livro, chamado **Depois dos Quinze: Quando tudo começou a mudar**, Bruna selecionou as crônicas e os contos escritos por ela, que na sua maioria já havia publicado anteriormente no *blog*, que fizeram desse livro uma mistura de histórias, desabafos e segredos (VIEIRA, 2013).

¹⁹ Revista brasileira mensal da Editora Abril voltada para o público jovem feminino que traz assuntos como beleza, moda, música e diversão.

Em 2013, Bruna lançou seu segundo livro, que já está na segunda edição, **De volta aos quinze**, sendo seu primeiro romance da série *Meu Primeiro Blog*, marcando sua estreia no universo da ficção. Nesse livro, ela conta a história de Anita, uma mulher de 30 anos que retorna ao seu primeiro *blog*, escrito quando tinha 15 anos, e passa a reviver as aventuras da época em que estava no Ensino Médio (VIEIRA, 2014a).

No primeiro semestre de 2014, Bruna publicou o seu terceiro livro, **A menina que colecionava Borboletas**, que reúne 48 crônicas, algumas já publicadas no *blog*. Nesse livro, ela mostra o seu amadurecimento através das crônicas, desvelando sua maneira particular de encarar a vida com seus desafios. Para Bruna, as páginas desse livro representam o bater de asas das borboletas que colecionou dentro do peito por algum tempo e que agora, finalmente, podem voar livres por aí (VIEIRA, 2014b).

O quarto foi lançado no segundo semestre de 2014. **De volta aos sonhos** é o segundo livro da série *Meu Primeiro Blog* e dá continuação à história de Anita, que retorna ao passado mais uma vez, tendo consequências que a fazem repensar nas suas prioridades de vida.

Recentemente, por sentir falta da família por perto, Bruna comprou um sítio em Atibaia, a 70 km de São Paulo, para sua família se mudar de Leopoldina e, assim, ela voltar a morar com seus pais.

Na edição de agosto de 2014 da revista *Capricho*, Bruna foi capa da revista, sendo a primeira vez em que uma colunista da revista ganha a capa. Essa escolha se deu por vários motivos, dentre os quais destacamos: para sua geração, os ídolos são escolhidos a dedo pelos que disputam espaço na rede; a escolha por um ídolo na *web* tem mais a ver com ideias, visto que Bruna combate a imagem de “perfeitinha”; uma garota comum de uma cidade do interior de Minas Gerais que se tornou influente em várias partes do mundo.

Nessa entrevista, Bruna fala sobre sua vida, revelando ter ajudado muitas garotas a se sentirem livres para usar o “batonzão vermelho”, que é sua marca registrada. Bruna diz que começou a usar o batom vermelho para se defender, fazendo dele um escudo, pois sempre sofreu *bullying* na escola por ser estrábica, ter uma “juba de leão” (como ela mesma diz) e usar maquiagens nada convencionais, sendo uma forma de não se esconder e, ao mesmo tempo, demonstrar que não tinha medo (THEODORO, 2014). Desde que ela se mudou para São Paulo, engordou 10 quilos; porém, afirma não se incomodar com isso, tampouco com as críticas das pessoas em relação ao seu peso, apenas deixou de usar algumas roupas. Mas, como ela tem gastrite, por causa do

excesso de trabalho e preocupação, isso a tem forçado a ter mais atenção com a alimentação, o que a acaba auxiliando na dieta.

Em uma entrevista feita na Bienal Internacional do Livro de São Paulo²⁰, Bruna diz que a internet é um meio muito dinâmico, o qual possibilita a qualquer pessoa criar um conteúdo e postar, não havendo necessidade de estar em uma cidade grande ou “ter dinheiro”: é necessário apenas ter uma boa ideia. Na medida em que Bruna percebe que muitas jovens ficam na *internet* por muito tempo, ela incentiva que elas criem o seu próprio *blog*. Não para serem blogueiras profissionais, obrigatoriamente, mas para usar o *blog* criado a seu favor, como ela mesma fez no início do **Depois dos Quize**, pois foi o meio pelo qual conseguiu superar uma desilusão amorosa.

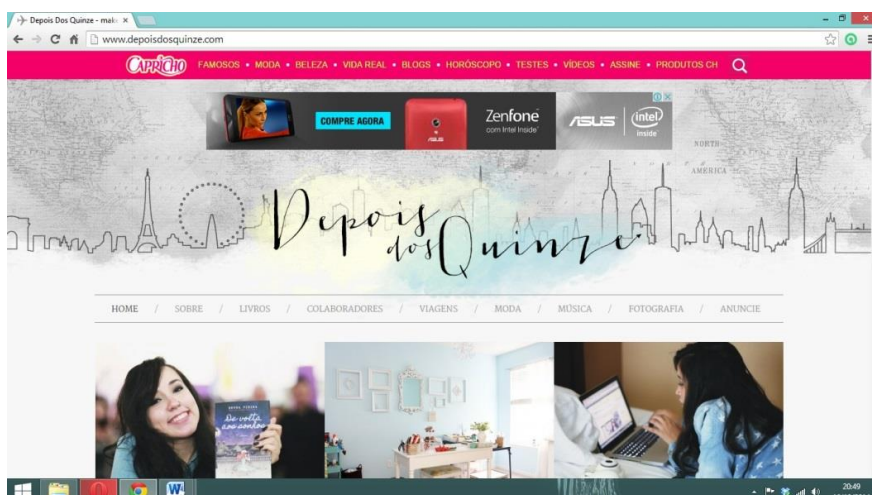
Nessa entrevista, Bruna fala que estudou até o Ensino Médio, e que fez o curso integrado com o técnico de informática industrial. Apesar de tal formação não ter muita relação com o que faz hoje, ela entende que isso aguçou o seu interesse por computador e *internet*. Bruna conta ainda que já fez cursos para aprimorar a sua escrita e que acha importante cursar o Ensino Superior. Pretende entrar em 2015 no curso de rádio e tv, porém, como um curso superior exige muito tempo, ela precisará fazer escolhas acerca de suas prioridades.

3.2. O blog Depois dos Quinze: como é esse “mundo”

O *blog* Depois dos Quinze (Figura 4) cresceu ao longo dos anos e hoje tem mais de 500.000 seguidores/as e 60 mil acessos diários, sendo reconhecido nacional e internacionalmente. É administrado por Bruna Vieira, a qual, a partir da necessidade de manter o *blog* atualizado e com matérias e assuntos novos, passou a contar com uma rede de colaboradores/as, que hoje é composta de um homem e seis mulheres, apresentando sempre postagens diárias.

²⁰ Entrevista pública gravada pela pesquisadora.

Figura 4 - Blog Depois dos Quinze



Fonte: *Blog* “Depois dos Quinze”

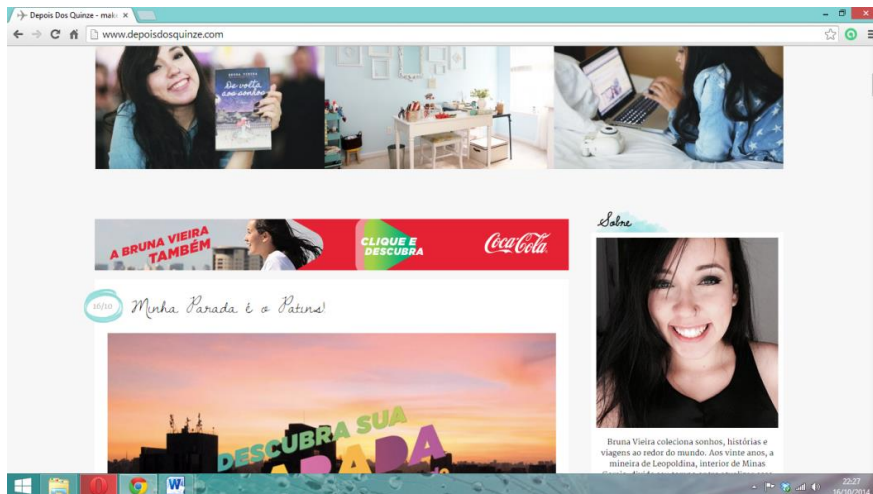
O *layout*²¹ atual (Figura 4) – que o blog apresenta desde o dia 02 de junho de 2014 – foi inspirado nas viagens que estão por vir, fazendo alusão à França e a Nova Iorque, conforme esclarece Bruna Vieira, em sua página no *Instagram*. Logo que abrimos a página do blog, há uma barra da revista *Capricho* com *links*²² que levam direto para o site da revista, seguido por uma propaganda. Assim, ao começarmos a descer com a barra de rolagem do *blog*, nos deparamos com uma linha com nove *links*: home, sobre, livros, colaboradores, viagens, moda, música, fotografia e anuncie.

O *link* “**Home**” é a página inicial do *blog*. Com o rolar da página, podemos observar o destaque de três imagens que levam a postagens diferentes: no canto direito, a foto da Bruna Vieira com um breve perfil e, do lado esquerdo, as postagens por ordem de publicação, sendo a mais recente a primeira delas (Figura 5).

²¹ *Layout* é uma palavra inglesa, muitas vezes usada na forma portuguesa “*leiaute*”, que significa plano, arranjo, esquema, design, projeto. É um esboço ou rascunho que mostra a estrutura física de uma página de um jornal, revista ou página na internet.

²² *Link* é qualquer elemento de uma página da Web que possa ser clicado com o mouse, fazendo com que o navegador passe a exibir uma nova tela, documento, figura, etc. (LÉVY, 2010).

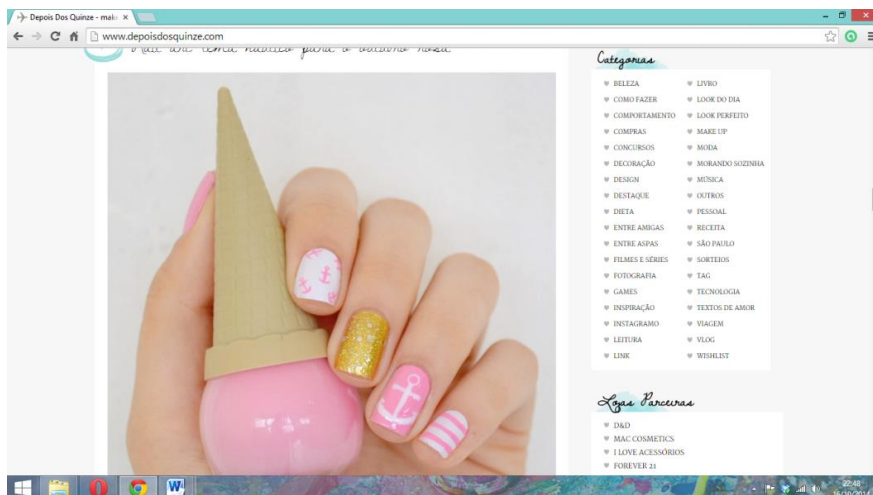
Figura 5 - Foto da Bruna Vieira à direita e postagem à esquerda



Fonte: Blog “Depois dos Quinze”

Seguindo a barra de rolagem, veem-se, abaixo da foto de Bruna, algumas redes sociais²³, que permitem às pessoas a acompanharem, assim como a seu *blog*. Algumas propagandas, um quadrinho com as fotos do *Instagram*, as capas dos livros já publicados por Bruna, um vídeo do seu canal do YouTube, as categorias que dividem as postagens do *blog* e as lojas parceiras (Figura 6). Dessas categorias, a que mais nos interessou foi a de comportamento.

Figura 6 - Categorias das postagens

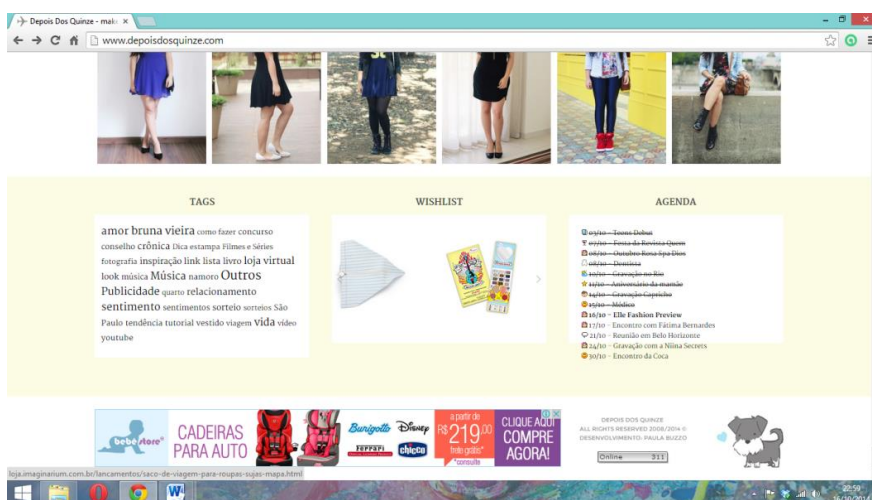


Fonte: Blog “Depois dos Quinze”

²³ Sites ou páginas da internet onde se estabelece conjunto de relações entre pessoas ou organizações que partilham interesses, conhecimentos e valores comuns por meio da internet, através de publicação de comentários, fotos, links, etc. (Dicionário de Língua Portuguesa On-line, 2014)

No final da página, há seis fotos com *looks* do dia, os *tags*²⁴, uma *wishlist*²⁵ com foto de produtos para clicar e ir ao site de compras, a agenda do mês de Bruna, mais propagandas; e, no final da página, está o contador de pessoas online no momento (Figura 7).

Figura 7 - Tags, wishlist e contador de pessoas



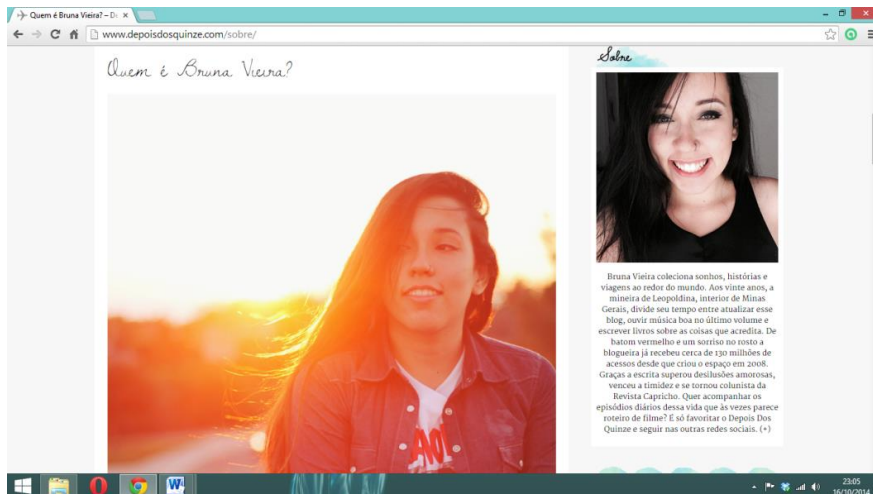
Fonte: *Blog* “Depois dos Quinze”

No link “**Sobre**” (Figura 8), Bruna faz uma apresentação sobre si, contando onde nasceu, a sua idade, onde mora atualmente, como criou o *blog* e quais livros já lançou.

²⁴ “Tag” em inglês quer dizer etiqueta; na internet, são palavras que servem justamente como uma etiqueta e ajudam na hora de organizar informações, agrupando aquelas que receberam a mesma marcação, facilitando encontrar outras relacionadas. A forma mais comum de utilizar as tags é relacionar textos na internet. Escreve-se um texto e, ao relacioná-lo a uma tag, todos os textos que são relacionados a essa tag podem ser encontrados mais facilmente. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/navegador/2051-o-que-e-tag-.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

²⁵ Lista de desejos.

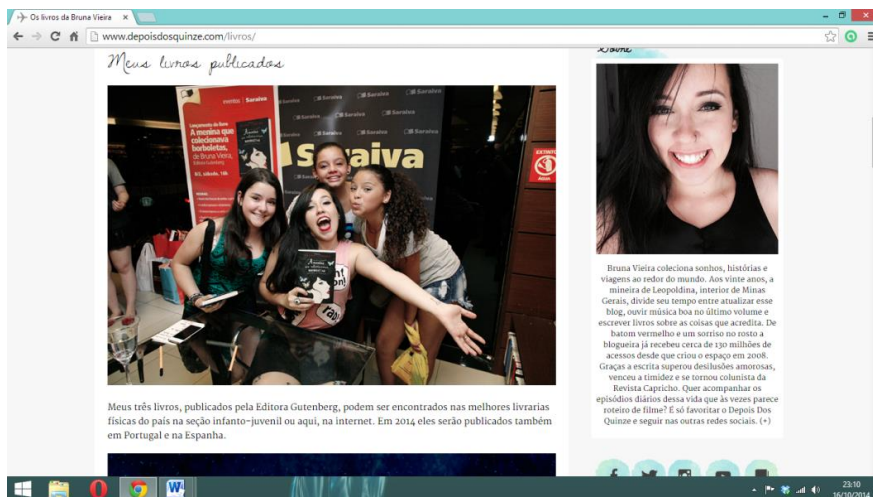
Figura 8 - Link “Sobre”



Fonte: Blog “Depois dos Quinze”

Na aba “**Livros**” (Figura 9) estão as capas dos livros lançados por Bruna pela Editora Gutenberg, com um *link* para comprar cada livro e com a informação de que os livros serão publicados também em Portugal e na Espanha.

Figura 9 - Aba “Livros”



Fonte: Blog “Depois dos Quinze”

No link “**Colaboradores**” (Figura 10), aparece o nome com uma pequena apresentação de cada um dos sete colaboradores do *blog*. São seis garotas (Karine Rosa, Paula Buzzo, Au Sonsin, Maria Ienke, Fabiane Secches e Danielle Noce) e um rapaz (Jefferson Souza), e todos moram em diferentes lugares do Brasil. Esses colaboradores

foram sendo selecionados à medida em que o *blog* foi crescendo e tendo a necessidade de estar sempre atualizado.

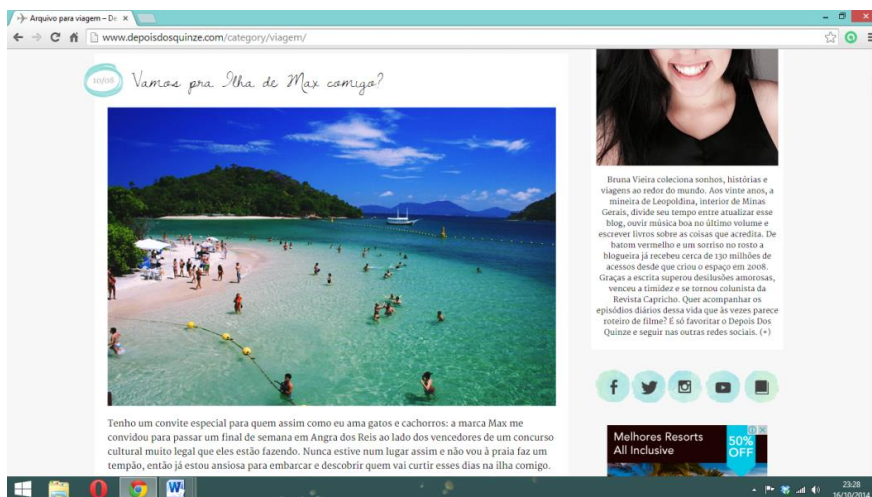
Figura 10 - Link “Colaboradores”



Fonte: *Blog* “Depois dos Quinze”

Na aba “Viagens” (Figura 11) estão as postagens relacionadas a viagens de modo geral ou falando sobre as viagens realizadas por Bruna ao longo desses anos de *blog*, dando dicas de passeios, alimentação, aplicativos para ajudar durante a viagem e sugestões de destinos.

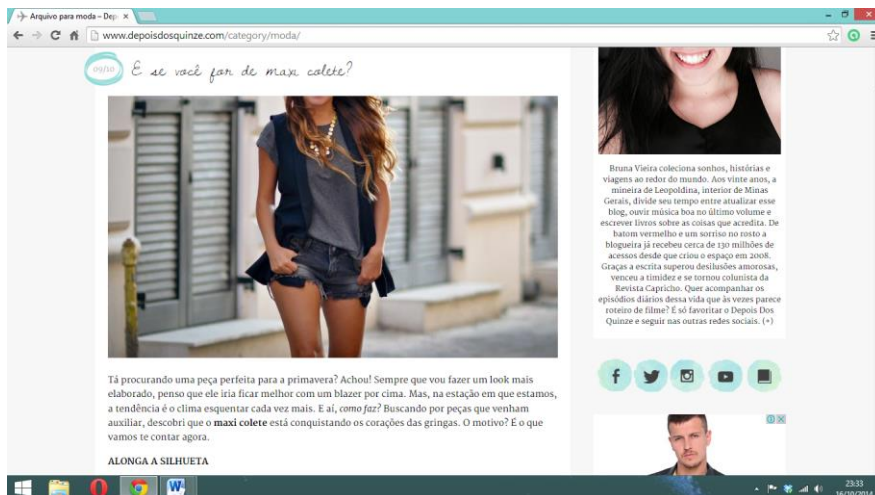
Figura 11 - Aba “Viagens”



Fonte: *Blog* “Depois dos Quinze”

No link “Moda” (Figura 12), estão as postagens com dicas de looks²⁶ para diversos estilos e tipos de pessoas diferentes, seja de roupa ou acessórios.

Figura 12 - Link “Moda”



Fonte: Blog “Depois dos Quinze”

Na aba “Música” (Figura 13), estão os *posts* relacionados com música, como entrevistas com cantores, sugestões de *playlist*²⁷ e shows que acontecerão pelo Brasil.

Figura 13 - Link “Música”



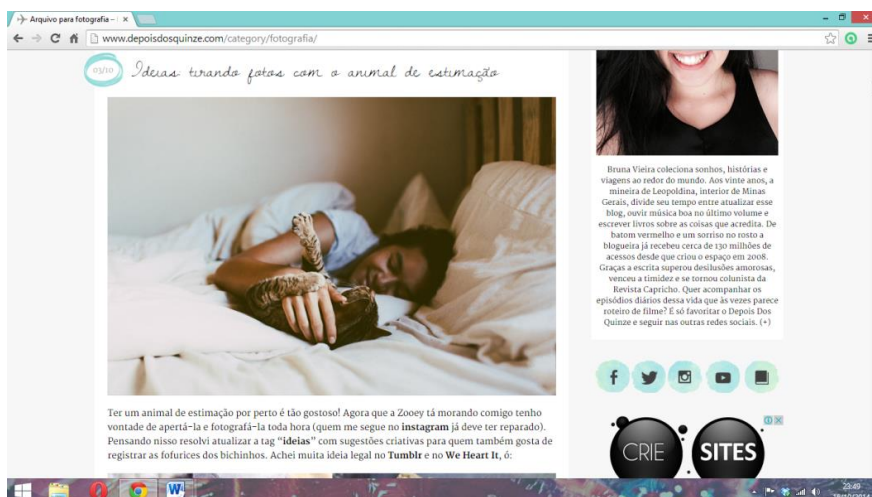
Fonte: Blog “Depois dos Quinze”

²⁶ Look: aparência ou estilo, sobretudo com relação a penteado e a vestuário (Dicionário de Língua Portuguesa On-line, 2014).

²⁷ Lista de músicas.

Na aba “**Fotografia**” (Figura 14), estão todas as postagens relacionadas a fotos que já foram publicadas por Bruna ou seus colaboradores, por exemplo, aplicativos de celular para montar fotos, fotos de leitoras, álbum de fotos de viagem, dentre outros.

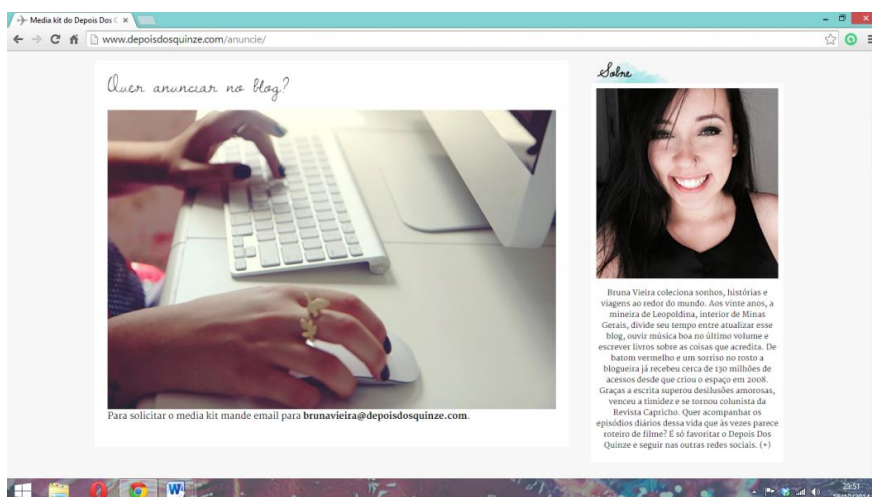
Figura 14 - Aba “Fotografia”



Fonte: Blog “Depois dos Quinze”

O link “**Anuncie**” (Figura 15), abre um *post* com uma foto e o endereço de e-mail, possibilitando entrar em contato caso se queira anunciar algum produto no *blog*.

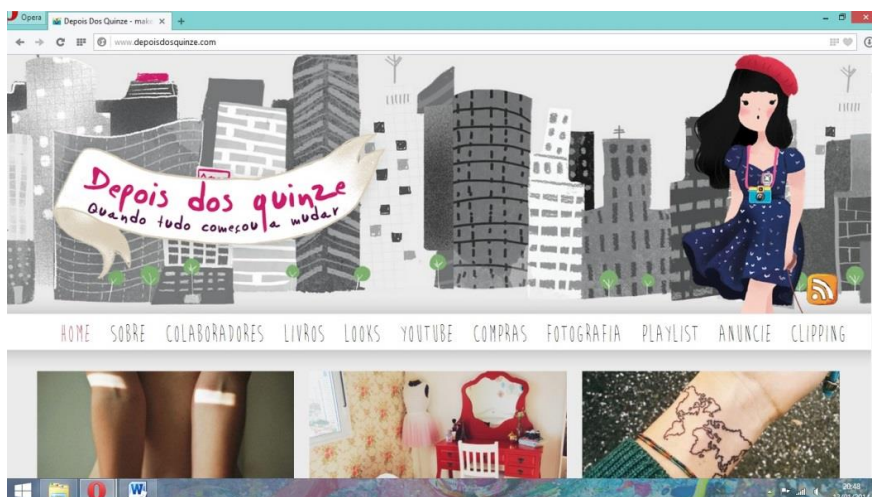
Figura 15 - Link “Anuncie”



Fonte: Blog “Depois dos Quinze”

Desde que comecei a acompanhar o *blog*, em maio de 2013, ocorreram duas mudanças de *layout*. O inicial (Figura 16) estampava o desenho da capa do seu primeiro livro, com onze *links* na barra inicial e três fotos de postagens em destaque.

Figura 16 - *Layout* inicial



Fonte: *Blog* “Depois dos Quinze”

No dia 02 de março de 2014, o *layout* do *blog* mudou novamente (Figura 17). A cor de fundo passou a ser bege, os *links* no início da página deixaram de ser 11 e passaram a ser 9, saindo da lista os itens: Sobre, Fotografia e Clipping. Foi acrescentado o item Viagem; o item YouTube passou ser chamado de Vídeos, e o Playlist, de Músicas. As reportagens passaram a ser cinco, em vez de três, e a coluna com a foto de Bruna e demais itens passaram para o lado direito do *blog*.

Figura 17 - Segundo *layout*



Fonte: *Blog* “Depois dos Quinze”

4. Afinal, sobre o que elas escrevem e pensam?

Acompanhando o *blog*, cinco postagens que falam de corpo nos chamaram a atenção – “Como descobri que nunca fui gorda”; “O reflexo e eu”; “Corpão”; “Superando os próprios preconceitos”; “Look: Garfield Del Rey” –, duas das quais foram escritas por Bruna, e as outras três por colaboradoras.

A postagem “Como descobri que nunca fui gorda”²⁸ (Figura 18) foi escrita pela colaboradora Luisa Clasen, chamada também de Lully, no dia 01 de junho de 2013.

Figura 18 - Post “Como descobri que nunca fui gorda”



Fonte: *Blog* “Depois dos Quinze”

Como podemos observar, essa postagem apresenta inicialmente a imagem de uma garota se olhando no espelho com sua imagem refletida não nítida, dando a entender que não importa a imagem que é refletida no espelho, mas o que você é e como se sente, que é a mensagem final da postagem. Segue na íntegra a postagem:

Eu li uma matéria no youPIX sobre barriga negativa (e logo depois saiu uma sobre barriga positiva) que me fez pensar bastante sobre o corpo e a danada da pancinha. Lembrei de ser adolescente e lutar contra o peso, idas ao médico e dietas que me deixavam infelizes. Tudo por um corpo “mais bonito”.

Eu sempre estive acima do peso, mas acredito que de forma saudável. Nunca cheguei a ser obesa, ficava na faixa do sobrepeso. Minha família me estimulava da melhor maneira

²⁸ Link: <<http://www.depoisdosquinze.com/2013/06/01/como-eu-descobri-que-nunca-fui-gorda/>> Acesso em: 18 nov. 2014.

possível a perder peso (com exceção das sutis palavras do meu pai, como vocês acompanharam no meu Draw My Life). Sempre que eu ia pra casa da minha avó, ela tentava fazer menos doces, ou pelo menos usar adoçante nas coisas. Aliás, só fui me permitir comer açúcar de verdade há pouquíssimo tempo. Antes, sempre que existia a opção, era o light. Chá gelado LIGHT, refri LIGHT, biscoito LIGHT, pão LIGHT, tudo o que pudesse me ajudar a emagrecer.

Mas eu notava que mesmo comendo com qualidade e moderação, não conseguia emagrecer. E fui percebendo que talvez meu fracasso pra emagrecer estivesse relacionado a eu mesma não acreditar que estava feia daquele jeito. É claro que se por um milagre que ficasse uns 5kg mais magra, não reclamaria! Mas eu mesma gostava de mim e das minhas gordurinhas. Quanto mais velha eu fui ficando, mais eu comecei a gostar de ser diferente. Pintando o cabelo de rosa e tendo uma bunda maior do que a de todas as garotas que eu conhecia era um jeito legal de ser assim. Não foi fácil, mas tenho muito orgulho de ter resistido às tentativas de padronização de todos.

Em 2011 eu realmente senti que precisava perder um pouco de peso porque via meu rosto nos vídeos e achava que tinha coisa sobrando ali. Sempre tive a sorte de ser a tal da “falsa magra”: rosto e braços magros, gordura na barriga e no bumbum. Logo, se eu estava vendo meu ganho de peso nos vídeos, tinha algo de errado. Me esforcei mais do que nunca e consegui perder 6kg em 6 meses, seguindo uma dieta da nutricionista. E sim, eu bati o pé pra não parar de comer chocolate depois do almoço (só tive que diminuir a quantidade pela metade). Não fiquei infeliz durante a dieta, porque ela respeitava o que eu gostava de comer e meus horários. Junto com a dieta, fazia aula de dança 5 vezes por semana. Esvaziei minha conta bancária pagando esse montão de aulas e ainda teve apresentação no final do ano com mil figurinos, mas consegui meu objetivo.

Mas veja bem, meu objetivo era passar de 76kg para 70kg (tenho 1,71m de altura, caso vocês perguntem). Meu modelo de corpo nunca foi tirado de uma revista. Eu só queria que meu rosto

voltasse ao normal e, esperançosamente, sair do 46 e voltar pro 44 no jeans (e também porque estava se tornando cada vez mais difícil encontrar calças. Se elas estivessem disponíveis, talvez isso nem fosse um problema pra mim). Eu dançava ballet, ao lado de várias colegas magérrimas. Ia comprar meia-calça e collant e sempre me frustrava com os tamanhos: o que era tamanho único ficava super apertado e os Gs pareciam Ms. No começo, foi a força de vontade de me ajudou a continuar. Depois, foram os resultados. Agora, o amor pela dança é maior do que qualquer dieta ou qualquer obstáculo: danço porque amo e desencanei de ser a aluna mais gorda da sala.

Eu estava tão acostumada com os padrões de Curitiba que uma vez fui numa feira de artesanato lá em São Paulo e já ia passando reto por uma barraquinha cheia de vestidos lindos. Meu namorado me parou e perguntou se eu não queria experimentar. Falei automaticamente: “nenhum deles vai servir em mim, são sempre muito pequenos”. Ele insistiu, eu entrei, experimentei o G e tive que pedir um M! Foi então que a vendedora, uma moça simpática e um tanto quanto gordinha me falou: “aqui a gente faz tamanho de brasileira, com bundão mesmo!” — Me apaixonei na hora.

Ela descobriu exatamente onde estava minha neura: eu estava me comparando a uma população praticamente inteira de descendente de europeus, com formas menores e menos curvilíneas. Eu também sou de família alemã, mas com uma misturinha que me fez ser brasileira. E depois disso, os sinais ficavam claros pra mim: **tudo depende do contexto**. Indo pro Rio de Janeiro direto, descobri que lá não estou nem perto de ser gorda! Como pode mudar tanto assim? Assim como eu sou gorda em Curitiba e ~gostosa~ no Rio, as meninas que são “magras demais” lá, seriam as maiores gatas aqui no sul!

Ok ok, mas o que isso tudo tem a ver com barriga positiva e barriga negativa? Isso tudo é um padrão que a gente vê fora do nosso contexto e sem pensar no nosso próprio corpo. Geneticamente, o corpo de mulheres caucasianas é muito menor do que de quem tem alguma mistura negra. E quem são os nossos

modelos de beleza? Giselle Bündchen, Kate Moss e outras mil modelos que são magras (e, desculpem a expressão, mas frequentemente são magras de ruim! Daqueles que come tudo e não engorda). **Aí você pega seu corpinho estilo Beyoncé e quer mutilar e mudar tudo nele:** metabolismo, gordura, formas, tudo pra ficar embalada a vácuo como as mulheres da revista. E o pior: você quer ter um corpo de modelo, sem ser modelo. O que você acha que vai acontecer se você conseguir esse objetivo? Vai ser chamada pra ser modelo? Dificilmente.

Pense o mesmo pra quem é magra de ruim: a garota vai tentar a vida inteira ser ~barriga positiva~, vai comer brigadeiro e fast-food todo dia e não vai engordar. Ela também está infeliz, porque o corpo dela não é como ela quer. **Você vai dizer que ela está errada?** Que ela precisa se amar magra, porque isso é que é bonito?

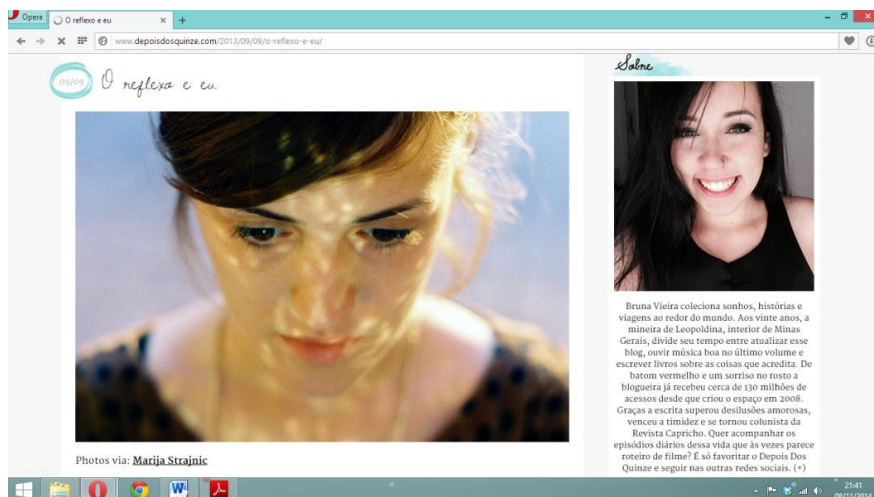
Então eu te digo: você tem que se amar gordinha. Seja saudável, esteja num peso legal, sem doenças relacionadas, fazendo atividade física. Mas ame seu corpo como ele é! Tire o estigma da palavra "gorda" e seja feliz. Use um bikini e sente na areia sem aquela preocupação com sua pancinha. **A pancinha é linda, gente!** Mostra que você tem preocupações mais nobres do que emagrecer a qualquer custo: estudar, fazer uma carreira, construir uma família equilibrada e feliz.

As magras sempre tiveram a sorte de serem as queridinhas dos estilistas nas passarelas, então está na hora de nós sermos as queridinhas de nós mesmas. Tire da cabeça seus padrões photoshopados e pense no SEU corpo. Convido você agora a olhar pra sua pancinha e amá-la macia e deslumbrante como ela é. O mundo não é perfeito, tem gente magra querendo engordar e gente gorda querendo emagrecer. Só que se a gente conseguir ver beleza no que é considerado "imperfeição", acredito que estaremos cada vez mais perto da felicidade.

Essa postagem teve 138 comentários, sendo 19 (Anexo I) importantes para o trabalho. Notamos através deles que as seguidoras gostaram da postagem e que várias se identificaram com o texto, pois passam pela mesma situação.

“O reflexo e eu”²⁹ (Figura 19) foi publicado no dia 09 de setembro de 2013 pela colaboradora Karine Rosa.

Figura 19 - Post “O reflexo e eu”



Fonte: Blog “Depois dos Quinze”

Essa postagem começa com a imagem de uma mulher olhando possivelmente o seu reflexo na água ou no espelho mesmo, fazendo uma expressão de não saber se gosta ou não do que está vendo. Segue o *post* na íntegra:

Eu tive problemas com o espelho como a maioria das adolescentes com quem eu convivia. Olhava meu reflexo e era sempre assim: estou gorda demais, magra demais, meu cabelo não colabora, meu nariz é grande e feio, sou muito alta, sou muito baixa, sou muito eu. Acho que, durante muito tempo na vida, a gente cresce tentando se espelhar em alguém que não seja o próprio reflexo. Na melhor amiga, nos pais, naquela tia super legal que conhece o mundo, em um ídolo. A gente vive por aí procurando exemplos de como a gente queria ser, o que a gente queria fazer e o tipo de vida que a gente queria levar.

Demora um pouco até a gente reparar que o outro nunca vai refletir quem a gente é de verdade. E não é tão fácil aceitar que não precisamos ser igual a ninguém (sempre parece clichê demais ouvir que o “diferente é normal”). Demoramos a aceitar a própria aparência, nossas características, manias e limitações.

²⁹ Link: < <http://www.depoisdosquinze.com/2013/09/09/o-reflexo-e-eu/> > Acesso em: 18 nov. 2014.

Quando eu era mais nova, minha mãe costumava dizer que minhas neuras adolescentes um dia iriam acabar. Eu não acreditava. Afinal, eu sempre odiaria as mesmas coisas em mim. Já até sonhava em fazer uma plástica aqui, outra ali. Aí um dia eu cresci e minhas neuras se esconderam em algum lugar da minha mente e ficaram por lá. De vez em quando, os hormônios se descontrolam na TPM e elas aparecem. Mas logo a vida as empurra de volta para seus postos. Comecei a ter coisas mais importantes para me importar.

De verdade mesmo, uma hora a gente repara que os próprios defeitos não são tão terríveis assim. E se são, para tudo dá-se um jeito. Uma hora a gente para de tentar copiar todo mundo. Porque descobre que ninguém é perfeito – nem aquelas pessoas que admiramos tanto. Um dia, aprendemos que procurar “exemplos perfeitos” é cruel – com a gente e com quem a gente coloca no pedestal. E aí, finalmente, a gente olha para o espelho e acaba com os próprios monstros internos.

Talvez isso demore a acontecer. Talvez a gente demore a se aceitar completamente. Talvez a gente nem faça as pazes, de verdade, com o espelho. Mas dá sempre para mudar o corte, pintar o cabelo, fazer ginástica, mudar a alimentação ou até uma plástica como medida drástica. Mas tranquilidade mesmo, a gente só consegue quando se aceita. Com as nossas limitações e a nossa força. Talvez, alguns dias, olhar para o espelho realmente doa. Olhar para o outro também. Mas olhar para dentro da gente? Te juro, pode ser renovador.

Foram feitos 31 comentários sobre essa postagem, porém apenas 04 (Anexo II) foram relevantes para nossa pesquisa, devido ao seu conteúdo, pois eles nos mostram que as seguidoras passaram pelo processo de não se aceitar, mas agora estão começando a conhecer melhor, e que a maturidade foi um fator que ajudou nesse processo.

A terceira postagem selecionada foi “Corpão”³⁰ (Figura 20), publicada pela própria Bruna Vieira. Essa postagem ficou em destaque no *blog* desde quando foi lançada, até ser lançado o novo layout da página, tornando-se um dos capítulos do novo

³⁰ Link: < <http://www.depoisdosquinze.com/2013/09/13/corpa0/> > Acesso em: 18 de novembro de 2014.

livro da Bruna, “ A menina que colecionava borboletas”. A seguir, a postagem na íntegra:

Figura 20 - Post “Corpão”



Fonte: Blog “Depois dos Quinze”

Nunca fui a garota mais magra ou a mais gorda da sala, então, até o ensino médio pouco me importava a combinação de números exibido na balança. Pra falar a verdade, eu só pesava quando ia fazer alguma coisa na farmácia pra minha mãe, por curiosidade. Eu também não comprava roupas sozinha, então o número do manequim não era uma das minhas maiores preocupações. Se a calça não fechasse ou a blusa ficasse um pouquinho apertada, tudo bem, aquilo só significava que eu estava crescendo.

Quando o corpo das minhas melhores amigas começou a mudar e gostar de um garoto deixou de ser apenas escrever sobre ele no diário, naturalmente, comecei a me olhar mais no espelho e fazer cobranças: por que diabos minha barriga não é retinha como a das outras garotas? Por que o meu peito tá demorando tanto pra crescer? Por que aquela calça estampada fica tão vulgar em mim? Por que nenhum garoto que me beijar na balada? Adicione tudo isso ao complexo de inferioridade por ter cabelo crespo, precisar usar óculos e ainda ser estrábica. Ah, como é incrível ser adolescente.

Nunca sofri de bulimia, mas lembro que em um daqueles dias ruins, cheguei a ir ao banheiro, trancar a porta e colocar o outro lado da escova de dente na boca, forçando o vômito. Tinha lido sobre isso na internet e mesmo sabendo de todos os riscos, achei que conseguiria controlar e quando estivesse em um peso legal, simplesmente pararia de fazer. Por sorte, ainda na primeira tentativa, tive um baita nojo e nunca mais voltei a fazer.

Lá na casa dos meus pais a alimentação sempre foi relativamente balanceada. Besteiras só no final de semana e o combo arroz e feijão obrigatórios durante o almoço. Eu não sou nem um pouquinho fresca pra comer. Gosto de couve, abobrinha, carne moída, ovo frito, beterraba, quiabo, alface, almeirão e todas aquelas coisas que a maioria das crianças vira a cara e faz careta. Isso me proporcionou um crescimento bastante saudável, mas não tem como driblar a genética e o nosso metabolismo, né?

Ah, os exercícios físicos.

Bem, eu nunca fui boa na educação física. Pra falar a verdade, detestava já os primeiros minutos, quando ninguém queria me escolher pra ser da sua equipe na queimada e principalmente no voleibol. Eu não era tão ruim assim, viu? Só tinha pânico de imaginar a bola batendo direto no meu óculos então, independente das circunstâncias, fugia dela. Também já fiz aula de dança, natação, ballet, capoeira, jazz, jump e por último, academia. Eu até ficava empolgada no começo, mas depois sentia preguiça de continuar e acaba ouvindo minha mãe reclamar por ter gasto grana comprando uniforme e pagando matrícula atoa.

Depois do computador, do primeiro namorado e das avaliações finais complicadíssimas do CEFET, comecei a priorizar outras coisas na minha vida. Não sentia aquela obrigação de impressionar os outros, sabe? Já havia alguém no mundo que gostava de mim exatamente como eu era, e eu estava ocupada demais pra ficar me importando com que as outras pessoas pensavam. Sem exageros, mas jamais dispensando o hambúrguer

do Digão (lanchonete popular lá em Leopoldina) e o pastel assado maravilhoso da Canto Verde (da cantina do meu colégio). Quando eu vim pra São Paulo, minha rotina mudou completamente. Nunca fui boa na cozinha e o processo de adaptação quando você sai de casa aos 17 anos pra tão longe da sua família é complicado. Em alguns dias eu passava horas sem comer, em outros, comia um monte besteiras por pura ansiedade. Trabalhando em casa e caminhando poucas quadras até o metrô, é óbvio que o meu peso não continuaria o mesmo, né? Engordei 10kg em um ano. Nesse meio tempo muitas coisas aconteceram e eu já falei sobre a maioria delas aqui no blog.

O blog. Os looks do dia.

Existem várias categorias aqui no Depois Dos Quinze, e em uma delas, mostro e fotografo as roupas que tenho comprado e usado por aí. Eu me exponho de diversas formas, desde textos sobre sentimentos pessoais até fotos da decoração do meu novo quarto. Isso nunca foi um grande problema pra mim, sabe? Compartilhar momentos, conquistas e ideias. Todo mundo tem um jeito diferente de ver e se projetar no mundo, acho incrível o interesse das pessoas em acompanhar o que eu faço.

O problema é que nem todo mundo tem boas intenções.

Por sorte, depois de quase quatro anos lidando com leitores de todas as idades e mentalidades, aprendi que pra ser feliz é preciso ligar o foda-se. Não dá pra levar a sério absolutamente tudo o que escrevem no campo de comentários. Tentar agradar todo mundo é uma daquelas tarefas que consomem toda a nossa energia e que no final das contas, quando colocamos a cabeça no travesseiro pra dormir e o número de ~likes~ para de subir, não garante absolutamente nada. Aplausos não trazem paz de espírito, sabe? Muito pelo contrário, quando você tenta ser alguém que não é só para agradar e funciona, a tendência é a cobrança aumentar ainda mais.

E não é qualquer uma, viu? É a cobrança interna. A sua própria cobrança. O monstrinho que todo mundo alimenta sem querer quando deixa as pessoas influenciarem suas escolhas e a maneira que levam a vida. Isso vale pra tudo: peso, estilo, ideias,

orientação sexual, profissão, medos, sonhos, viagem, relacionamento e por aí vai.

Fico imaginando o que se passa na cabeça das pessoas quando, num dia maravilhoso e ensolarado como hoje, elas decidem ir na foto dos outros e deixar comentários totalmente destrutivos e desnecessários.

Comigo não, baby.

Inclusive, aí vai um recado para quem faz esse tipo de coisa e ama virar o centro das atenções por alguns minutinhos na internet: se algo incomoda tanto ao ponto de te fazer perder tempo da sua vidinha preciosa, vai por mim, tem alguma coisa errada e não é com quem postou a foto.

Jogue terapeuta + o nome da sua cidade no Google e seja feliz.

Tô vivendo um dos momentos mais incríveis da minha vida, isso inclui muito trabalho e pouco tempo livre. Mas resolvi me dedicar a esse texto porque não é a primeira vez que vejo amigas, conhecidas e até algumas leitoras brigando pra me defender nas redes sociais. Aprecio e agradeço o carinho, mas infelizmente, responder esse tipo de comentário é fazer exatamente o que essas pessoas querem: receber atenção.

Eu nunca pesei tanto, isso é verdade, mas ao mesmo tempo, nunca me levei tão a sério ou me senti tão bonita como agora. E eu não tô falando só de amar minhas curvas, viu? Vem de dentro pra fora. Não é sobre aceitar os defeitos, é sobre aceitar as diferenças. Eu não me sinto na obrigação de seguir um determinado padrão porque a maioria das pessoas faz isso e muito menos porque sou uma formadora de opinião (sim, usaram isso como pretexto pra me criticar). Como disse um rapaz que trabalhava na Levi's de Nova York e me viu provando um jeans tamanho 42, tenho o legítimo brazilian body. Adoro e acho lindo as meninas do lookbook com suas pernas fininhas e coxas que não encostam uma na outra, mas tudo bem eu não ser assim. Não vou me matar com dietas loucas e horas na academia, talvez eu até entre um dia, mas isso não precisa se transformar num problema. Comida e bunda grande não é problema, gente. É solução.

Então, vamos sair da quinta série e colocar as cartas na mesa de uma vez por todas?

Tenho 115 de quadril, pernas grossas e calço 39. Faço escova progressiva de três em três meses, uso aparelho pra arrumar meus dentes que ainda são meio projetados pra frente por culpa da mamadeira (só abandonei com 11 anos hehe) e quando tiro a lente de contato, continuo estrábica. Uso roupas que gosto e não necessariamente “valorizam” meu corpo. Adoro farofa com ovo, tenho a maior preguiça de fazer as unhas e de vez em quando choro por me sentir sozinha nessa cidade, mas ó, na maior parte do tempo sou muitíssimo feliz.

Ah, e no facebook eu nunca resisto e compartilho todas fotos de Minions e cachorros fofinhos. Diz aí, você que se importou e leu até o finalzinho do texto, algum problema?

As seguidoras deixaram um total de 1039 comentários, dos quais escolhemos 78 que, de alguma forma, foram relevantes para a pesquisa (Anexo III). Vemos, através desses comentários, que ela possui várias seguidoras, que seguem o *blog* por muito tempo e que a apoiam: algumas estão felizes do jeito que estão, mas há as que querem emagrecer e outras que querem engordar.

O *post* “Superando os próprios preconceitos”³¹ (Figura 21), que foi publicado no dia 21 de outubro de 2013 pela colaboradora Maria Ienke, segue na íntegra:

Figura 21 - Post “Superando os próprios preconceitos”



³¹ Link: < <http://www.depoisdosquinze.com/2013/10/21/superando-propios-preconceitos/> >. Acesso em: 18 nov. 2014.

Hoje em dia, por um lado, se fala tanto em auto-aceitação, auto-estima e em como a gente deve se aceitar do jeito que é. Por outro lado, nos bombardeiam com dietas milagrosas, chás e tratamentos, nos forçando a sermos magras a qualquer custo. Foi aí que comecei a pensar na minha história e em como eu me vi no espelho durante toda a minha vida. Eu nunca fui magra, já fiz vários tratamentos para emagrecer, usei remédios para controlar o apetite, emagreci e engordei tudo de novo. Tomava mais remédios, e fazia qualquer coisa que me promettesse perder alguns quilinhos, isso porque ser gorda era pior do que qualquer outra coisa.

Durante os últimos anos eu passei me odiando e me culpando por nunca conseguir resistir ao meu doce favorito ou à macarronada que minha mãe fazia no domingo. Sempre que me chamavam para ir à praia, eu dizia: "Vamos sim, espera só eu perder uns 10 quilos!", ou qualquer outro programa que envolvesse piscina, ar livre ou festa em que tivesse que usar um vestido. Era sempre uma tortura, eu nunca estava bonita o suficiente. Criei um blog e prometi que começaria a gravar vídeos, mas só quando eu tivesse magra, pois não poderia aparecer com uma cara desse tamanho na tela. A minha vida começou a girar em torno de uma magreza que ainda não existia e eu percebi que estava deixando de aproveitar a vida.

Sei que não é fácil se aceitar exatamente do jeito que a gente é, sempre dá para mudar alguma coisa. Mas é como diz aquela frase, só depois de se aceitar podemos realmente ver o que pode ser mudado. E aos poucos eu fui tentando superar o fato de que eu nunca seria perfeita. Acho muito importante que as pessoas se cuidem, façam exercícios, comam de forma saudável, até porque nossa saúde exige isso. Mas porque se torturar e deixar de fazer certas coisas, simplesmente porque você não acha que se encaixa naquele padrão de corpo? O melhor de tudo é começar a fazer tudo aquilo que sempre tive vontade de fazer, vou ir à praia, vou gravar vídeos, vou aparecer em fotos sem photoshop, porque

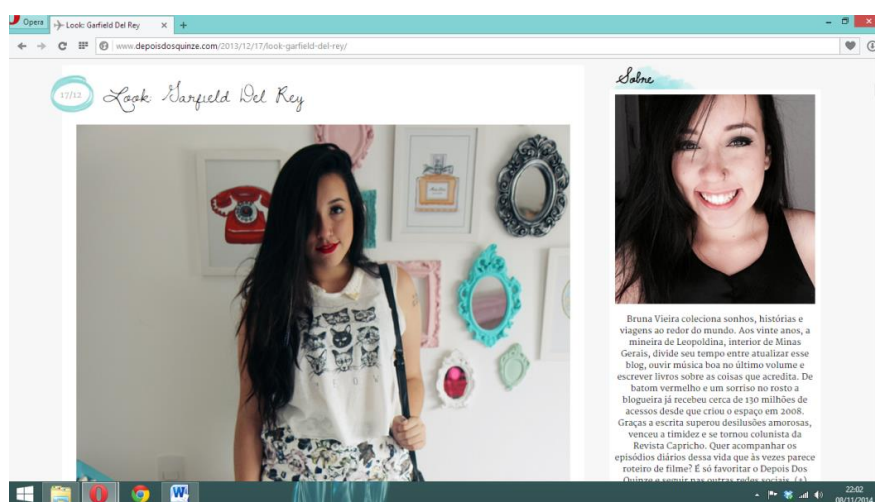
essa sou eu e não importa o que os outros pensem ou falem de mim. Até porque, acredito que a única pessoa que realmente repara no meu corpo, sou eu mesma. Eu vou mudar sim, mas não vou mais me torturar. Quando as coisas acontecem de forma natural e espontânea, terão efeito a longo prazo.

Às vezes, ficamos criando discursos e querendo lutar contra o preconceito, a favor dos outros. Ninguém gosta de preconceito, ninguém quer sofrer preconceito. Mas será que ante disso, não seria necessário eliminar o preconceito que existe contra nós mesmos?

As seguidoras do *blog* deixaram 34 comentários sobre esse *post*, dizendo que gostaram do texto, que era o que precisavam ler naquele momento. Destacamos os 04 comentários relevantes (Anexo IV), de acordo com os temas que abordamos no nosso trabalho.

A última postagem selecionada foi “Look: Garfield Del Rey³²” (Figura 22), escrita por Bruna Vieira no dia 17 de dezembro de 2013, que segue na íntegra:

Figura 22 - Post “Look: Garfield Del Rey”



Fonte: *Blog* “Depois dos Quinze”

Essa sou eu explorando novos lugares da casa pra fotografar o look do dia! A composição de hoje é uma mistura que

³² Link:< <http://www.depoisdosquinze.com/2013/12/17/look-garfield-del-rey/> >. Acesso em: 18 nov. 2014.

normalmente eu não faria. Como tenho bastante quadril (diz minha mãe que passei na fila três vezes), evitava usar peças coladas na parte de baixo. Por mais que todo mundo diga que é bonito-sexy-mulherão, até outro dia, eu simplesmente não conseguia me sentir bem com looks assim.

Que dia foi esse? Tá vai, eu conto. No intercâmbio pra Brighton uma amiga comprou uma calça legging estampada na Primark. Eu tinha visto e gostado do modelo na loja (e do valor também), mas não levei nem pro provador porque imaginei que ficaria vulgar demais em mim. Uma 42 girl. Quando vi no corpo dela, que também tem bastante quadril, achei lindo e resolvi voltar lá pra experimentar. E não é que eu gostei muito? Naquele momento percebi o quão besta eu era por deixar de usar minhas peças e tendências preferidas. Foi oficialmente o fim do velho trauma de usar estampas (e leggings).

Não é fácil assumir o nosso corpo. A genética não é amiguinha de todos os seres que habitam esse planeta, ou seja, nem todo mundo emagrece ou engorda com a mesma facilidade que você. Para falar a verdade algumas pessoas nem se importam tanto assim com isso. Já parou pra pensar que elas podem priorizar coisas diferentes? Quem somos nós pra julgar, não é mesmo? Pelas minhas poucas horas dentro de uma academia eu diria que é tão difícil ter um corpo de Panicat quanto estudar pro Enem.

Minha mãe sempre me ensinou que conhecimento é a única coisa que ninguém tira da gente. É verdade. Também aprendi que é importante comer frutas e verduras e ter uma vida saudável. Terminei o ensino médio, fiz um curso técnico de Informática Industrial e troco fácil hambúrguer por caesars salad. Arnaldo, por que diabos as pessoas continuam dizendo que eu preciso ir à academia e perder peso?

(x) porque elas são chatas e estão entediadas.

36 pra você pode ser o tamanho perfeito da calça jeans. Tudo bem. Às vezes pra mim também é. Mas não o tempo todo. 36 pode ser a página do livro que tô escrevendo. O número do hostel que quero ficar na minha próxima viagem. 36 também pode ser a

temperatura do Rio nesse exato momento. 36 e-mails não lidos na caixa de entrada. 36 coisas pra fazer antes do final do dia. 36 é último número do telefone aqui de casa.

Por favor, não me ligue. Mande e-mail.

Nem sempre quero que a roupa me deixe aparentemente magra e com a cintura fininha, dá licença? O que eu valorizo mesmo é o meu conforto bem estar. Não sei porque as pessoas complicam tanto uma coisa que é tão simples: moda é forma de expressão. Se você não acha legal o que eu uso, tudo bem, eu não preciso que você goste. Nem do meu look, nem de mim. Gasta o tempo que tá sobrando aí indo no Correio e pegando um cartinha. Adotando um cachorrinho ou gatinho de rua. Escutando músicas legais. Lendo sobre política. Conversando com a Dora. Assistindo palestras do TED. Compartilhando publicações do BuzzFeed no Facebook. Convidando seus amigos pra assistir um filme legal no Cinema. Discutindo quem é a diva do Pop. Assistindo esse Gif até o final.

Brigada eu.

Essa postagem teve 137 comentários de seguidoras do *blog*, das quais escolhemos somente 12 (Anexo V), que estavam de acordo com o foco da nossa análise.

4.1. Existe um corpo ideal? Quais são os cuidados de si?

*“Num mundo em que a vida real nem sempre é bela, podemos escolher a fantasia como forma de resistência, mesmo que nem sempre militante.”
(Cacá Diegues)*

Neste subcapítulo trazemos para análise o debate que intitulamos de “**Existe um corpo ideal? Quais são os cuidados de si?**”. Observamos que tais categorias foram encontradas em cada uma das cinco postagens selecionadas na etnografia no ciberespaço, instigando suas seguidoras a fazerem inúmeros comentários. Inicialmente trazemos uma pequena síntese de cada postagem para, então, aprofundar a análise nos comentários.

Foi verificado que, dos comentários selecionados em todas as cinco postagens, 126 deles falavam sobre o corpo ideal e/ou os cuidados de si, distribuídos da seguinte

forma: na postagem “Como descobri que nunca fui gorda”, foram 33 comentários; na postagem “O reflexo e eu”, 02 comentários; em “Corpão”, obtivemos 79 comentários; na postagem “Superando os próprios preconceitos”, observamos 03 comentários; e, por fim, a postagem “Look: Garfield Del Rey” contou com 09 comentários de suas seguidoras.

Ao analisarmos esse universo de comentários, foi possível perceber uma convergência nas narrativas, a partir da qual construímos sete temas emergentes e relevantes para a discussão sobre o “corpo ideal” e os “cuidados de si”. São eles:

- i) as jovens relatam que são gordas ou magras demais e que passaram a se aceitar por algum motivo;
- ii) acham importante exercícios físicos e dietas para obter uma vida saudável;
- iii) justificam que não têm namorado, pois o seu corpo está fora do “ideal”;
- iv) relatam que se aceitam, porém não têm o “corpo ideal” para a sua família;
- v) incentivam umas as outras para não se importarem com o que diversas pessoas falam dos seus corpos;
- vi) mencionam o biotipo brasileiro de mulher, ou seja, coxas e quadril grandes, sendo que umas aceitam e outras rejeitam esse modelo de corpo; e
- vii) relatam que desenvolveram distúrbios alimentares (anorexia e bulimia) por não terem “o corpo ideal” imposto pela sociedade.

A seguir, trazemos alguns desses relatos³³ das jovens que se dizem gordas ou magras demais, mas que relatam passarem a se aceitar por algum motivo:

“[...] Hoje me vejo com um corpo bonito, apesar de ser muito magra, mais me aceito assim [...]” (Madison, 02/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

“[...] Sofri muito por isso, pq sou alta e bem magrinha, já me importei com isso, mas hj em dia me olho no espelho e me acho linda mesmo com as críticas, mesmo as pessoas falando que preciso engordar pq sou mtt magra.[...]” (Naiara Carvalho, 13/09/2013 - Corpão)

*“[...] Há um tempo também engordei uns kilos, e não foram poucos... No começo me senti inferior, **tentei dietas** (nunca tinha feito isso antes) que não ‘resolveram’ nada. Depois parei pra pensar e me observar, me dei conta de que eu nunca fui magrinha e na escola isso não era um problema, por que só agora, com 21 anos, isso virou um? Me aceitei! [...]”* (Camila Santa Rosa, 13/09/2013 - Corpão)

³³ Todas as falas retiradas do blog “Depois dos Quinze” estão em itálico e entre aspas.

Verificamos nesses comentários – e em outros que não foram transcritos acima, mas se encontram no capítulo anterior – que essas jovens, diante da pressão de uma representação de corpo ideal, da qual a maioria está distante, sofrem pela magreza ou pelo excesso de peso. Os relatos mostram o quanto ser “magrinha” ou “gordinha” é indicador de insatisfação corporal entre as jovens e altera a autoestima.

Vivemos numa época em que, de modo geral, a sociedade atribui sua felicidade às suas condições corporais, isto é, a um corpo perfeito, em tese, dentro do padrão de beleza vigente. Para essas jovens, o conceito de felicidade está ancorado no corpo, estando os afetos e os relacionamentos amorosos e afetivos relacionados com a satisfação corporal. Observamos nas narrativas que as jovens buscam o corpo “ideal”, na maioria das vezes transformando-se em reféns da “ditadura da beleza”.

Daolio (1995) diz que, no corpo, estão impregnadas as regras, as normas e os valores da sociedade na qual se habita. Percebemos que essas jovens são capturadas pelo padrão social de corpo e tentam, de várias formas, transformá-lo, para que entrem nas regras; e, quando não atingem esse padrão, mostram-se insatisfeitas com a sua imagem corporal³⁴, tornando-se infelizes, devido aos comentários que elas próprias escrevem.

Para Goellner (2008), a cultura *fitness* é uma instância que atua na educação e produção dos corpos, o que, em nosso caso, representa uma das possibilidades voltadas ao cuidado de si disseminado entre as jovens. Segundo a autora:

Por cultura *fitness* denomino um conjunto de dispositivos que operam em torno da construção de uma representação de corpo que conjuga como sinônimos, saúde e beleza, associando-as a termos representados como plenos de positividade, dentre eles, “bem-estar”, “qualidade de vida” e “vida saudável”. O universo da cultura *fitness* envolve uma multiplicidade de intervenções que abrange muito mais que a atuação específica das academias de ginástica e de outros espaços destinados à exercitação física. (GOELLNER, 2008, p. 247).

A cultura *fitness* conduz as mulheres, de forma quase convincente, a concordarem com suas prescrições, segundo as quais a referência de beleza é encontrada facilmente nos discursos e imagens que rodeiam a sociedade, fazendo com que a mulher, mesmo que não seja bela, deve fazer o possível e o impossível para ser, ou, pelo

³⁴ A imagem corporal é a percepção que o indivíduo tem do seu próprio corpo em relação à forma, tamanho e partes representadas. Neste sentido a aparência do corpo se torna relevante para a aceitação social das jovens e a mídia exerce grande influência na determinação dos corpos ideais. (OLIVEIRA, 2012).

menos, parecer ser (GOELLNER, 2008). Devido à cultura *fitness* e ao culto das aparências, podemos perceber uma grande obsessão pelo belo nas mulheres de forma geral.

Segundo Fortes, Morgado e colaboradores (2013), as jovens que praticam atividades físicas de forma exagerada criam esse hábito para diminuir os sentimentos depreciativos com os próprios corpos, o que pode levá-las a criarem hábitos alimentares inapropriados. Cria-se, assim, um círculo vicioso, no qual a jovem se “vê” fora do padrão imposto pela sociedade, fica insatisfeita com sua imagem corporal, começa a fazer atividade física, porém de forma exacerbada, e em seguida modifica sua alimentação, que muitas das vezes é inadequada, de forma que pode desenvolver distúrbios alimentares. Podemos perceber esse ciclo se materializar no comentário da Duda Kiame (13/09/2013 – Corpão), quando diz: “*A gente acaba noiado, sabe? Quando eu percebi, não comia mais sal, lactose e nenhum açúcar e sabe o pior? Nada dava resultado!!! Aí eu percebi que estava ficando completamente maluca e que essa moda de ser magríssimo não leva a nada e o mais importante é se sentir bem consigo mesmo!!*”.

O comentário da jovem indica o quanto elas se entregam ao desejo de transformarem o corpo e atingirem um modelo ideal ou próximo disso e, também, como aos poucos vão ganhando uma nova consciência sobre seu corpo e sua aparência e se aceitando com suas diferenças em relação ao padrão dito “ideal”.

Seguem alguns outros comentários sobre as jovens que consideram relevante a prática de atividade física e dietas, ou seja, estão de acordo com a cultura *fitness*, que leva “as mulheres para a exercitação de seus corpos e a modelagem de suas aparências” (GOELLNER, 2008, p. 250), dentre outros cuidados, para que consigam ser mais saudáveis e conseqüentemente diminuam a insatisfação com a sua própria imagem corporal:

“[...] Queria ter um estilo de vida saudável, mas não pratico exercícios :/ Pelo menos não como tanta besteira (quando meus amigos vem aqui em casa, reclamam que não tem porcaria pra comer)[...]” (Júlia, 01/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

“[...] Sou gordinha assumida e nunca tive grandes problemas com isso até a minha mãe começar a implicar. Tenho 1,65m e peso 67kg, sou completamente saudável e faço 5km de caminhada todos os dias [...]” (Maria, 29/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

“[...] Acho que todo mundo precisa se alimentar bem, dormir bem e praticar algum exercício. Ser saudável dentro do seu biotipo, mas não se matar pra entrar num padrão [...]” (Kah, 13/09/2013 - Corpão)

“[...] Fico pensando a minha mãe tem tantos problemas de saúde que vale a pena se cuidar. Ain é complicado essa história. Só acho que não deveria ter tanta influência ou se deixar ser influenciado por conta disso.” (Débora de Queiroz, 17/12/2013 – Look: Garfield Del Rey)

O curioso é o quanto essas jovens, a partir da consciência de suas diferenças corporais, vão se empoderando através dos comentários e reflexões na rede social, mais especificamente no blog Depois dos Quinze, e construindo novas formas de enfrentamento a essas imposições sociais.

De acordo com Tânia Mourão (2008), não podemos negar os benefícios que dietas e exercícios trazem para o corpo, porém não podemos nos deixar escravizar pela beleza vazia e padronizada, que leva ao exagero de práticas para obter um “corpo idealizado socialmente”. A seguidora Camila (13/09/2013 - Corpão) comenta: “No começo me senti inferior, **tentei dietas** (nunca tinha feito isso antes) que não ‘resolveram’ nada, depois parei pra pensar e me observar, me dei conta de que eu nunca fui magrinha”. O relato dessa jovem sugere que ela está superando a tensão imposta socialmente para a conquista de um corpo ideal e aparentemente passa a se aceitar ao perceber que ela nunca tinha sido magra, e então possivelmente compreendeu as suas diferenças e individualidades corporais.

É a partir da identidade, ou seja, aquilo que se é, e da diferença, aquilo que não se é, que as jovens passam a ter um discurso de aceitação do corpo, como parte de um processo que leva à autonomia e à libertação diante de um corpo diferente, seja ele magro ou gordo, comparado ao “padrão” socialmente aceito. Devemos, então, pensar no sujeito autônomo, ou seja, pensá-lo em função de sua relação com o próprio corpo (NOVAES, 2006).

A modernidade torna os cuidados do corpo uma exigência a ser seguida, desenvolvendo uma ditadura do corpo, na qual a mídia cria imagens de corpos idealizados que devem ser consumidos e seguidos, fazendo com que o indivíduo se esforce para manter uma cultura de aparência (SILVA, 2001).

A produção da aparência, a modelagem do corpo e a correção estética dão-se, essencialmente, por meio do consumo sendo o discurso sobre o corpo pautado em um elenco limitado de escolhas. Da mesma forma os incentivos à construção do corpo, nos moldes do padrão vigente, constituem uma forma de coerção social (NOVAES, 2006, p. 95).

Com isso, vemos o surgimento de práticas corporais e técnicas de modelagem física que estão baseadas na autonomia e na autorregulação dos indivíduos em relação ao próprio corpo, gerando um desprezo com relação aos corpos que se afastam do padrão de beleza dominante (NOVAES, 2006).

Dessa forma, evidencia-se que a cultura da aparência e do corpo são instrumentos de coerção social, como podemos verificar nas narrativas a seguir, visto que as jovens que dizem não conseguirem um namorado, ou sentir-se mal com seu namorado, têm seu comportamento reprimido porque a sua forma física está fora do padrão estético estabelecido pela sociedade:

“[...] O meu único problema, não é arrumar namorado porque estou acima do peso, mas sim, quando vou às compras [...]” (Rafaela, 13/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

Podemos perceber que a seguidora está insatisfeita com o seu corpo devido a dois problemas: não ter namorado e – o pior deles – não conseguir roupas do jeito que ela quer usar. Assim, ao usar roupas que não a agradam, fica ainda mais difícil gostar do corpo que tem. A indústria da moda corrobora com o modelo midiático de corpo padrão, seguindo uma lógica universal de silhueta que varia entre os tamanhos 38 e 44, deixando sem opção aqueles que não se encaixam nesse modelo.

Nesse sentido, muitas jovens vão se decepcionando com a balança, vão encontrando novas barreiras identitárias que interditam suas expectativas e realizações como jovens, na moda, no afeto e – por que não dizer – na vida. Loraine comenta: *“[...] Quando eu namorava, tive que ouvir que não ia ‘dar conta’ do meu namorado, ou que precisava engordar pra ficar bonita e até mesmo que precisava engordar pra conseguir namorar de novo [...]” (13/09/2013 - Corpão).*

Duas seguidoras relatam suas dificuldades, mesmo tendo namorado:

“[...] Eu namoro e nunca consigo me sentir a vontade com meu namorado, estamos juntos há 2 anos e a todo momento minha insegurança bate e quando vejo uma menina que seja pelo menos 1kg mais magra do que eu, que tenha um sorriso bonito ou qualquer outra coisa eu já me sinto ameaçada. PORQUE EU TENHO QUE SER TÃO HORRÍVEL, SÉRIO? O QUE EU FIZ PRO MUNDO? HEHEHEHEHE[...]” (Carol, 14/09/2013-Corpão)

“[...] Apesar de nova já tive a experiência do primeiro namorado e bom, enquanto estava com ele (durou pouco) achei que estava tudo certo, que não precisava me importar porque já tinha alguém que gostava de mim como eu era. No entanto, o namoro acabou e com ele veio tudo que é tipo de problema. Nessa idade é bem difícil, ainda mais quando você tem amigas no

'padrão da sociedade' que fazem piadinhas do tipo: 'ai amiga, tá gordinha'. [...].' (Milena Moraes, 21/01/2014 - Corpão)

Nesses comportamentos transcritos acima, podemos perceber o repúdio ao próprio corpo, a fragilidade que a diferença incita no cotidiano das jovens.

Carvalho (2004) aponta que o conceito de corpo passou a ser visto sob os aspectos estéticos, na modernidade, abrindo espaço para o que chamamos de ditadura da beleza. Nesse sentido, os modelos sociais de corpos forçam o indivíduo a estar dentro dos padrões de beleza e estética. Essa rejeição do próprio corpo, pelo excesso de peso, está também associada ao fato de que “a obesidade assume um lugar de diferenciação, chegando aos dias atuais como uma forma de exclusão” (NOVAES, 2006, p. 115): como essas jovens se sentem excluídas por não terem namorado, elas se recusam a aceitar o próprio corpo.

A jovem que é magra demais se sente excluída também, porém isso ocorre visto que “um corpo quase desprovido de gordura é equivalente à morte – algo que define em face do inexorável da finitude e entra em colapso na tentativa de superação dos próprios limites” (NOVAES, 2006, p. 102).

Outro comportamento relevante para análise foi o das jovens que aceitam o corpo que possuem, porém seus pais rejeitam o corpo delas, como podemos ver na transcrição dos seguintes comentários:

“[...] Sou gordinha assumida e nunca tive grandes problemas com isso até a minha mãe começar a implicar. Tenho 1,65m e peso 67 kg, sou completamente saudável e faço 5 km de caminhada todos os dias, mas a minha mãe sente-se infeliz de ter uma filha gordinha e de todas as vezes que eu tenho um boost de confiança e me aprecio no espelho, ela vem e se lamenta com a minha celulite ou a minha pancinha. Sei que quando lhe pergunto se estou bonita, ela torce o nariz antes de dizer um “Sim” a contragosto. Ela é alta e magra, eu estou okay com isso, não tenho inveja do corpo dela, não quero ser como ela, mas ela parece não entender que eu me sinto feliz por vestir um 38 e tamanho L, que eu não tenho vergonha de mostrar as minhas pernas e a pancinha na praia e que não me incomoda os olhares tortos das pessoas que não conheço[...].” (Maria, 29/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

“[...] Cresci e meu corpo se ajustou, agora que comecei a engordar de novo e quem me julga é minha mãe, sim, ela adora repetir que eu tenho que fazer regime [...].” (Isis Alanis, 17/09/2013 - Corpão)

“[...] Cheguei a ouvir do meu próprio pai que eu precisava ser gostosa. E pra falar a verdade, eu nunca tive nenhum problema com minhas medidas [...].” (Luiza, 20/09/2014 - Corpão)

Com esses e outros comentários não transcritos, percebemos o quanto esses pais estão engessados pelos “padrões” de corpo e beleza socialmente vigentes, ou seja, pela cultura da aparência, pelo corpo como coerção social e pela cultura *fitness*. Esse tipo de comportamento faz com que essas jovens se sintam rejeitadas pelos seus pais. Essa rejeição paternal também pode estar associada ao fato de que “beleza exterior e saúde, aparência exterior desagradável e doença cada vez mais aparecem como sinônimos, no tocante às representações do corpo feminino” (NOVAES, 2006, p. 85).

Devido ao repúdio que essas e outras jovens recebem de seus pais e de outras pessoas, observamos outros comentários que procuram incentivar uma relativização dos padrões de beleza e de corpo, ao mesmo tempo em que incitam a realização de práticas de resistência, como poderemos perceber na fala abaixo:

“[...] O texto vale tanto para quem se acha gorda quanto pra quem se acha muito magra. Não passe a vida ouvindo o que os outros acham de você! Se olhe no espelho, coloque sua roupa favorita e pergunte a SI MESMA como se sente! Hoje em dia eu me sinto muito feliz com o que tenho, porque aprendi a tirar o melhor do meu corpo e parar de pensar pela cabeça dos outros.” (Maria Lua, 01/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

Elas subjetivam o seu corpo diferente do padrão social como positivo, se aceitam e, mais do que isso, se valorizam; e os cuidados de si são inseridos nessa perspectiva de corpo, criando nas brechas novas possibilidades de conseguirem ser felizes, aceitando o próprio corpo. Isso caracteriza a cultura de si, que é o princípio dos cuidados consigo mesmo, sendo a origem do cuidado de si (FOUCAULT, 2005).

Foucault (2005) diz que a experiência de si é uma forma de prazer consigo mesmo, ou seja:

Alguém que conseguiu, finalmente, ter acesso a si próprio é, para si, um objeto de prazer. Não somente contenta-se com o que se é e aceita limitar-se a isso, como também “apraz-se” consigo mesmo. (FOUCAULT, 2005, p. 70-71).

Percebemos, portanto, que essas jovens estão em busca da experiência de si através de seus corpos, pois esse “é um estado que não é acompanhado nem seguido por nenhuma perturbação no corpo e na alma [...]; ele nasce de nós e em nós mesmos” (FOUCAULT, 2005, p. 71).

Algumas jovens aconselham as outras a não se importarem com comentários depreciativos com relação ao seu corpo:

“[...] As pessoas sempre me criticam por ser magra e não ter muita coxa, mais não estou nem ligando sou feliz assim mesmo. Temos que aceitar nosso corpo do jeitinho que ele é ,quem tem que gostar somos nós e não os outros[...]” (Amanda, 13/09/2013 - Corpão)

“[...] Chega de encanação com o que os outros vestem, com regras que devemos seguir, um corpo bonito não é sinônimo de conteúdo, de saúde, de felicidade! [...]” (Nayara Fernandes, 17/12/2013 – Look: Garfield Del Rey)

Com esses comentários, percebemos que elas passam a formar, mesmo que sem se conhecerem, um grupo de autoajuda, o qual possibilita que elas se aconselhem umas as outras, e superem os preconceitos que cada uma sofre, através de seus comentários encorajadores, positivos e de superação, incluindo as próprias blogueiras, nessa rede de formadores de novas identidades juvenis femininas voltadas ao corpo.

Assim, as jovens encontram no espaço virtual um local de troca de experiências e vivências, fazendo do *blog* um espaço de encontro de amigas, onde se ajudam, externam suas angústias, aflições, derrotas e vitórias e, sobretudo questionam o que está colocado como paradigma para o corpo. Uma das jovens comenta sobre isso:

“Esse é um texto de auto-ajuda que mais parece uma conversa entre amigas! [...]” (Layni, 02/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

Algumas jovens, nos comentários que estamos analisando, definiram como seria o “corpo ideal” de uma brasileira. De acordo com elas, as mulheres “ideais” no Brasil devem ter quadril e coxas grandes para estarem dentro desse padrão, o qual é chamado por algumas de biotipo brasileiro, como podemos ler nos seguintes comentários:

“Amei o texto, porque eu também tenho esse biotipo de brasileira, pernã, bundão tudo ‘ÃO’ haushaas [...]” (Aline Sena, 02/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

“[...] Sou a tal da ‘falsa magra’, só tenho as pernas e o quadril largo, mas nunca me amei assim, embora todas as minhas amigas e pessoas em volta digam que tenho o corpo da mulher brasileira, e que não sou

gorda, mas 'gostosa' [...]” (Débora Thalita, 03/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

“[...] Você é maravilhosa, esse brazilian body é maravilhoso, e você merece tudo de maravilhoso nesse mundo, Bruna! Um beijo no coração!” (Ju, 13/09/2013 - Corpão)

“[...] As pessoas precisam se aceitar, principalmente nós, que temos um “brazilian body” e mesmo com ANOS de academias nunca ficaremos realmente magras por conta de nossas lindas curvas [...]” (Jennifer, 23/09/2013 - Corpão)

Ao lermos esses comentários, percebemos que, além de negarem o “padrão” de corpo imposto pela sociedade e pela mídia, o do corpo magro, essas jovens identificam um “padrão ideal de mulher brasileira”, no qual se sentem incluídas e querem incluir as demais seguidoras.

A preocupação excessiva com a estética relacionada à aceitação na sociedade leva a patologias extremas (MOURÃO, 2008), por exemplo, à bulimia e à anorexia. Algumas jovens revelaram desenvolver esses transtornos, como podemos comprovar nos relatos a seguir:

“[...] Tenho anorexia e bulimia, nunca fui ‘gorda’, sempre tive 1,54m e 49 kg, mas essa padronização da magreza e alguns comentários infelizes trouxeram para mim muito mais do que uma ‘nóia’, mas um transtorno visual e alimentício [...]” (Larissa, 02/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

“[...] Hoje consigo conviver melhor com meu corpo, acredito que por causa da maturidade (tenho 21), mas durante a adolescência sofri muito com o fato de não entrar numa calça 38, sempre foi 40, 42... até bulimia desenvolvi [...]” (Débora Thalita, 03/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

“[...] Eu comecei a me sentir gorda e tive sérios problemas... comecei a ter bulimia e tudo por causa de 3kilos! [...]” (Natalia, 13/09/2013 - Corpão)

“[...] isso de corpo perfeito pra mim sempre foi uma tortura, na minha família eu era a mais gordinha e entre as amigas também, mesmo nunca tendo sido muito gorda, elas que eram magras demais, algumas pessoas faziam questão de jogar na minha cara que eram mais magras do que e isso com o tempo foi mexendo com o meu psicológico, associado a outros problemas desenvolvi anorexia e bulimia, agora sou magra, não tão magra, as mesmas pessoas que antes falavam que eu era gordinha e tal hoje brigam comigo pra eu comer, brigam comigo por causa da minha saúde que fica cada vez mais debilitada [...]” (P., 13/09/2013 - Corpão)

Com esses comentários, percebemos o quanto a obsessão pelo “corpo ideal” pode acarretar danos graves à saúde; em outros casos, podem levar à morte, como sabemos, porém não tivemos nenhum relato desse tipo.

Marisa Farah e Cecilia Mate (2015), no artigo sobre práticas de emagrecimento, manutenção do peso e das formas corporais, a partir do relato de jovens anoréxicas e bulímicas, autodenominadas Annas e Mias no espaço virtual, descreve o comportamento arriscado que essas jovens passam a ter para conseguirem entrar no “padrão” de magreza desejado, através do discurso de ser saudável.

Sobre o discurso de uma vida saudável, a experiência da magreza como constitutiva da subjetividade vai se firmando como o sentido único para a salvação e a felicidade: só se pode estar salva e ser feliz sendo magra. A magreza se torna o fio condutor sobre tudo o que pode reger a arte de viver bem. (FARAH; MATE, 2015, p. 13).

As jovens mencionadas nesse artigo são obcecadas pelos cuidados de si; não percebem que estão doentes e precisam de tratamento para que possam ter uma vida saudável; consideram natural e bonito serem extremamente magras, estarem abaixo do peso, devido ao distúrbio que desenvolveram para alcançarem o “padrão” de corpo. “Aquilo que deve ser efetuado no corpo, ditado especialmente por médicos e nutricionistas para a manutenção de um corpo magro saudável, vê-se potencialmente utilizado por Annas e Mias para a manutenção de uma magreza extrema, para levá-las ao limite” (FARAH; MATE, 2015, p. 14).

Isso é percebido, pois, nos *blogs* que essas jovens acompanham, há o incentivo à manutenção da magreza, estabelecido através de conselhos, procedimentos e regras a serem seguidas pelo grupo, para que, de forma coletiva, consigam atingir a meta do “corpo ideal”, sendo a forma que encontraram para se apoiarem e conseguirem a melhor forma de se manterem anoréxicas e/ou bulímicas (FARAH; MATE, 2015).

O corpo emaciado da pessoa com anorexia apresenta-se como uma caricatura do ideal contemporâneo de esbelteza exagerada para as mulheres, um ideal que, apesar da resistência irônica das diferenças raciais e étnicas, tornou-se uma norma para as mulheres de hoje. Podemos considerar que o corpo de uma pessoa com anorexia numa certa medida traduz as normas que reagem à construção da feminilidade contemporânea (MOURÃO, 2008, p. 268-269).

Tânia Mourão (2008, p. 271) continua dizendo que “o ideal de esbelteza, junto com dietas e exercícios emagrecedores, oferecem a ilusão de cumprir, através do corpo, as exigências contraditórias da ideologia contemporânea de feminilidade”. Isso acontece devido à busca pela esbelteza e à negação do apetite, em que o estabelecimento habitual da feminilidade cruza com uma nova exigência para as mulheres que incorporam os valores “masculinos”, como o autocontrole, o domínio, a determinação, dentre outros.

Notamos que essas jovens passam por esse efeito contraditório da ideologia feminina contemporânea, que diz, ao mesmo tempo, que devemos ser fisicamente ativos e controlar a dieta de forma saudável, porém se entregam aos meios não saudáveis para diminuir o peso. No entanto, muitas vezes isso não é necessário para que se aceitem e conseqüentemente sejam aceitas pela sociedade, demonstrando que conseguem ter autocontrole e domínio sobre os seus corpos.

Considerando a beleza como um dever atribuído às mulheres, um denotativo de caráter (NOVAES, 2006), percebemos nos comentários das jovens que se consideram fora do padrão, como as que sofrem de bulimia e anorexia, que elas acabam se achando fracassadas para si e para a sociedade.

Assim, podemos verificar o quando as percepções de corpo dessas jovens são influenciadas pela cultura *fitness* e pelo culto das aparências, fazendo com que passem a perceber sua imagem corporal de forma negativa, levando-as a uma aparente infelicidade.

Porém, há jovens que não se deixam influenciar pela percepção de corpo vinda de outras pessoas e pelo “padrão” imposto socialmente; acreditam na sua própria percepção e, com isso, ficam bem consigo mesmas. Elas resistem pela diferença, além de aconselharem outras jovens a não se importarem com as opiniões das pessoas e da sociedade.

4.2. Grupos de estilo e a reafirmação das diferenças

Neste subcapítulo, trazemos para análise o debate que intitulamos **Grupos de estilo e a reafirmação das diferenças**. Apontamos, através dos comentários que as seguidoras fizeram nas postagens, para a necessidade de compreender os discursos das jovens em seus contextos específicos – no caso deste estudo, o espaço virtual. Essa

categoria emergiu em cada uma das cinco postagens selecionadas na etnografia no ciberespaço, instigando suas seguidoras a fazerem inúmeros comentários.

Foi verificado que, dos comentários selecionados em todas as cinco postagens, 65 falavam sobre a perspectiva do grupo de estilo e a reafirmação das diferenças, e se distribuíram da seguinte forma: na postagem “Como descobri que nunca fui gorda”, houve 06 comentários; na postagem “O reflexo e eu”, foram 02; na postagem “Corpão”, 46 comentários; em “Superando os próprios preconceitos”, 03 comentários; e, por fim, a postagem “Look: Garfield Del Rey” contou com 08 comentários de suas seguidoras.

Inicialmente podemos dizer que essas jovens compõem um grupo de estilo, pois o *blog* se configura como espaço privilegiado de expressão da realidade juvenil (DAYRELL, 1999). Para Kemp (1993), os grupos de estilo juvenis remetem à formação de coletividades, que têm como referência a condição de pertencimento ao grupo e a um estilo, que determina uma proposta estética e um padrão de comportamento. Enquanto efetivação de um modelo juvenil de sociabilidade,

os grupos de estilo apresentam práticas que respondem a problemas e contradições encontradas pelos jovens no que diz respeito à sua necessidade de interferência em um sistema na qual não encontram espaço (KEMP, 1993, p. 14).

Desse modo, a categoria grupo de estilo contribui para refletirmos sobre a formação de uma cultura juvenil entre as jovens que “frequentam” o blog **Depois dos Quinze**. Segundo Dieter Baacke (1987), Wilfried Ferchhoff e Georg Neubauer (1996) *apud* Weller (2005a), “culturas juvenis” seria o conceito mais indicado a ser utilizado, pois amplia a possibilidade de compreensão das distintas manifestações juvenis, seus estilos ou modos de vida que vêm sendo criados e recriados em diferentes localidades e contextos sociais diversos, a exemplo do nosso caso no ambiente virtual.

A cultura juvenil reflete a identidade dos jovens que a partilham. Segundo Stuart Hall (1996, p.598) *apud* Weller (2005a, p.109), a identidade só pode ser vista como uma “celebração móvel” (*moveable feast*), que se encontra sempre “em devir, em um processo constante de autorizar-se”. Além da identificação com um corpo fora do padrão, ressaltamos, também, o sentimento de pertencer a um grupo, de ter amigos/as, mesmo que virtuais, de ser mulher e de assumir um corpo diferente, como elementos centrais da experiência coletiva vivida por jovens blogueiras/seguidoras. Temos, então, o corpo como fundamento para a identidade, pois é através dele que estabelecemos quem nós somos (WOODWARD, 2013).

É a partir das diferenças expressas no corpo – ou seja, de corpos diferentes – que elas vão se identificando como um grupo identitário. As diferenças se constituem através de oposições binárias, ou seja: através do processo de construção cultural das identidades, a diferença pode ser construída negativamente, por meio da exclusão daqueles que são identificados como os outros, ou como fonte de diversidade (WOODWARD, 2013). Com isso, podemos dizer que essas jovens, ao perceberem as suas diferenças, fortalecem o grupo de estilo que formam no *blog* Depois dos Quinze, protagonizando a diversidade de corpos, e, dessa forma, passam a resistir ao modelo de corpo culturalmente aceito.

Ao analisarmos o conjunto de comentários, compreendemos como acontece o processo de resistência dessas jovens. Elas inicialmente são capturadas pelo “padrão” de corpo vigente, tendendo a atender aos padrões de corpo e moda propagados pela sociedade, incorporando em suas vidas dietas, exercícios, o que, inclusive, induz algumas delas a adoecerem por levarem essas medidas ao extremo. Entretanto, de forma associativa, ou seja, por mecanismos de afiliação e construção identitária, afirmam-se pela diferença expressa pelos seus corpos através do blog, escapando da coerção dita padrão.

Com isso, percebemos que as jovens formam uma cultura de resistência, na qual elas passam a compor um grupo de estilo que se importa mais com a saúde e os hábitos saudáveis do que com o “padrão” socialmente exigido de corpo. Esse grupo também se aconselha e se empodera através de suas diferenças, compreendendo que coexistem vários corpos na sociedade. Com os seguintes comentários, entendemos como essas jovens conseguem formar através do meio virtual uma comunidade de representações, pelo qual se passam diferentes narrativas relacionadas ao corpo:

*“Esse é um **texto** de autoajuda que mais parece uma conversa entre amigas! Eu ainda não cheguei à parte de aceitar a pancinha com carinho, mais já cheguei ao ponto de que você tem que se amar primeiro, mais sou a favor de que se você é infeliz lute para mudar isso[...].”*(Layni, 02/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

*“Adorei este **artigo**, está muito identificável. Para além disso, dá uma bela lição, já que a felicidade e a tranquilidade interior passam pela aceitação pessoal e por contemplarmos o nosso interior.”* (Felipa Ribeiro, 10/09/2013 – O reflexo e eu)

“Mania de querer ter um padrão de beleza é antiquada! O mundo é tão aberto hoje em dia que esse tipo de coisa soa do século passado. Ser feliz como tu realmente és é a moda agora. Não importa como. Ou pelo menos deveria ser: P Bjs ” (Ana, 13/09/2013 - Corpão)

“Muito lindo! espero que esse post ajude muitas garotas que querem ser perfeitas a qualquer custo. Auto aceitação é tudo que precisamos seja por sermos Negras, Gordas, Baixinhas, de Cabelo cacheado ou crespo temos que nos aceitarmos e nos amarmos acima de tudo.” (Layane, 21/10/2013 – Superando os próprios preconceitos).

“[...] Eu fico mto feliz quando você passa essas msgs de apoio as pessoas que são reais, que tem um corpo real e não photoshapado né??!!Chega de encanação com o que os outros vestem, com regras que devemos seguir, um corpo bonito não é sinônimo de conteúdo, de saúde, de felicidade! [...]” (Nayara Fernandes, 17/12/2013 – Look: Garfield Del Rey)

Através desses e outros comentários, compreendemos que a formação de uma comunidade vai acontecendo a partir do compartilhamento das normas, das ideias e da cultura juvenil que se forma entre as jovens, e, de acordo com Bauman (2005), formam uma comunidade de destino, pois são “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios” (p.17). As ideias compartilhadas que tornam essas jovens uma comunidade de destino são as questões sobre o corpo levantadas em todas essas postagens que utilizamos nesta pesquisa.

Através do *Blog Depois dos Quinze* e de seus *posts*, que dão voz a diferentes experiências e representações, essas jovens passam a se identificar e a se associar aos comentários das seguidoras, e, com isso, percebem que não estão sozinhas em meio a tantas dúvidas, frustrações e dilemas. Estar deslocado total ou parcialmente de onde vivemos “pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora” (BAUMAN, 2005, p. 19), e com essa percepção de partilha, elas se sentem à vontade para escrever as suas aflições como podemos perceber nos seguintes comentários:

“Amei seu texto!! Estava precisando mesmo ler algo assim. Minha situação é parecida com a sua [...]” (Janna, 01/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

“Achei muito lindo o texto! E verdadeiro! Sabe? Engraçado que eu estava passando pelas cobranças assim como você, não de outras pessoas, mas de mim mesma, sabe? Por que eu não tenho a barriga negativa? Por que eu não tenho as coxas dura? Por que meu nariz é de bolinha? Por que não tenho peitão? Mas eu percebi, que tudo isso é – como diria um amigo meu – PURA NÓIA [...]” (Duda Kiame, 13/09/2013 - Corpão)

“Olá Bruna, essa é a primeira vez que comento aqui no DD15, já faz um tempo que eu conheci ele, mas nunca tive coragem ou assunto pra comentar, então estou comentando agora. Esse seu desabafo me contagiou bastante, sabe porque? Por que sabe a garota que vc descreveu sendo vc anos atras, essa garota sou eu [...]” (Lara, 13/09/2013 - Corpão)

Verificamos, pois, que apesar de se sentirem à margem do “padrão” de corpo ditado socialmente, essas jovens se empoderaram quando compartilham suas diferenças, relativizando a necessidade de permanecer numa busca incessante pelo corpo e pela beleza, valorizando as suas diferenças, pois, no modo de ver da maioria delas, estas não são consideradas um problema, ainda que seja problema para as pessoas com as quais elas convivem ou, de forma geral, para a sociedade. Neste sentido, de acordo com Silva (2013, p. 81), percebe-se que:

a identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com as relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

As jovens, ao se declararem fora do padrão, reafirmam as suas diferenças, e suas identidades são confirmadas ao se confrontarem com algumas formas de cuidados, comentadas por elas mesmas, como podemos observar a seguir:

“[...] Hoje eu me olho no espelho eu me acho muito bonita viu. Eu mesma tomei coragem, peguei a pinça e fiz a minha sobrancelha . Engordei e ganhei curvas , meu cabelo cacheado é lindo , mas prefiro liso (aprendi a usar a chapinha .Consegui mudar , me valorizar quando deixei de lado a opinião das pessoas [...])” (Maria, 13/09/2013 - Corpão)

“[...] Meus cabelos são cacheados, eu os amo e nunca fiz nenhum tipo de processo alisante, nunca usei química neles... são naturais... muitas pessoas me mandaram e mandam até hoje eu alisar o cabelo porque é legal – mas EU NÃO ACHO LEGAL e elas não aceitam o meu gosto para o MEU cabelo! Meus dentes tmbm não são perfeitos, mas quero eles assim e não vejo problema nisso. Tenho nojo e pavor de aparelho e não quero usar (nem por isso critico quem usa), decidi isso. Sempre procurei um estilo diferente, não gosto de ser igual a todo mundo nem de seguir padrões e isso incomoda muita gente! [...]” (Aline Laitarte, 14/09/2013 - Corpão)

“[...] Por favor, parem de encher a Bruna com o que vcs acham que ela deve vestir, e, por favor, parem de me encher para que eu use roupas coladas e mais curtas. A magrela aqui tbm quer usar roupas largas e compridas!!” (Nayara Fernandes, 17/12/2013 – Look: Garfield Del Rey)

“[...] melhor parecer natural e ser feliz assim.. acho lindo se vestir assim.. não meninas preocupadas e com certeza carentes que tem realmente a auto estima baixa, se vestem para os outros.. não são elas de verdade.. acham que um decote, ou roupas coladas deixam mais bonitas.. mentira! pura mídia e padrões estranhos com pessoas mais ainda tentando se encaixar neles!” (C, 17/12/2013 – Look: Garfield Del Rey)

Os comentários acima evidenciam que “maquiagem, roupas e adereços são declarados, na realidade, como a base, mesmo para a resistência feminista” (F. FILHO,

2007, p. 142). Por meio dos comentários, as jovens conseguem, então, escapar, mesmo que essencialmente, das relações sociais de poder e dos padrões de corpo impostos pela sociedade, segundo os quais as jovens devem ser magras, malhadas, e usar roupas curtas e decotadas.

Verifica-se a formação de uma subcultura, ou seja, uma cultura alternativa, “que não estaria associada somente a um conjunto de valores, normas e tradições predominantes em uma dada sociedade, mas que envolveria todos os aspectos da vida cotidiana de um determinado grupo” (WELLER, 2005a, p. 109). Isso porque essas jovens seguidoras do *blog* Depois dos Quinze não se associam aos valores e padrões de corpo vigente na cultura em que estão todas inseridas, como elas mesmas falam nos seguintes comentários:

“Ameiii o texto. Acho que já estava na hora de levarmos um choque de realidade. [...] temos que nos amar como somos e parar de fazer tantas comparações. Obrigada pelo texto!!!” (Débora Thalita, 03/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda)

“[...] Ter o corpo perfeito é como a sociedade quer que sejamos, mas nós somos meninas comuns e não modelos para ter esse tão corpo perfeito né? [...]” (Keith Pappen, 13/09/2013 - Corpão)

“Verdade. Muito bom este texto. E na verdade, a sociedade dito isso, assim como você falou, hoje em dia podemos ver uma quantidade maior de pessoas falando de plus size, por exemplo, mas antes e até atualmente nenhuma revista de moda brasileira colocou uma na capa. Eles querem as magras. A televisão ensina isso, os lugares que passamos ensina isso. nada contra magreza, e nem a favor da gordurinha a mais, mas as pessoas começam a ficar neuróticas, falando tanto e pensando tanto em dieta, como você disse. O importante é estar bem com a saúde. Já vi gente gordinha, com a saúde muito bem e gente magrinha com saúde ruim, já vi ao contrário também, mas como você disse, devemos apenas estar atentos a isso e deixa o preconceito de lado, que muitas vezes está em nós e não nos outros.” (Jéssica Carvalho, 21/10/2013 – Superando os próprios preconceitos)

Percebe-se que essas jovens passam a ter um grupo virtual que as empodera, fazendo da sua condição juvenil um estilo de vida, em que identidades são construídas e/ou reconstruídas. É uma resposta ou solução para os problemas enfrentados no cotidiano de cada uma delas, devido ao corpo que cada uma possui na sociedade em que vivemos.

Nesse sentido, o *blog* Depois dos Quinze – apesar de ser uma referência na mídia virtual, ou seja, um espaço que veicula produtos, propagandas, simbolizando a cultura do consumo – ainda se coloca como um espaço de emancipação para as jovens, que constroem um protagonismo diante das postagens das *blogueiras* e dos comentários das *seguidoras*, constituindo um grupo de estilo por meio da reafirmação das diferenças.

4.3. *Protagonismo do blog Depois dos Quinze: lócus de construção de novas identidades juvenis femininas*

Neste capítulo trazemos o protagonismo que o *blog* Depois dos Quinze exerce como *lócus* de construção de novas identidades juvenis femininas, através da interação com as seguidoras nas postagens que coletamos para esta pesquisa.

O *blog* tem como criadora uma jovem mulher, que coleciona sonhos, histórias e viagens ao redor do mundo e as compartilha com suas seguidoras, na maioria mulheres. É uma jovem que, segundo seus próprios relatos³⁵:

“sonha em fazer a diferença, de uma maneira diferente. E tento isso todos os dias, aqui nesse *blog*. Dizem por aí que eu entendo tudo sobre sentimentos. Mas, claro, só os dos outros. Isso não é bem uma qualidade, mas é legal saber escrever o que ninguém consegue dizer.”

De batom vermelho e sorriso fácil, essa blogueira tem encantado um grande número de jovens interessadas nesse universo. Sua escrita sobre desilusões amorosas, padrão de corpo, moda, música, fotografia, entre outros temas, já recebeu cerca de 130 milhões de acessos desde 2008. Colunista da Revista Capricho, escritora de 04 livros e administradora do *Blog*, Bruna construiu um *protagonismo juvenil*³⁶ com seu *blog*, na medida em que estimula a participação social dos jovens não somente de forma pessoal, mas também nas comunidades em que as jovens seguidoras estão inseridas, formando uma rede simbólica de sentidos que dissemina no *blog* junto com as blogueiras.

De acordo com Bruna, no começo, o *blog*

³⁵ About Bruna Vieira, disponível em: < <http://www.depoisdosquinze.com/author/admin/> >. Acesso em: 21abr. 2015.

³⁶“O Protagonismo Juvenil é um tipo de ação de intervenção no contexto social para responder a problemas reais onde o jovem é sempre o ator principal. É uma forma superior de educação para a cidadania não pelo discurso das palavras, mas pelo curso dos acontecimentos. É passar a mensagem da cidadania criando acontecimentos, onde o jovem ocupa uma posição de centralidade. O Protagonismo Juvenil significa, tecnicamente, o jovem participar como ator principal em ações que não dizem respeito à sua vida privada, familiar e afetiva, mas a problemas relativos ao bem comum, na escola, na comunidade ou na sociedade mais ampla. Outro aspecto do protagonismo é a concepção do jovem como fonte de iniciativa, que é ação; como fonte de liberdade, que é opção; e como fonte de compromissos, que é responsabilidade. Na raiz do protagonismo tem que haver uma opção livre do jovem, ele tem que participar na decisão se vai ou não fazer a ação. O jovem tem que participar do planejamento da ação. Depois tem que participar na execução da ação, na sua avaliação e na apropriação dos resultados.” (TELES, 2012) Disponível em: <<http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2012/02/o-protagonismo-juvenil-e-formacao-de.html>>. Acesso em: 15 abr.2015.

“foi só mais um login e uma senha que eu provavelmente esqueceria em semanas. Mas isso como você pode perceber não aconteceu. Eu estava em busca de algo que não existia, foi quando percebi que eu poderia mudar isso. Juntei algumas palavras e comecei a digitar, e até hoje não parei. O *blog* foi crescendo, tanto que virou site. Hoje eu falo um pouquinho sobre tudo. Dizem que depois dos quinze, tudo começa a mudar. Digamos que eu esteja aqui par ajudar nas mudanças.”

Essa jovem, que iniciou sozinha, tendo sonhos e fantasias como motivação, hoje conta com 07 colaboradores, também jovens como ela. Karine Rosa tem 21 anos, está treinando para ser jornalista e escritora, não gosta de fazer autobiografia e geralmente escreve sobre comportamento. Jefferson Souza, o único homem colaborador, tem 21 anos, gosta de livros, filmes e seriados, e escreve para o site da Capricho. Paula Buzzo tem 24 anos, trabalha com internet desde os 11 anos e tira praticamente todas as fotos que estão no *blog* Depois dos Quinze. Au Sonsin tem 20 anos, estuda Publicidade e Propaganda, geralmente escreve na categoria de comportamento dando dicas de compras e lugares para visitar. Maria Ienke tem 24 anos, é formada em Comunicação Social, ama cinema, fotografia, música, dentre outras coisas. Fabiane Secches é mineira, mas mora em São Paulo; escreve sobre cultura, comportamento e *lifestyle*. Danielle Noce tem 29 anos e faz as postagens sobre culinária.

Assim, percebemos que um *blog* criado e organizado por jovens torna-se o protagonista, ou seja, o personagem principal, influenciando a formação de novas identidades juvenis, principalmente femininas, público majoritário que acompanha esse *blog*, o que é perceptível nos depoimentos postados.

Verificamos que 27 dos comentários selecionados discorrem sobre o protagonismo do *blog*, distribuindo-se da seguinte forma: na postagem “Como descobri que nunca fui gorda”, houve 06 comentários; na postagem “O reflexo e eu”, 01 comentário; e na postagem “Corpão”, 20 comentários.

O protagonismo juvenil contribui para a formação de pessoas mais autônomas e comprometidas socialmente com valores de solidariedade e respeito, contribuindo assim para uma transformação social (TELES, 2012).

Bruna Viera, através de suas postagens no *blog*, tem provocado reflexão e incentivando a autonomia nas jovens seguidoras, como podemos acompanhar nos seguintes comentários:

“[...] Hoje, depois de acompanhar o Depois dos 15 por três meses, posso dizer que sou melhor e mais inspirada por tua causa e vejo que não sou a

única e isso é lindo. Parabéns por compartilhar conosco mais um pedacinho de vc [...]” (Ariane Alves, 13/09/2013 - Corpão)

*“[...] Adoro moda, entro todos os dias aqui e vejo os novos posts. Tento aplicar as dicas ao meu estilo. **Depois que comecei a me amar, aprendi que as pessoas, vão me ver e realmente me conhecer do jeito que eu quero. E garanto que aprendi isso tudo, lendo seus posts Bruna. Obrigada. Sucesso!** <3 ” (Isabela, 13/09/2013 - Corpão)*

*“[...] **Tava precisando de algo do tipo para esse meu período de ‘aceitação’ e o texto me ajudou muito! Continue sempre assim, Bru. Sendo essa garota maravilhosa, que inspira as pessoas. E viva o quadril largo, a escova progressiva e os pés tamanho 39 (me identifiquei muito) rs. Beijão!** <3” (Milena Moraes, 21/01/2014 - Corpão)*

Observamos que essas jovens são protagonistas do seu próprio desenvolvimento. A partir desse tipo de ação, as jovens obtêm e expandem sua capacidade de interferir de forma ativa e construtiva em seu contexto social (TELES, 2012), ou seja, elas se tornam autônomas na sociedade, diante de suas escolhas acerca de seus corpos.

Outros comentários exemplificam o protagonismo do *blog*:

“Li o texto todo, e não vejo nenhum problema em você ser assim. As pessoas tem essa mania chata de querer que os outros sejam perfeitos como elas imaginam, e se aproveitam quando esse outro é bem conhecido na TV ou Internet, como você. Se você se sente bem do jeito que está, o melhor é não dar importâncias a esses comentários bobos mesmo. E minha opinião: seu corpo é muito lindo, queria pelo menos 10% das suas curvas: P Beijos! ” (Esther Aguiar, 13/09/2013 - Corpão)

“Ótimo post Bruna! Acho ótimo quando vc ou outras blogueiras influentes falam sobre esse tipo de assunto porque levanta uma discussão! [...] eu me emocionei com o que vc escreveu e concordo que o importante é estar feliz consigo mesma. Na verdade, eu ainda estou em busca disso e cara, isso é tão difícil! Vc deve mesmo ficar orgulhosa e feliz por ter alcançado isso ^^ Parabéns! Que vc continue assim! Bjs” (Evellyn, 13/09/2013 - Corpão)

É evidente a importância das postagens na vida dessas jovens, cujos relatos revelam como elas são afetadas pelos comentários, o que nos permite inferir também certa influência na formação de uma nova identidade juvenil feminina. De acordo com Bauman (2005), a identidade é

[...] como uma coisa que ainda se precisa construir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa de identidade deva ser, e tenda a ser suprida e laboriosamente oculta. (p.22).

Verificamos, portanto, que essa formação identitária vai se dando a partir do contato das seguidoras do *blog* com as postagens, numa interação constante e reflexiva, contestando a condição precária, para conseguirem manter-se nessa nova condição de jovens que lutam para terem a sua identidade de forma plena.

Nesse processo, essas jovens vão reafirmando também o espaço do *blog* como um veículo virtual de resistência, socialmente produzido por um protagonismo juvenil, como podemos ler nos seguintes comentários:

“Ameiii o texto. Acho que já estava na hora de levarmos um choque de realidade. [...] Obrigada pelo texto!!!” (Débora Thalita, 03/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda).

“[...] Ter o corpo perfeito é como a sociedade quer que sejamos, mas nós somos meninas comuns e não modelos para ter esse tão corpo perfeito né? HAHAHA Beijão <3” (Keith Pappen, 13/09/2013 - Corpão)

Esses comentários evidenciam o poder de resistência que essas jovens vão adquirindo através das postagens no *blog*, pois é a partir de tais publicações que as blogueiras problematizam o imperativo do padrão de corpo, a proposta de colocá-lo em discussão, com os excessos de sua utilização. Com seus *posts*, Bruna interage com as jovens e as orienta acerca dos efeitos subjetivos desses valores disseminados socialmente.

Embora esteja cada dia mais evidente a demanda das jovens por um corpo ideal, paradoxalmente, notamos que o *blog* tem questionado esses valores, produzindo um certo apagamento na insatisfação das jovens com seu corpo, contrariando a maior parte da mídia, que aponta para um ideal de beleza e perfeição. O *blog* Depois dos Quinze é protagonista, pois oferece troca simbólica, e esta se faz com o diferente e não com o especular.

5. Desconectando

Desconectando, mas continuando pensar sobre o tema, nos voltamos aos objetivos e às categorias de análise, para então delimitar algumas das nossas considerações finais.

Percebemos com esta pesquisa que a juventude, especificamente a feminina, interage, se informa e se comunica, cada vez mais através de espaços virtuais, dedicando boa parte de seu tempo cotidiano à cibercultura. Isso ocorre pela conexão e comunicação permanente, e a independência do lugar geográfico.

Os *blogs* são hoje fenômenos sócio-comunicacionais de impacto planetário, e se transformaram não só em um objeto fundamental de pesquisa para as ciências sociais, mas também em um poderoso instrumento pedagógico. Foi dessa forma que visualizamos esta pesquisa, valorizando seu potencial pedagógico para a abordagem do tema do corpo na juventude. É nosso interesse disponibilizá-la aos interessados. Colher comentários das jovens para criar ambiente de discussão, que amplia e significa a interação na sala de aula, e permite aos alunos trocar ideias, adicionar comentários. Essa é também nossa recomendação com este estudo.

O *blog* Depois dos Quinze é, hoje, um fenômeno entre as jovens e uma referência no meio virtual, com seus milhares de seguidores. Foi possível verificar que a forma de linguagem confere sentido próprio à comunicação estabelecida entre elas, e que transformam esse espaço virtual em um lugar de múltiplas experiências e aprendizagens, além de identificá-las com seus temas, discussões e representações, conferindo um território plural de significados comuns à juventude.

Observamos que a partir do *blog*, das postagens e dos comentários, essas jovens mulheres seguidoras passam a formar um grupo virtual, que, com suas ações individuais e coletivas, atuam construindo e/ou reconstruindo identidades. O *blog* **Depois dos Quinze** passa ser um *lócus* de construção de identidades juvenis a partir do protagonismo de Bruna Vieira, cujas ideias e temas provocam as jovens a se questionarem ou solucionarem os problemas relativos ao corpo, enfrentados no cotidiano.

Bruna Vieira é a autora principal e, como *blogueira*, também não se encaixa no padrão de corpo hegemônico, porque tem quadris largos, está sempre acima do peso e, segundo ela mesma, tem pé grande. Incentiva o debate sobre a possibilidade de suas

seguidoras considerarem padrões de corpo, de forma plural, diferenciada e assim se identificarem com novas formas de entendimento e representação de seus corpos.

A partir dessas interações, essas jovens vão se tornando autônomas e comprometidas socialmente, expandindo sua capacidade de interferir de forma ativa e construtiva em seu contexto social e educacional.

A partir da compreensão de que as representações de corpo são uma construção sócio-histórica-cultural, concluímos – através das postagens e comentários entre as mulheres jovens no ciberespaço, especialmente no *blog* Depois dos Quinze – que tanto as blogueiras quanto as seguidoras são influenciadas pelo tema do corpo ideal, da cultura *fitness* e do culto as aparências, sempre em busca do belo e do “padrão” socialmente hegemônico. E que, apesar de essas jovens se sentirem pressionadas pela sociedade em relação a um padrão corporal, muitas não se dobram a ele, outras resistem e passam a aceitar seus corpos, identificando-se com suas diferenças.

Os temas do corpo e dos cuidados de si estão presentes em quase todas as postagens e comentários no *blog*, mostrando sua relevância nos relatos, na representação e no cotidiano das jovens.

A insatisfação das jovens mulheres com seus corpos magros ou gordos em relação ao “padrão” é marcada pela crítica da família e de pessoas de sua convivência próxima, como namorado, acirrando a insatisfação e muitas vezes provocando baixa estima entre as jovens com seu corpo.

A maioria das jovens percebe que os exercícios físicos e as dietas são meios pelos quais elas conseguem interferir no seu padrão de corpo. Mas também percebem que a busca pelo “corpo perfeito” pode levá-las a desenvolverem distúrbios alimentares, como bulimia e anorexia, e que, em casos extremos, essas doenças levam à morte.

A maioria delas escapa dessa cilada e nega os “padrões” de corpo imposto pela sociedade e pela mídia. Relatam a existência de um “padrão ideal de corpo de mulher brasileira”, o qual é caracterizado como sendo as mulheres que possuem quadril largo e coxas grandes, e de acordo com esta representação de corpo se identificam.

É a partir da identificação de diferenças expressas no corpo que elas vão se constituindo como um grupo identitário, formando uma cultura de resistência, na qual elas passam a compor um grupo de estilo que se importa mais com a saúde e os hábitos saudáveis do que com o “padrão” socialmente exigido de corpo. Assim, essas jovens fortalecem o grupo de estilo que formam no *blog* Depois dos Quinze, protagonizando a

diversidade de corpos e, dessa forma, passam a resistir ao modelo de corpo culturalmente imposto.

Apesar de esta pesquisa não se desenvolver no ambiente escolar, ela é importante para os professores e em especial os de Educação Física, principalmente os que trabalham no Ensino Médio, pois traz à tona vários assuntos relacionados ao corpo e cuidados de si, que as jovens mulheres estão sempre buscando debater.

Considerando que as temáticas do corpo, emagrecimento, suas ciladas e resistências frequentemente atravessam a juventude e estão presentes nas discussões levantadas neste trabalho, percebemos o quanto esta pesquisa se torna relevante para ser trabalhada pelos professores, na medida em que as jovens procuram outros espaços para o aprofundamento de tais conhecimentos, como os blogs.

Referências

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. cap. 4, p. 447.

AGUIAR, P. K. M. de; BOTTI, M. Os significados do corpo contemporâneo: limites e desafios para a educação física. In: XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO E ESPORTE E IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 17., 2011, Porto Alegre. **Anais...** CONBRACE, 2011.

ANDRADE, S. de S. Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, jan./abr. 2003.

BAACKE, D. **Jugend und Jugendkulturen**. Darstellung und Deutung. Weinheim/München: Juventa, 1987.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CARLI, D. M. de; FONTOURA, L. M.; SANTIAGO, L. Geração Y e a indústria de software do Brasil. In: **Simpósio Brasileiro de Sistemas de Informação**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011. p. 346-356.

CARRANO, P.; MARTINS, C. H. de S. Culturas e expressividades juvenis: uma janela para a escola. In: DEBATE – JUVENTUDES EM REDE: JOVENS PRODUZINDO EDUCAÇÃO, TRABALHO E CULTURA. Rio de Janeiro: **Salto para o Futuro**, v. 24, 2007. cap. 3, p. 34-45.

CARRANO, P. C. R. **Angra de tantos reis**: práticas educativas e jovens tra(n)çados da. Niterói: 1999.

CARVALHO, Y. M. de. Corpo e história: o corpo para os gregos, pelos gregos, na Grécia antiga. In: SOARES, C. L. O. (Ed.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, v. 2, 2004.

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, N. M. "Seu Corpo, esse Corpo que é meu...". In: LYRA, B.; SANTANA, G. (Orgs.). **Corpo & Mídia**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. p. 320.

CUPOLILLO, A.; COPOLILLO, M. **Sentir, pensar e olhar: múltiplos Significados para os corposujeitos**. In: (Ed.). Porto Alegre, 2011.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. 7. ed. Papirus, 1995.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set.-out.-nov.-dez. 2003.

_____. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. In: (Ed.). **XXIV Reunião Brasileira de Antropologia**. Recife: ABA - Associação Brasileira de Antropologia, 2004. cap. Anais,

_____. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

_____. T. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. 30 dez/1999.

Depois dos quinze. Disponível em: <<http://www.depoisdosquinze.com.br>>. Acesso em: 08 out. 2014.

Dicionário de língua portuguesa on-line. Porto Editora 2014.

FARAH, M. H. S.; MATE, C. H. Uma discussão sobre as práticas de anorexia e bulimia como estéticas de existência. **Educ. Pesqui**, São Paulo, fev, 2015.

FERSCHHOFF, W.; NEUBAUER, G. Jugendkulturelle Stile und Moden zwischen Selbstinszenierung, Stilzwang und (Konsum-)Vereinnahmung In: MANSEL, J.; KLOCKE, A. O. (Eds.). **Die Jugend von heute**. Winheim/München: Juventa, 1996. p. 32-52.

FIGUEIRA, M. L. M. **Skate para meninas: modos de se fazer ver em um esporte em construção**. 2008. 244 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FIGUEIRA, M. L. M.; GOELLNER, S. V. O Skate feminino no Brasil: estratégias de se fazer ver. In: BRANDÃO, L.; HONORAT, T. (Orgs.). **Skate & skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012. p. 147-169.

F. FILHO, J. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais a as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FORTES, L. de S.; MIRANDA, V. P. N.; FERREIRA, M. E. C. Insatisfação corporal e atividade física em adolescentes de Juiz de Fora, MG. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 340-354, abr./jun. 2013.

FORTES, L. de S.; MORGADO, F. F. de R.; FERREIRA, M. E. C. Fatores associados ao comportamento alimentar inadequado em adolescentes escolares. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 59-64, 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FRIEDRICHS, M. C. **Mulheres "on-line" e seus diários virtuais**: corpos escritos em blogs. 2009. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GOELLNER, S. V. A cultura *fitness* e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências. In: STEVENS, C. M. T.; SWAIN, T. N. (Eds.). **A construção dos corpos**: perspectivas feministas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.

GOLDENBERG, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. **PSIC. CLIN.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 65-80, 2005.

HALL, S. The question of cultural identity. In: HALL, S.; HELD, D. et al. (Eds.). **Modernity. An Introduction to Modern Societies**. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1996. p. 595-634.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HINE, C. **Etnografia virtual**. Barcelona, Espanha: UOC, 2004.

KEMP, K. **Grupos de estilo jovens**: o rock underground e as práticas (contra) culturais dos grupos punk e thrash em São Paulo. 1993. 228 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, SP, 1993.

KRÜGER, F. L.; CRUZ, D. M. Jogos (virtuais) de simulação da vida (real): a geração Y e o The Sims. In: (Ed.). **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Porto Alegre: Intercom, 2004.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

LE BRETON, D. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MAGRO, V. M. de M. **Meninas do graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas**. 2003. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2003.

MAROUN, K.; VIEIRA, V. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2008.

MAUSS, M. **As técnicas corporais: sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 191.

MONTARDO, S. P.; PASSERINO, L. M. Estudos dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. **Novas Tecnologias CINTED-UFRGS na Educação**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, dez. 2006.

MOURÃO, T. F. Mutilações e normatizações do corpo feminino - entre a bela e a fera. In: STEVENS, C. M. T.; SWAIN, T. N. (Eds.). **A construção dos corpos - perspectivas feministas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008. cap. 11.

NETO, P. P.; CAPONI, S. N. C. A medicalização da beleza. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 11, n. 23, p. 569-584, set./dez. 2007.

NOVAES, J. de V. **O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond, 2006.

OLIVEIRA, F. de C. et al. Sintomas de anorexia e bulimia, insatisfação corporal e associação com adiposidade em adolescentes. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 137-144, 2012. ISSN 1981-4313.

OLIVEIRA, S. **Geração Y - O nascimento de uma nova versão de líderes.** São Paulo: Integrare, 2010.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5/6, p. 15-24, 1997.

PIENIZ, M. Novas configurações metodológicas e espaciais: etnografia do concreto à etnografia do virtual. **Revista Elementa**, Sorocaba, v. 1, n. 2, jul./dez. 2009.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

RODRIGUES, R. Sociedade, corpo e interdições: contribuições do estudo de Marcel Mauss sobre as técnicas do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 21, n. 2/3, p. 66-70, jan./maio 2000.

SANTAELLA, L. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano.** **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. quadrimestral, n. 22, dez. 2003.

SANTIAGO, L. V. et al. **Corpo-corporeidade: notas para uma reflexão do corpo na escola.** In: (Ed.). Porto Alegre, 2011.

SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade.** Campinas e Florianópolis: Editora Autores Associados e Editora da UFSC, 2001.

SILVA, J. F. de **"Quer teclar?": Aprendizagens sobre juventude e soropositividades através de bate-papos virtuais.** 2012. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2012.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

STEINBERG, Shirley R. 2001. Sem segredos - cultural infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley R & KINCHELOE, Joe. **Cultural infantil - a construção corporativa da infância.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

TAKAHASHI, T. **Sociedade da informação no Brasil: livro verde.** Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TELES, M. V. F. S. O protagonismo juvenil e a formação de agentes culturais na escola. **Para entender a história...**, fev. 2012, ano 3. ISSN 2179-4111. Disponível em: <<http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2012/02/o-protagonismo-juvenil-e-formacao-de.html>>.

THEODORO, T. **Bruna Vieira**: do *blog* pra capa da revista, 2014

VAZ, P. Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade. **Dossiê**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 37 - 61, mar. 2006.

VIEIRA, B. **Depois dos quinze**: quando tudo começou. Belo Horizonte: Gutenberg, 2013.

_____. **Trilogia meu primeiro blog**: de volta aos quinze. Belo Horizonte: Gutenberg, 2014 a.

_____. **A menina que colecionava borboletas**. Belo Horizonte: Gutenberg, 2014 b.

WELLER, W. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: A arte de se tornar visível. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan.-abr. 2005a.

_____. Gênero e juventude. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan.-abr, 2005b.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 13. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ANEXO I - Comentários do Post “Como descobri que nunca fui gorda”

Por Luisa Clasen
(01/06/2013)

“Lully, me abraça): Li esse seu post e me emocionei (oi, TPM). Mas tem também o fato de que seeempre fui-na realidade, sou-gordinha. Já procurei as questões psicológicas na internet e vi várias meninas que na minha concepção são de um peso normal, se chamarem de obesas e querendo morrer por isso. Queria ter um estilo de vida saudável, mas não pratico exercícios :/ Pelo menos não como tanta besteira (quando meus amigos vem aqui em casa, reclamam que não tem porcaria pra comer). Tento e tento me amar gordinha, mas acho que isso é a adolescência. E sei como é experimentar um M ficar super feliz por que coube! Também tenho isso de não experimentar as roupas com medo de não caber. Já experimentei o maior tamanho em algumas lojas e não coube :/ E tem o negócio que eu sou meio que o contrário de você: não tenho muita barriga, mas muito braço e bunda. “Convido você agora a olhar pra sua pancinha e amá-la macia e deslumbrante como ela é.” Abracei meus braços, minha bunda grande e, claro, a minha pancinha. <3” (Júlia, 01/06/2013).

“Poxa fiquei muito feliz em ver isso, nunca fui magra nem quando era pequena e sempre tive vergonha do meu corpo, mas lendo esse tipo de texto percebo que não sou a única que sofro com isso e que tem mais pessoas passando pelos mesmos problemas como os meus. Fico feliz em ver pessoas assim que não tem vergonha de falar sobre si mesma e seus “defeitos”, somos lindas com ou sem barriga do jeito que somos, temos que nos inspirar naquilo que nos faz bem e oque tem q ver com agente, um grande exemplo disso é a DEMI LOVATO que não tem vergonha de falar sobre seu corpo entre outras coisas. Pra mim ler coisas assim é um grande prazer! Amei o texto!!” (Irlana, 01/06/2013)

“Amei seu texto!! Estava precisando mesmo ler algo assim. Minha situação é parecida com a sua ... Fico ali no limite do sobrepeso . Há quem me ache com um corpão de dar inveja, há quem ache q devo emagrecer uns 4 quilos e há quem me ache normal! Mas é akilo né , entrar numa calça legal, usar um biquini sem neura. Mas tem q se aceitar né , e se ver que precisa mesmo melhorar , depois do processo de aceitação o que vier é lucro, pq vc nem vai pensar mais tanto em abaixar o ponteiro da balança 😊 E viva ao tamanho 44 ! kkkk” (Janna, 01/06/2013)

“Eu sempre fui gordinha, só consegui emagrecer faz uns 2/3 anos e mesmo assim consigo achar defeito, mesmo com os vários elogios sobre minha forma física de hoje em dia. Me olho no espelho o tempo todo e nunca consigo me gostar, choro, fico mal mesmo... não me acho bonita e apesar da vontade, faz muito tempo que não nado por vergonha de colocar biquíni, dentre outras coisas. Whatever, amei o texto, apesar de não conseguir enfiar na minha cabeça que não preciso ser magérrima 😊 Beijós!” (Paula, 01/06/2013)

“Preciso confessar que quase chorei ao ler o texto. Desde que me conheço por gente estou tentando ficar mais magra. Até que consegui, mas para mim não foi bom o

suficiente. Hoje, gordinha, tento entender que devo me aceitar. Não que eu deva me acabar em Trakinas e Toddyinho, mas devo me permitir comer aquilo que tenho vontade, desde que isso não prejudique minha saúde. Hoje estou me reeducando, comendo menos, mas com mais amor. De uns tempos para cá, venho aceitando o fato de eu não ter a bunda da Jolie e sim da Beyoncé hehe Esse texto é incrível, toda vez que me sentir mal com meu corpo, vou lembrar que meu biotipo é MEU biotipo e lerei esse texto novamente! <3” (Maria Luiza Neves, 01/06/2013)

😊 Esse é um texto de auto-ajuda que mais parece uma conversa entre amigas! Eu ainda não cheguei à parte de aceitar a pancinha com carinho ,mais já cheguei ao ponto de que você tem que se amar primeiro, mais sou a favor de que se você é infeliz lute para mudar isso. Quero emagrecer de forma saudável porque sinto falta de quando era mais saudável e não me sinto bem com o meu peso atual(até mesmo por questões de saúde).Mais o importante é você se sentir feliz, independente se você é magra ou fofinha. Você arrasou no texto Lully! <3” (Layni, 02/06/2013)

“Amei o texto, porque eu também tenho esse biotipo de brasileira, pernã, bundão tudo ‘ÃO’ haushaas E de uns tempos pra cá eu estou querendo loucamente emagrecer, e eu sei que é pq é eu vejo muitas fotos de modelos que são só pele e osso. Parece que de tanto ver essas fotos nós sentimos que temos que ser assim também. Agora depois desse texto com certeza vou tentar me aceitar como eu sou e só vou prestar atenção nos números que medem o meu colesterol.” (Aline Sena, 02/06/2013).

“Lindo texto! Quando eu era criança eu era bem gordinha (A mais ‘bolinha’ da turma) lembro que me zoavam demais por ser assim, eu era muito triste e as meninas sempre me excluía, sem contar a aula de Educação física que sempre era a última a ser escolhida (até hoje sou). Com o tempo a gente cresce e percebe que quem tem as coxas grossas e quadris largos são bonitas também. Quando passei a visitar vários blogs as coisas complicaram um pouco mais, ver tantas blogueiras tão magrinhas realmente me deixava meio deprimida, foi aí que conheci o blog da Bruna e vi que dava sim pra ser linda e estilosa com corpão de brasileira!” (Isabelle, 03/06/2013).

“Gostei muito do que li. Eu tenho 1,65 de altura e devo estar ai entre 75 a 78kg, e minhas amigas vivem pedindo pra emagrecer. Só que eu gosto de comer, e quem não gosta? Puxa... Quando saímos juntas e não jantamos e vamos comer lá, tipo (gordice) Ex.:Cachorro quente... normal comerem 2, mas se eu quero comer o 3º, gente, para tudo, sou anormal por isso. E vezes isso me chateia muito. Eu não vivo comendo cachorro quente todo dia. Espera aí! -Certo que elas querem ver o meu bem, pra não desenvolver doenças por causa do excesso, enfim, sabem do que estou falando. O meu único problema, não é arrumar namorado porque estou acima do peso, mas sim, quando vou as compras. É horrível estar num ambiente onde você se vê, que ali não tem nada pra você. E que quando tem, não faz o seu tipo(gosto). Tem vezes que me sinto “obrigada” de certa forma comprar algo caro, só porque aquela roupa deu em mim. E vezes noutras, comprar algo que alguém gostou em me ver vestida. E com coisas que nem gosto, que não fazem o meu estilo. Puxa vida. Eu me vejo como uma pessoa que faz os gosto dos outros do que a minha própria vontade comigo mesma. E por esse post, eu tive mais noção do que quero pra mim, e não é ser (((GORDA))) é me ser quem eu sou, impor as minhas vontades, dizer de fato, eu gosto disso, tal coisa não faz meu tipo. E claro, ter atitudes mais saudáveis, cuidar mesmo da minha saúde, e me sentir mais bonita comigo mesma, sem perder, deixar de lado a Rafaela que sou. Não

me tornar alguém paranoica. Mas continuar a pessoa falante que sou (quando me deixam a vontade pra falar). Pois bem. Obrigada por ter abrangido mais as minhas certezas, e continue com seu vlog. Eu até já me inscrevi nele. A cada dia tenho assistido e curtindo muito. E enfim. Estou amando conhecer a cada dia (Lully de verdade) 😊 Beijos. 😊” (Rafaela, 13/06/2013).

“Lully, este teu texto deixou-me muito emocionada e tocada. Sou gordinha assumida e nunca tive grandes problema com isso até a minha mãe começar a implicar. Tenho 1,65m e peso 67kg, sou completamente saudável e faço 5km de caminhada todos os dias, mas a minha mãe sente-se infeliz de ter uma filha gordinha e de todas as vezes que eu tenho um boost de confiança e me aprecio no espelho, ela vem e se lamenta com a minha celulite ou a minha pansinha. Sei que quando lhe pergunto se estou bonita, ela torce o nariz antes de dizer um “Sim” a contragosto. Ela é alta e magra, eu estou okay com isso, não tenho inveja do corpo dela, não quero ser como ela, mas ela parece não entender que eu me sinto feliz por vestir um 38 e tamanho L, que eu não tenho vergonha de mostrar as minhas pernas e a pancinha na praia e que não me incomoda os olhares tortos das pessoas que não conheço. Mas que ela me julgar como se eu sofresse de alguma doença? Isso me arruína. Faço questão de lhe mostrar este seu texto e lhe provar que as mulheres gordinhas têm o direito de se sentir gostosas e de se amar do jeito que são. Obrigada por esse texto (:” (Maria, 29/06/2013)

“Lully, adorei conhecer seu blog. É muito bom ler isso. Atualmente faço academia e tenho aprendido a gostar do meu biótipo. Sorte que tenho 1,67! Tenho valorizado outras coisas, acho que tenho o rosto bonito e tenho meu próprio estilo. Minhas musas são as mulheres dos anos 40 e 50, com biótipo maior. Hoje muitas delas seriam consideradas plus size! A indústria da moda está forçando a barra. Também admiro moças atuais mais próximas do meu tipo físico, como a Kat Dennings e Danielle Colby. Desde que me apaixonei pelo vintage, me sinto mais bonita pela identificação. Notei que quando engordo, ninguém nem percebe, a gente acaba cobrando demais do nosso próprio corpo e acaba abrindo mão dos prazeres da vida. Legal é ser saudável e única.” (Helena, 31/07/2013)

Também há relatos das garotas que gostaram do texto, mas que sofre da situação contrária, a de serem muito magras e querem engordar como estão nos seguintes relatos:

“MUITO OBRIGADA LULLY! Desde pequena fui chamada de “bicho pau”, porque sou muito magra. Teve uma época, nos meus 14 anos, que eu comia MUITO DOCE e MUITO PÃO, porque queria engordar, pra que as pessoas parassem de me zoar. Quantas vezes já não fui chamada de “magra de ruim”, como você citou? Várias. Até que um dia eu parei pra pensar que eu não era feliz comendo uma barra de chocolate por dia (acredite se quiser, duplamente haha), e que isso não me fazia engordar. Me aceitei do jeito que eu sou, e como eu sou feliz. Obrigada, por citar as magras no seu texto, porque normalmente somos taxadas como “as erradas”, ou as que reclamam de barriga cheia. 😊” (Thais, 01/06/2013).

“Texto super verdadeiro. Muitas pessoas me questionariam se eu falasse que tenho uma barriga negativa, mas gente é o meu metabolismo além disso faço esporte, contudo não faço dieta porque estou abaixo do peso pois tenho 1,75 de altura e peso 53 kg. Mesmo assim sofro por ser magra, não porque quero mas sou assim. Quanto a barriga

negativa, por mais que a minha seja natural devido ao meu metabolismo, esqueça, essa barriga só te leva a um lugar, hospital. Isso é anorexia, sinte-se feliz com o seu corpo. Se é para ter barriga negativa eu prefiro ir contra a todos até o fim, para mostrar que a febre de ser “magra e bonita” também causa a morte” (Amanda Barbosa, 01/06/2013)

“Falou tudo! Sempre achei que essa paranoia do peso uma maluquice social bizarra. Eu e uma amiga passamos a vida sofrendo porque somos magras, já que aqui na Bahia o padrão de beleza é cheio de curvas e bunda e tudo mais. Sendo descendente de europeus, a gente quase não tem cintura, tem pouca bunda e peito, e ainda tem que ouvir os outros mandando a gente comer mais, ‘pq assim vai desaparecer’... Não adianta comer um caminhão de bacon quando se é ‘magra de ruim’ mesmo! O texto vale tanto para quem se acha gorda quanto pra quem se acha muito magra. Não passe a vida ouvindo o que os outros acham de você! Se olhe no espelho, coloque sua roupa favorita e pergunte a SI MESMA como se sente! Hoje em dia eu me sinto muito feliz com o que tenho, porque aprendi a tirar o melhor do meu corpo e parar de pensar pela cabeça dos outros. 😊” (Maria Lua, 01/06/2013).

“Eu amei o texto. No meu caso eu sempre fui magra e sofri muito por isso, pois moro na Bahia e o biótipo aqui é aquelas mulheres gostosonas, com coxa, bundão e peitão. A coisa que mais me incomodava por ser magra é que sempre que eu ia comprar roupa não tinha pro meu tamanho, então, eu com 15 anos, muitas vezes tinha que comprar roupa infantil pra caber em mim. Pra piorar, na escola ainda me apelidavam de magrela, seca, vara pau entre outros. Hoje me vejo com um corpo bonito, apesar de ser muito magra, mais me aceito assim. Sei que se eu tivesse dado importância para pressão das pessoas talvez estivesse aqui gorda, sem saúde, tomando remédios e vitaminas para engordar. Mas eu não fiz isso, a gente tem que se amar em primeiro lugar, e se às vezes o problema é você achar que nunca vai conseguir encontrar um namorado, vou te contar que está muito enganada, eu conheço vários garotos que amam garotas magrinhas (tipo eu) e também garotos que preferem as ‘gordinhas’” (Madison, 02/06/2013).

“Sempre tive problemas com meu peso, sofro muito com isso... Vivo no efeito sanfona... já tive bulimia, já tentei descarregar essa raiva no meu corpo me batendo. Chorei sofri... não vou ser hipócrita ainda sofro muito com os comentários maldosos =/” (Isabela, 01/06/2013).

“Particularmente, eu adorei o texto. Tenho anorexia e bulimia, nunca fui ‘gorda’, sempre tive 1,54m e 49kg, mas essa padronização da magreza e alguns comentários infelizes trouxeram para mim muito mais do que uma ‘nóia’, mas um transtorno visual e alimentício. Hoje luto contra essas duas doenças, estou abaixo do peso e posso dizer algo para vocês? AINDA NÃO ESTOU FELIZ. Porque ser magra ou gorda é muito além do que a balança diz, mas sim o que você acha, ou como você se vê. Se sua mente está bem, seu corpo sempre será perfeito para você, e isso basta.” (Larissa, 02/06/2013)

“Ameiii o texto. Acho que já estava na hora de levarmos um choque de realidade. Sou morena, filha de mãe negra e também tenho índios na família. Sou a tal da ‘falsa magra’, só tenho as pernas e o quadril largo, mas nunca me amei assim, embora todas as minhas amigas e pessoas em volta digam que tenho o corpo da mulher brasileira, e que não sou gorda, mas ‘gostosa’. Hoje consigo conviver melhor com meu corpo,

acredito que por causa da maturidade (tenho 21), mas durante a adolescência sofri muito com o fato de não entrar numa calça 38, sempre foi 40, 42... até bulimia desenvolvi, e foi (ou melhor, ainda é) uma luta constante contra isso, mas como você disse, temos que nos amar como somos e parar de fazer tantas comparações. Obrigada pelo texto!!!” (Débora Thalita, 03/06/2013).

“Ter uma gordurinha aqui e ali até vai, mas ter pança já acho desleixo, em alguns casos, é claro. Realmente, tem gente que tem uma enorme facilidade pra engordar, mas outras não, só comem besteiras e nunca fazem atividade física. Tipo, faz tempo que sai da dieta e não faço uma caminhada se quer, dai outra dia me peguei reclamando que estava gorda, a culpa é de quem? Minha! Minha que fui desleixada e não me cuidei. Ninguém tem que ter um corpo de modelo, longe disso, mas dizer que é bonito ter pança já é exagero, bundão é lindo, coxas grandes são lindas, mas uma barriga daquelas que é só empinar pra frente e passar na fila das gestantes, sinceramente, não tem nada de bonito, ainda mais quando a pessoa não é gorda por inteiro. E sobre o Sul, moro por aqui e ninguém acha bonito mulheres magras demais, pelo contrario, grande parte prefere um corpão á uma tabua kk Mesmo assim, adorei o texto! Ficou ótimo.” (Gabriela Gomes, 04/06/2013).

ANEXO II - Comentários do Post “O reflexo e eu”

Por Karine Rosa

(09/09/2013)

“Oi =) Belas palavras Karine. Com o passar do tempo amadurecemos e vemos que os defeitos que odiávamos antigamente, são apenas parte de você. Te convido a participar do Super sorteio de maquiagens Nyx e paleta Naked 2. Beijos, Girl Supimpa.” (Girl Supimpa, 09/09/2013).

“Aprendi com o tempo que a gente só fica mal se quiser, eu me achava feia e me sentia excluível mas nunca tinha parado na frente do espelho pra enxergar o que havia de bom em mim, comecei a ver que pra tudo tem um jeito e que eu poderia valorizar tudo o que eu tinha de bom. Eu mudei e descobri quem eu realmente era, eu passei a me amar e se amando você se cuida e ve que você é bonita sim do jeitinho que você é!” (Andressa Maia, 09/09/2013).

“Adorei este artigo, está muito identificável. Para além disso dá uma bela lição, já que a felicidade e a tranquilidade interior passam pela aceitação pessoal e por contemplarmos o nosso interior.” (Felipa Ribeiro, 10/09/2013).

“Antes eu era assim, mais estou começando a me aceitar. nada melhor que amor próprio! 😊😊😊” (Anizia, 11/09/2013).

ANEXO III - Comentários do Post “Corpão”

Por Bruna Vieira

(13/09/2013)

“As pessoas são cruéis, reclamam das outras o tempo todo ... eu por exemplo sou muito magrinha aí escuto dizerem que tenho que engordar, eu até acho que tenho que mudar, mas não é por causa disso ninguém é porque eu quero ficar diferente só isso. Tem um ditado que diz assim : Se nem Jesus agradou, quem sou eu para agradar todos ! Bru, o seu blog é muito interessante, e te acho linda ... 😊” (Marília Palhares, 13/09/2013)

“É de se admirar que alguém pense assim hoje em dia! Meu corpo é muito parecido com o seu, até mesmo o tamanho dos sapatos... É legal ver alguém falando assim, porque só ver gente criticando e tentando te impor um jeito de ser é ridículo. Parabéns! 😊” (Cheyevna Beckedorff, 13/09/2013)

“Bru queria que você lesse isso. Quero te dizer que você é LINDA! tanto por dentro quanto por fora! Eu sou do interior de SP e morro de vontade de ir para a capital, sempre vou para aí por causa da minha família mas nunca te encontrei em algum shopping e nem no Ibirapuera haha Enfim, continue sempre sendo assim, sendo você pois é isso que eu mais gosto na bruna! Eu acesso diariamente 6 blogs (gi, isa, mel, karol, e mandy) e sem querer desprezar as outras blogueiras (que eu amo tbm) o que eu entro primeiro é no seu haha, você é a mais humilde, a mais linda, a mais corpão, a mas eu, e principalmente a mais do meu mundo. Não sei se é porque você não cresceu em uma família rica (que é o que te faz ter pé no chão e ser humilde) mas você não joga na sua cara que você tem o guarda-roupas lotado, ou que seu corpo é o mais bonito da sociedade. Mas pra mim você é a mais bonita, eu aprendi demais com você! Acesso o blog desde a época em que eu tinha 12 anos (mesmo o blog se chamando depois dos quinze haha) e agora já tenho quase 16! eu cresci lendo seus textos e vendo você conquistar o mundo! Por favor nunca se deixe ficar triste com esse tipo de comentário, foi por sua causa que eu comecei a usar roupas mas “hipsters” pois estou um pouco acima do peso também e não sou feliz com o meu corpo, tenho muita insegurança, mas ao mesmo tempo acho o meu rosto, cabelo e olhos verdes lindos. Eu sempre tive vontade de criar um blog mas tenho medo do que as pessoas vão dizer porque sou gordinha e as minhas roupas não são as mais bonitas do mundo. Enfim, mas quero que você saiba que você foi como uma amiga para mim na minha pré-adolescência e até agora, e espero que quando eu for velhinha eu lembre de uma blogueira parecida comigo, que adora ler livros clichês como eu, sempre quis publicar um livro, ama moda e tirar fotos! Beijinhos bruninha, te amo!” (Giovana, 13/09/2013)

“Bruna, PARABÉNS por ser assim. Tenho 26 anos e adoro seu blog. Acho você super madura e corajosa. Digo isso pois muita coisa que leio aqui no seu blog eu só fui aprender com mais idade do que você. Realmente não tem que se importar com o que dizem. Muito provavelmente são pessoas frustradas, sem determinação e sem coragem para seguirem seus sonhos. Sendo assim, estão com a cabeça vazia e morrendo de inveja de quem consegue o que quer. O importante é você gostar de você mesma!” (Ligia Cavallini, 13/09/2013)

“Eu só acho q as pessoas devem olhar pra si mesmo, porque ninguém é perfeito. Eu sempre ouvia as pessoas me chamando de girafa por ter 1,75 de alturas mas nem alta direito eu sou, calço 39 também, tenho pernas grossas e uso 44. Para mim não tem problema o importante é ser feliz com si mesmo. 😊😞😄” (Carol Barbosa, 13/09/2013)

“Problema nenhum! Você é linda desse jeitinho. Essa é você, sem mimimi e eu sei que você ouve isso o tempo todo, mas a verdade é que você arrasa! Amo seu blog, seus looks, textos e tudo mais! Fico feliz de ver que você não leva em consideração certas coisas que as pessoas dizem por aqui e faz muito bem. Não dá pra agradar todo mundo e seria um erro tentar, mas existem sempre aqueles que gostam verdadeiramente da gente, que elogiam com o coração não só com os olhos e isso é o que realmente importa, né? =)O importante é estar feliz e confortável com o próprio corpo E mente, e se não estiver, cabe somente a você aderir ou não a uma dieta e exercícios. Sem frescura. Sem querer superar ninguém a não ser você mesma, respeitando os limites do seu corpo, com a consciência de que cada um é de um jeito. Sem querer se encaixar em algum tipo de “padrão”. Legal mesmo é criar versões cada vez melhores de si mesma! E você leva jeito pra coisa viu? Evoluiu e continua evoluindo muito! Me identifiquei demais com o desabafo, porque também sou extrábica (kkk), nunca deixei de usar óculos (amo!), tinha / tenho muito medo de bola e enquanto parte das minhas amigas já tinha o corpo lindo e os meninos que quisessem, o meu parecia nunca mudar, eu era sequinha sem nada e por isso, não despertava a atenção de ninguém. Sofri na época, mas quando parei de me importar e passei a entender que o meu tempo não é o tempo dos outros, a coisa mudou, meu corpo também. Estou mudando alguns aspectos no meu corpo, sim, mas pra ser mais feliz e não porque alguém me disse que eu deveria. Sei que meu amor me gosta assim. Uso aparelho e óculos e quando falo que quero muito tirar o aparelho (quase lá! yay) ou que quero usar lentes, ele fala que não! O que eu quero dizer é, sempre existirão pessoas que vão te amar, te adorar e não mudariam nada em você, ou não. Mas tudo é mais gostoso, quando existe (muito) amor próprio e esse, nunca pode deixar de existir. =) Parabéns pela iniciativa gatona! 📖 (lê até o final também? juro que eu li o seu haha :P)” (Mandy, 13/09/2013)

“Bruna, te admiro muito por isso, pois acompanho o seu blog desde o início. Vejo o quanto mudou e as pessoas que comentam maldade é porque não tem o que fazer e se sentem melhor fazendo isso com os outros (o que é uma coisa muito feia né?). Ter o corpo perfeito é como a sociedade quer que sejamos, mas nós somos meninas comuns e não modelos para ter esse tão corpo perfeito né? HAHAHA Beijão <3” (Keith Pappen, 13/09/2013)

“LI teu texto até o final e de alguma forma senti que te “conheço” e admiro bem mais depois dele. É incrível como existem pessoas que se sentem felizes em criticar. E é mais incrível ainda, que existam pessoas, como você, com talento de sobra para levantar a cabeça e continuar a brilhar. Pq é isso que você faz! Hoje, depois de acompanhar o Depois dos 15 por três meses, posso dizer que sou melhor e mais inspirada por tua causa e vejo que não sou a única e isso lindo. Parabéns por compartilhar conosco mais um pedacinho de vc. E você é linda flor, linda e talentosa e isso não é uma combinação que é determinada pela forma da roupa =D” (Hriane Alves, 13/09/2013)

“Não sei se você vai ler isso até o final bruna... mas eu preciso te falar uma coisa. Eu te acho linda, do jeito que tu é. Não tenho blog, não leio capricho, só tenho no meu face.. e o seu trabalho, e sua força de vontade me fez virar tua fã. Eu acho a gente bem

parecida sabe? Não fisicamente, mas tem alguma coisa que me faz gostar bastante de ti.. Ultimamente eu to bem triste, pq to um pouquinho acima do peso, não tenho o sorriso perfeito, e o cabelo mais legal da turma, e recibi algumas criticas que me deixaram em uma depressão profunda (criticas de pessoas bem próximas, que é pior ainda) desidratei em lágrimas, e to fazendo de tudo pra concertar isso. Mas agora lendo o seu texto me fez refletir de verdade. Eu to bem comigo mesma, pra que agradar os outros assim? Não sou tão gorda, baixinhas até que são bonitinhas, meus olhos verdes são realmentes bonitos.. FODA-SE o que pensam sobre mim, eu to feliz comigo mesma, e assim q vai continuar sendo. Obrigada por me fazer refletir” (Heloísa, 13/09/2013)

“Confesso que costumo vir mais no blog pra olhar suas fotos e dicas de decoração, nunca tinha parado pra ler com dedicação algum texto seu ou de outra pessoa daqui, mas quando eu abri o facebook e vi o título desse texto no meu feed, parece que foi coisa de transmissão de pensamento, era o texto que eu precisava na minha vida, falou tão diretamente comigo que parece que você passou essa semana comigo Bruna hahahah Mas infelizmente muita gente tem noção de que é ok ser do jeito que você é, mas internamente, o desejo de ser perfeita sempre está lá pra te cutucar e mostrar suas fraquezas. Te acompanho desde a época do orkut, quando você vendia roupas e tal, e desde então, acho que você nunca esteve tão linda e transpareceu tanta felicidade, continue assim Bruna, te desejo tudo de bom! 😊” (Amanda, 13/09/2013)

“Mania de querer ter um padrão de beleza é antiquada! O mundo é tão aberto hoje em dia que esse tipo de coisa soa do século passado. Ser feliz como tu realmente és é a moda agora. Não importa como. Ou pelo menos deveria ser! :P Bjss 😊” (Ana, 13/09/2013)

“Fantástico! É assim mesmo que tem que ser. O fato de estar bem do jeito que nós somos incomoda muita gente e elas sempre vão existir, porém, nunca vão possuir a mesma ‘autoestima’, pois buscam a ‘perfeição’ se metendo na vida dos outros! Bruna, continue assim! 😊” (Ana Clara, 13/09/2013)

“Olá xará, tudo bom? Sempre acompanhei a sua trajetória no mais completo anonimato, mas hoje me senti na obrigação de deixar um recadinho de Bruna para Bruna. Sofri as mesmas transformações que você e sei o quanto é complicado esse julgamento que vem de fora. Porém, olhando suas fotos de um ano atrás e agora, eu só vejo uma garota incrivelmente madura e muito mais confiante no que ela realmente é. Você representa muitas garotas, novas ou mais velhas, que compartilham da mesma sensação sobre a imagem perante as cameras. Não mude por ninguém e não se abale com esse tipo de comentário (O que sei que é complicado, mas nunca impossível), porque pra mim você está cada dia mais radiante. Sua força e seu sucesso são fonte de inspiração pra muitas pessoas <3 😊” (Bruna, 13/09/2013)

“Li o texto todo, e não vejo nenhum problema em você ser assim. As pessoas tem essa mania chata de querer que os outros sejam perfeitos como elas imaginam, e se aproveitam quando esse outro é bem conhecido na TV ou Internet, como você. Se você se sente bem do jeito que está, o melhor é não dar importâncias a esses comentários bobos mesmo. E minha opinião: seu corpo é muito lindo, queria pelo menos 10% das suas curvas :P Beijós! 🍷” (Esther Aguiar, 13/09/2013)

“Nenhumzinho! 😊 Antes eu tinha um complexo com as minhas pernas, com os meus peitos que só cresciam, com os meus braços que pareciam gordos, com a minha cintura que é larga, e a minha bunda que não é grande mas dizem que sim. Ahhh, e com o meu rosto redondo. Tentava me esconder, fazia esforço para não comer, se usasse decote era um aiai. Em momentos de crise já tentei vomitar também mas depois me sentia estúpida por tentar uma coisa dessa e desistia. Eu sou brasileira e moro em Portugal, e só depois de um tempo fui entender que eu tenho corpo de brasileira sim, que não é com uma dieta e kilinhos a menos que vou ficar magra como as meninas do lookbook. Eu finalmente me aceitei, aceitei também que sou brasileira assim. Estou me amando cada vez mais, já nem como tanto e sempre que posso vou caminhar e fazer alguma coisa. E desculpa lá gringas, as brasileiras são boas mesmo! Haha” (Natália Souza, 13/09/2013)

“Bruu, é isso aí não se importe com esse tipo de gente que fala mal de você, no fundo elas tem inveja do que você é.. Sofri muito por isso, pq sou alta e bem magrinha, já me importei com isso, mas hj em dia me olho no espelho e me acho linda mesmo com as críticas, mesmo as pessoas falando que preciso engordar pq sou mtt magra.. Adoro seus textos, parabéns.” (Naiara Carvalho, 13/09/2013)

“É LINDO, completamente LINDO, Bru, saber que ainda existem pessoas, com senso nesse mundo, que não precisamos usar 36, para sermos ‘perfeitas’, nunca me manifesto em seu blog, face e nada, mas hoje não resisti, tenho 22 anos, temos a história bem parecida, desde a infância, até sair de casa aos 17. E eu sei exatamente, que ligar o FODA-SE é a melhor opção, diariamente. Deus abençoe seu dia.” (Camila, 13/09/2013)

“Engordei 10kg em um ano como vc, logo quando comecei a namorar meu marido. Sempre fui magrinha e gostei de usar shorts e saias curtas e engordar acabou com minha auto estima. Perdi a maioria das roupas, tudo que gostava de usar ficava horrível e com o casamento à vista isso me chateava. E aí eu vivia uma confusão dentro de mim pq a imagem do espelho não me agradava, mas o outro lado dizia que isso não era tudo, que aparência e padrões não são nada. Pensei em procurar um psicólogo, pois não me maquiava mais, meu cabelo tava do jeito que Deus deu, enfim. Acontece que um cliente da agência que trabalho tem um grupo de emagrecimento que dura seis meses, que ajuda com reeducação alimentar e lhe insere nos exercícios. É emagrecer saudável com aulas, ajuda e nada de remédio. Topei o desafio e o primeiro choque veio na avaliação onde eu descobri que a quantidade de gordura no meu corpo era grande, e que mesmo mais magra isso existia. Isso poderia trazer vários problemas a medida que eu ficasse mais velha. Descobri que estava com sobrepeso e que a tendência era ganhar mais da bendita genética. Entrei no clube de corrida, diminui as besteiras, parei de almoçar arroz/macarrão/batata frita/churrasco/coca/chocolate todos os dias e agora, na metade do programa, já perdi 7kg sem nenhuma dieta louca. Não estou fazendo propaganda do programa, rs, mas o que quero dizer é que é importante estar atento pois também é uma questão de saúde. Como diz o professor “se não arrumarmos tempo para nos cuidar agora, arrumaremos quando estivermos doente”. Tenho quadril grande e nunca serei com as meninas do Lookbook, mas e daí? Pelo menos estarei cuidando de minha saúde e o corpo mais aceitável pela sociedade vem como brinde! Hoje não tenho mais crises de esofagite por comer demais, já participei de corrida e ganhei medalha, não sinto mais dores variadas pelo corpo e me sinto melhor. O importante é ser saudável, mesmo que não tenha corpo de modelo. É nisso que acredito

hoje, em qualidade de vida e não em imposição da sociedade. Continuo comendo bolo, cachorro quente, mas tenho um pezinho na geração saúde, rs. Li ontem e super encaixa 'Pq vc engorda? -Pq passo mais tempo comendo que cuidado da vida dos outros'. Então deixa o recalque bater nos dois livros publicados e um blog de sucesso e voltar em forma de depressão por a única atividade é criticar os outros! 😊" (Ellen Lapa, 13/09/2013)

"Parabéns Bruna, texto incrível! Me sinto exatamente assim! Nunca fui de me preocupar com a balança, mas minha altura sempre foi meio que um incômodo. Ter 1,72 e amar usar salto 12, 13. Teve uma época que eu resolvi parar de usar salto, simplesmente porque minhas "amigas" falavam que eu ficava parecendo um travesti hahahaha Mas quando saí da casa dos meus pais, vim pra cidade grande, meus horizontes se expandiram e depois que fui confundida com uma miss (!!!!!!!) larguei mão de ser boba e me aceitei do jeito que sou, aceitei também os 100 cm de quadril que tenho. Mas isso não foi de um dia pro outro, e envolveu também a maturidade, hoje, aos 20 anos, coisas que pra mim, aos 15 eram importantes, não passam de neuras tolas, e tenham paciência meninas, com o tempo vocês começam se aceitar do jeito que são, e acreditem, vocês são lindas! E não aceitem que lhes digam o contrário ;D" (Kaka, 13/09/2013)

"Não sou magrinha, tenho o corpo estilo mulher brasileira, pernas grossas, bumbum grande, calço 38 e também faço progressiva de 3 em 3 meses, sempre me odiei porque disso. Agora com 18 anos estou me aceitando bem melhor. Antes eu sempre associava que o fato de eu ter o corpo assim, nunca ia conseguir aparentar uma menina delicada, e sim uma menina que tem umas curvas avantajadas e que é muito séria. Já me perguntaram se eu gosto de funk ou de pagode, porque do meu corpo ! Nada contra quem gosta, mas desde de pequena escuto rock n' roll e sempre gostei. As pessoas rotulam demais. Depois que comecei acompanhar o blog, vi que pra aparentar uma menina delicada e com o meu próprio estilo mais "rocker", só tem que ser eu mesma, e me amar em primeiro lugar, sempre gostei de maquiagem e usar roupas descoladas. Adoro moda, entro todos os dias aqui e vejo os novos posts. Tento aplicar as dicas ao meu estilo. Depois que comecei a me amar, aprendi que as pessoas, vão me ver e realmente me conhecer do jeito que eu quero. E garanto que aprendi isso tudo, lendo seus posts Bruna. Obrigada. Sucesso! <3 😊" (Isabela, 13/09/2013)

"Oi Bruna, tudo bem? Queria dizer que achei seu texto incrível e dizer que ao contrário, acontece o mesmo. Desde criança eu sofro por ser extremamente magra. Tenho 21 anos, 1,55m e não peso nem 40kg. Quando eu namorava, tive que ouvir que não ia 'dar conta' do meu namorado, ou que precisava engordar pra ficar bonita e até mesmo que precisava engordar pra conseguir namorar de novo. Fora as brincadeiras da época de colégio. Por mt tempo eu tentei ir em nutricionista, academia, tudo pra engordar! Muita gente dizia: Para de reclamar, vc é magra! Mas não é bem assim, né? Os comentários das pessoas me faziam mal e acabavam com a minha autoestima. Mas de um tempo pra cá aprendi a me aceitar e a me amar como eu sou e, assim como vc disse, nunca me senti tão bem e tão feliz. A melhor coisa que a gente pode fazer é parar de dar ouvido para aqueles que falam coisas más. Parabéns pelo texto e pelo blog, gosto mt do seu trabalho! :D beijos!" (Loraine, 13/09/2013)

"Bruna, tenho que dizer que quando li o título do post me assustei, achando que irias falar sobre algum tipo de decisão de 'mudar' o seu corpo, sei lá, uma dieta, um

#projeto desses bizarros. Fiquei muito feliz quando comecei a ler e vi que não tinha nada a ver com isso. Aliás, super me identifiquei com sua história. Eu também sempre tive um peso 'OK' e não me importava muito com o meu corpo, mas de certa forma tentava me enquadrar no padrão ainda assim, também tenho cabelo cacheado e uso óculos, e na adolescência é claro, odiava tudo isso. Quando mudei de cidade, também aos 17, comecei a fazer faculdade, no meu curso as pessoas eram muito diferentes, aliás, na cidade inteira, sair do interior para a capital faz a gente perceber que é legal não ser igual a todo mundo, e foi nessa época que comecei a gostar do meu cabelo natural.. Depois comecei a curtir usar óculos também, hoje em dia as duas coisas são parte de mim, e acho estranho quando estou de cabelo liso e lente, um ou outro de vez em quando até vai. Ah, e eu engordei muito também quando comecei a morar sozinha, nada que me incomodasse, só que esse estilo de alimentação começou a refletir na minha saúde e eu tive que começar a cuidar melhor, e conseqüentemente acabei perdendo um pouco de peso. Fico muito feliz de saber que você tem consciência do quanto é bonita! E na minha opinião ter quadril e 'coxas que se encostam' é muito mais bonito! Beijos!" (Samira, 13/09/2013)

"Algum problema? Sim! 😞 Há um tempo também engordei uns kilos, e não foram poucos... No começo me senti inferior, tentei dietas (nunca tinha feito isso antes) que não "resolveram" nada. Depois parei pra pensar e me observar, me dei conta de que eu nunca fui magrinha e na escola isso não era um problema, por que só agora, com 21 anos, isso virou um? Me aceitei! Claro que de vez em quando penso em perder uns kilos, mas é como você disse, as minhas pernas também encostam uma na outra e nunca vão deixar de encostar. Só depois entendi o título 'corpão', e eu realmente acho que se você se aceita, eu te apoio! Porque eu demorei a me aceitar e sei como é uma conquista. Beijo <3 🍷" (Camila Santa Rosa, 13/09/2013)

"Achei muito lindo o texto! E verdadeiro! Sabe? Engraçado que eu estava passando pelas cobranças assim como você, não de outras pessoas, mas de mim mesma, sabe? Por que eu não tenho a barriga negativa? Por que eu não tenho as coxas dura? Por que meu nariz é de bolinha? Por que não tenho peitão? Mas eu percebi, que tudo isso é – como diria um amigo meu – PURA NÓIA. A gente acaba noiado, sabe? Quando eu percebi, não comia mais sal, lactose e nenhum açúcar e sabe o pior? Nada dava resultado!!! Aí eu percebi que estava ficando completamente maluca e que essa moda de ser magríssimo não leva a nada e o mais importante é se sentir bem consigo mesmo!! Hoje sou muito mais feliz e as pessoas até elogiam as minhas pernas grossas! Haha Você é linda, você é única e o mais importante: você é humana. Gosto muito de você não se colocar em um patamar "acima" como uma mulher perfeita, isso traz um ar de falsidade sabe? De puro marketing. Prefiro assim, você sabe seus defeitos, você convive com eles, você é saudável. Você é linda. Obrigada por ajudar a gente a se aceitar, Um beijo, Continue assim! Sucesso!" (Duda Kiame, 13/09/2013)

"Arrasou bruna , Te acho linda. Te admiro muito ,agora muito mais. As pessoas sempre me critica por ser magra e não ter muita coxa, mais não estou nem ligando sou feliz assim mesmo. Temos que aceitar nosso corpo do jeitinho que ele é ,quem tem que gostar somos nós e não os outros :) Aproveitando já vou dizendo que já li e amei seu livro 'Depois dos quinze' Beijos bruh toda felicidade do mundo pra você Ps:ficaria feliz se você respondesse meu comentário" (Amanda, 13/09/2013)

“Bru faz muito tempo que não comento, mas esse texto não podia passar. Acho que todo mundo precisa se alimentar bem, dormir bem e praticar algum exercício. Ser saudável dentro do seu biotipo, mas não se matar pra entrar num padrão. Eu sempre fui muito magra e baixo do peso, porém minha bunda é enorme. Ou seja nem sou do tipo gostosona, nem modelo. Fazer o que? Genética né?! E concordo com seu desabafo. Acho que você precisa ser mais saudável (sono e atividade física), mas acho principalmente que deve continuar se sentindo bem como é. Você é linda e bem sucedida desse jeito. Fim.” (Kah, 13/09/2013)

“A questão nem é o seu peso, é que todo mundo insisti em julgar demais, e sim aprendi isso de um jeito bem ruim. Eu visto 36 e calço 38, minhas coxas não se encostam, e sim eu sofria por isso. Mas como disse ligar o foda-se é legal e realmente funciona.” (Laura, 13/09/2013)

“Concordo com tudo o que você falou. Eu era bem gorda sabe? A garota mais gorda da minha sala e meu grupo de amigas todas eram magras e eu nem tava ai pra perder peso ou fazer exercícios, não ligava pra nada eu era apenas eu. Mas isso mudou quando eu fui no médico uma vez e meus exames deram alterados, comecei a ter problema no joelho e quase fiquei diabética então fui OBRIGADA a fazer dieta. Hoje eu perdi 18kg e estou feliz porque eu perdi e me sinto bem, mas só fiz isso porque eu precisei era uma questão de saúde e eu não me importo com o que os outros pensam de mim eu sou mais eu. Adorei o que você escreveu porque eu vi muito de mim no texto, parabéns pelo blog e sucesso. Beijos” (Beatriz, 13/09/2013)

“Br, amei esse texto, foi muito fácil e rápido de ler todas essas linhas, pois me identifiquei. Eu nunca fui uma garota com ‘corpo’ sabe? Aqui em recife as meninas são bem desenvolvidas pra sua idade. daqui a um mês vou fazer 16 anos, e continuo magrinha (que nem essas meninas do lookbook que vc falou) isso já chegou a ser um problema que eu mesma criei, as pessoas diziam besteiras do tipo preciso engordar, que eu sou muuito magra e coisa e tal, meu pai mesmo já me xingou de caveira nos momentos de raiva dele, chorei muito, mas ai eu me ACEITEI, e me amo. poxa, eu não preciso agradar a ninguém pra me sentir feliz, e sabe o que aconteceu? hoje em dia muita gente me alogia, dizendo que queria ter meu corpo, porque todas as roupas caem bem em mim, já recebi propostas pra ser modelo na Alemanha hehe, e enfim... acho que a minha raiva era quando eu colocava um jeans e ele ficava folgado atrás, ou magrinha demais, mas poxa, eu sou linda assim, e hoje vejo que as pessoas, principalmente os caras, não me queriam por perto porque eu era negativa, e não pelo meu biotipo. Hoje em dia as coisas são bem diferentes, eu continuo tendo amigas corpudas, e sendo a magrinha do grupo, mas isso nunca foi um empecilho pra mim, entende? todos nós temos defeitos, mas coisas desse tipo não são defeitos, são provas de aceitação que a gente passa 😊 BEIJOS. Amo quando vc escreve desabafos.” (Lizandra k., 13/09/2013)

“Você é linda. Eu espero que o tempo me faça pensar como você. Tenho 17 anos e mesmo que eu tente, não consigo ignorar comentários ruins, e queria muito me encaixar nos padrões de beleza que a gente vê nas revistas por aí. É difícil a gente se aceitar quando parece que ninguém aceita a gente.” (F., 13/09/2013)

“Olá Bruna, essa é a primeira vez que comento aqui no DD15, já faz um tempo que eu conheci ele, mas nunca tive coragem ou assunto pra comentar, então estou comentando

agora. Esse seu desabafo me contagiou bastante, sabe porque? Por que sabe a garota que vc descreveu sendo vc anos atras, essa garota sou eu. Não que eu sofra bullying nem nada, mas no casa de ser gordinha, usar óculos e ser péssima em esportes ao ponto de no jogo de queimada ser a ultima escolhida. O problema é que eu não tenho esse seu apoio dos mais próximos, eu estou sempre sendo obrigada a mudar meu jeito de ser pelas pessoas que eu mais amo, no caso de emagrecer, ser mais atenta, inteligente e tal, e bom, vc foi td isso q eu sou agora, ou quase, então se vc conseguiu dar a volta por cima por que eu não consigo? Após descobrir o DD15 e outros blogs fantásticos tive vontade de criar um blog só meu, espero um dia chegar aonde vc chegou. Obrigado pelo texto e parabéns! 😊” (Lara, 13/09/2013)

“Bruninha , Leio seu Blog a dois anos e posso dizer uma coisa : Você arraza Guria ! Sofri os mesmos problemas que o seu, Bulling da 5 a 8 série pq eu era meio tolinha e não fazia nada quando me humilhavam . ERA um inferno todos os dias, eu nem tinha vontade de ir pra escola e vc nem imagina as barbaridades que faziam e diziam pra mim .Meu numero tbm é 42 e calso 39 , a unica coisa que eu orgulho do meu corpo é meu olho pq é um verde bem diferente . Eu sofri mtu nessa vida e vc nem imagina o quanto . Eu sou mtu timida , insegura e anti social . Me indentifico mtu nos seus textos . Não vou ficar falando mtu pq vai ficar mtu grande, entao qualquer dia deses se eu tiver coragem te mando um e – mail 😊” (Luane Caroline, 13/09/2013)

“Ótimo post Bruna! 😊 Acho otimo quando vc ou outras blogueiras influentes falam sobre esse tipo de assunto porque levanta uma discussão! E menina, como assim vc é estrabica? Eu nunca nem percebi! Rs Eu tb nunca fui mt boa em Ed. Fisica, mas diferente de vc, era pq tinha ‘medo’ da bola mesmo... Não por conta de óculos, mas só o fato de bater ‘em mim’ huhu Mas em compensação, gostei do ano na ed. Fisica que fiz dança 😊 Mas minha nossa, eu não sabia desse monte de coisas que vc citou, apesar de acompanhar o blog e suas redes! Mas enfim, eu me emocionei com o que vc escreveu e concordo que o importante é estar feliz consigo mesma. Na verdade, eu ainda estou em busca disso e cara, isso é tão difícil! Vc deve mesmo ficar orgulhosa e feliz por ter alcançado isso ^ Parabéns! Que vc continue assim! Bjs” (Evellyn, 13/09/2013)

“Bruna , a uns 3 anos atrás eu me perguntava qual era o meu problema , eu me olhava no espelho , sem bunda , sem seios , sem um cabelo bonito e com uma sobrançelha ridícula que quando chegava no meio do meu rosto se juntava . Que tempo triste . Nenhum menino demonstrava interesse por e minhas amigas só pioravam a situação , eu sei que eu era uma criança , mas eu tinha sentimentos . Hoje eu me olho no espelho eu me acho muito bonita viu .Eu mesma tomei coragem , peguei a pinça e fiz a minha sobrançelha . Engordei e ganhei curvas , meu cabelo cacheado é lindo , mas prefiro liso (aprendi a usar a chapinha .Conseguí mudar , me valorizar quando deixei de lado a opinião das pessoas , se antes eles me enchiam de comentários escrotos hoje enchem ainda mais .Percebi que bonita ou feia os outros sempre vão querer estragar você . Meu botão de foda-se ta sempre ligado e mais uma coisa eu acho você uma morena linda e com curvas invejáveis , além de ser linda por fora você é maravilhosa por dentro .PS: Conseguí deixar o espelho meu amigo quando conheci seu blog , você foi meu arco-íris depois da chuva” (Maria, 13/09/2013)

“amei o texto ! é eu sei bem como é sempre fui magrinha rs derepente engordei 16 kg de uma só vez passei do famoso 36/38 ao 42 ! muitas criticas mais to adorando ter um corpo cheinho rs !” (Lucélia, 13/09/2013)

“Preciso comentar – não pelo facebook por pura vergonha – tenho o exato “corpo das meninas do lookbook com suas pernas fininhas e coxas que não encostam uma na outra” e não sinto nem metade da felicidade que você sente. Talvez nem por causa do meu corpo (que eu não gosto, daria tudo por um bundão e coxão assim que nem você), mas por vários outros motivos. Você é maravilhosa, esse brazilian body é maravilhoso, e você merece tudo de maravilhoso nesse mundo, Bruna! Um beijo no coração!” (Ju, 13/09/2013)

“Li e adorei. Me achava bem gorda e diferente das minhas amigas no ano passado! E então comecei a fazer um regime com nutricionista e tudo, perdi 10kg e 2 com uma cirurgia no começo do ano.. Me sentia linda por entrar numa calça 38 porque antes estava no 44. Mas com esses quilos a mais, eu tinha bumbum que hoje sumiu Oo... Mas não continuo na dieta e já ganhei 5kg como é fácil né? Vou fazendo aos pouquinhos, e nada de ser exagerada! E, não tem nada de errado com voce... Nada, nada nada! Beijós” (Nathalia Silva, 13/09/2013)

“Não conhecia muito sobre você ou sobre seus livros, é a primeira vez que visito o seu blog e simplesmente adorei e me identifiquei. Olha, algumas pessoas, por mais que estejam felizes, precisam criticar e deixar os outros pra baixo, sabe. Eu sempre fui muuuuito magra, do tipo que pesava 43/45 kilos, nunca tinha passado disso. E então, de 2010 pra 2011, engordei uns 15 kilos; passei a ouvir piadinhas infantis e inúteis mais por parte da minha família do que dos outros, chorei muito e etc. Mas é isso que você disse, não precisamos seguir nenhum padrão estúpido pra ser feliz. Enquanto minha saúde estiver indo bem, dane-se os outros. E você é linda. 😊” (Bruna, 13/09/2013)

“Ótimo texto Bruna! Te acho linda e você é uma fofura de pessoa (mesmo eu só vendo pelos vídeos hehe) e não sei como as pessoas podem ser tão maldosas .-. Até um tempo desses eu vivia em dietas doidas pra emagrecer e ficar fininha igual as europeias, mas aí eu me toquei que eu tenho corpo de brasileira. Tá, eu tô um pouquinho gordinha, mas eu realmente me aceitei assim. Desencanei. Como você falou, agora eu tenho outras coisas pra me preocupar. E aliás, quando falo que quero emagrecer minhas amigas são todas contras porque dizem que eu sou mais linda sendo gordinha hehe. Xx” (Amanda Gomes, 13/09/2013)

“Poxa Bruna estava precisando ouvir, nesse caso ler, sobre isso, é tanta pressão da sociedade para que você tenha o corpo perfeito que com o tempo você acaba acreditando nisso, há tantas coisas mais importantes para se preocupar, se você é gordinha ou magra, mas tem saúde, acho que é o que vale! Obrigada por sempre compartilhar com agente textos tão bons e ao mesmo tempo que nos deixam para cima, espero um dia te conhecer pessoalmente para te dar um abraço e agradecer!! 😊” (Geisa Suelyn Bueno Pontes, 13/09/2013)

“Sabe, Bruna, tá certo que algumas meninas acham mais bonito corpo magro (e eu, sinceramente, não entendo o motivo), mas vamos combinar: você está com um corpo lindo. Não gordo, mas sim saudável. Porque quando olho pra essas meninas super magras, tenho vontade de oferecer comida! Acho que tem um ‘ponto’ entre magra e gorda que é ideal e pra mim você tá dentro desse ‘ponto’. Uma outra coisa: Duvido que haja algum homem entre essas pessoas que estão falando mal do seu corpo. Afinal,

quem atrai os olhares dos mesmos não são as magrinhas que gostam tanto de te criticar.” (Luisa, 14/09/2013)

“Quase sempre que entro no seu blog vou pra tag dieta e nesses últimos meses estive pensando apenas em emagrecer ate que semana passada me dei conta de que eu n preciso ser magra pra ser linda, feliz ou coisa assim, eu adoro comer e hoje n é que eu esteja nem ai pro meu peso mais estou um pouco menos preocupada, me deparei com esse texto e me identifiquei em algumas partes como em todos os que tu publica” (Débora Sosa, 14/09/2013)

“Nossa, esse texto foi demais. Tenho passado por isso engordei 12 kilos no último ano e tem sempre alguém pra vir e me chamar de gorda e o pior é que me importo porque eu não estou satisfeita com meu novo corpo apesar de não me achar gorda. Estou tentando emagrecer mas não a base dessas dietas malucas que fazem as pessoas perderem a saúde principalmente pra agradar aos outros. Até porque o mais importante é estarmos bem com nós mesmas. 😊 bju.” (Aline Araújo, 14/09/2013)

“Olha Bruna, a realidade é mais grave do que imaginamos. Tem uma coisinha terrível neste mundo chamada inveja e outra que as desocupadas e mal amadas usam: cuidar da vida alheia. Quando eu era mais novinha, pesava 48 kg, muitos me chamavam de braço de cabo de vassoura. Diziam que tinha que engordar porque era magra demais.... Meus cabelos são cacheados, eu os amo e nunca fiz nenhum tipo de processo alisante, nunca usei química neles... são naturais... muitas pessoas me mandaram e mandam até hoje eu alisar o cabelo porque é legal – mas EU NÃO ACHO LEGAL e elas não aceitam o meu gosto para o MEU cabelo! Meus dentes tmbm não são perfeitos mas quero eles assim e não vejo problema nisso. Tenho nojo e pavor de aparelho e não quero usar (nem por isso critico quem usa), decidi isso. Sempre procurei um estilo diferente, não gosto de ser igual a todo mundo nem de seguir padrões e isso incomoda muita gente! Nem ligo! Me casei e engordei 10 kg, então fui para 58 kg que é meu peso ideal! Muita gente fez comentários mas depois que ganhei neném e hoje estou pesando 64 kg e com 119 de quadril... isso faz o mundo inteiro me enxergar e me mandar emagrecer porque estou MUITO GORDA como falam! Gente, antes me mandavam engordar, agora emagrecer...Imagine se eu fosse pela cabeça desse povo? Eu estou feliz com minha pessoa, com minha vida, Graças a Deus! Claro que quero perder um excesso de barriguinha, mas de resto está ok. Pernas grossas foi tudo que eu quis quando pesava 48 kg, então porque agora não me aceitar? Ainda tem aquelas pessoas intrusas que acham que tem muita liberdade comigo e vem perguntar se estou grávida de novo ou se ganhei mais um nenem e por isso estou gorda...Na verdade, me olho no espelho e não me sinto gorda, o que acho é que minha cintura está mais grossa e isso sim me incomoda porque minhas saias e vestidos ficam apertados. Mas isso é fácil resolver. O mais difícil é aguentar a línguas dos cuidadores de vida alheia que dedicam a vida a cuidar dos outros, DE GRAÇA AINDA!!! Rsrss..Mas minha melhor resposta a essas pessoas, é ignorá-las! Quanto a vc Bruna, está linda, continue assim, vc é mais bonita sendo vc e isso não deve mudar por causa de estranhos que pensam fazer parte de sua existência! Bjs!!!” (Aline Laitarte, 14/09/2013)

“QUE TEXTO!!! Me identifiquei em muitas partes, porque assim como você, sempre vesti um numero maior do que as minhas amigas que normalmente arrasavam em roupas que eu achava lindas mais que não ficavam bonitas em mim. Por um certo tempo, eu fiquei neurótica com dietas, contava todas as calorias dos alimentos e se

passasse do meu limite, eu me acabava na academia e não comia mais nada no dia. Mas a minha ficha caiu e eu percebi que ser a louca das dietas so me deixava triste e eu nao me sentia bem comigo mesma. Então resolvi deixar as dietas e o aplicativo que contava as calorias pra la! Comecei a comer o que eu quero e quando estou com vontade sem arrependimentos, continuo na academia, mas nao por obrigação, apenas (apesar da preguiça de ir) me sinto bem depois de exercitar. Depois de perceber como estava sendo boba, me sinto muito melhor! Não sou uma pessoa magra, mas e daí? Eu amo meu corpo e me sinto muito mais bonita agora! Adorei o tema do texto!!” (Barbara Maia, 14/09/2013)

“Parabéns Bru, esse foi um dos melhores textos seu que eu já li, não sei se teria a mesma coragem (tenho até medo de olhar pra balança imagina só fazer o que vc fez) Essa semana eu não consegui me olhar no espelho, engordei 10kg e me sinto horrorosa. Esse texto me fez pensar. Vc tá certa, chega de padrões!” (Vitória Martins, 14/09/2013)

“Que texto lindo, sinceramente. No auge dos meus 19 anos não consigo me aceitar, na verdade, nunca consegui. Meço 1,63, calço 37/38 (o que é ABSURDO pra minha altura), uso 40 e sou o retrato do que se define uma pessoa gorda, eu tenho noção disso, infelizmente. Já fiz de tudo, na verdade, ainda faço mas parece que nunca consigo mudar. Já fui muito maior mas ainda assim, não consigo enxergar mudança alguma. Para piorar a situação tenho diastema nos dentes da frente (aquele vãozinho sabe?) e eu odeio cada centímetro de mim... Eu namoro e nunca consigo me sentir a vontade com meu namorado, estamos juntos há 2 anos e a todo momento minha insegurança bate e quando vejo uma menina que seja pelo menos 1kg mais magra do que eu, que tenha um sorriso bonito ou qualquer outra coisa eu já me sinto ameaçada. PORQUE EU TENHO QUE SER TÃO HORRÍVEL, SÉRIO? O QUE EU FIZ PRO MUNDO? HEHEHEHEHE. Enfim, a questão aqui não é a minha vida né...” (Carol, 14/09/2013)

“Eu sempre quero ser algo que não sou. Tenho pneuzinhos na cintura, minha coxa é grande demais, tenho celulites, queria ter o cabelo menos armado e ter pés mais femininos. Eu ainda estou na fase de tentar aceitar o jeito que eu sou, então ainda reclamo muito. Mas seu texto é lindo, e agora tenho certeza de que com ele meu processo de aceitação vai agilizar.. rs” (Bia Dourado, 16/09/2013)

“Bruna, somos quase idênticas, sou estrábica, tenho cabelo ruim, calço 39 e como qualquer uma quero emagrecer, aliás, tenho 15 anos. Eu não sou gorda (bem, eu não acho que eu seja)e nem magra, tenho 1,68 e 63 Kg. Eu era sim, sofri bullying quando criança, e me sentia triste pois me excluíam de tudo, mas não pensava em me cortar, nem em bulimia ou anorexia. Eu tive infância, tinha mais o que brincar. Cresci e meu corpo se ajustou, agora que comecei a engordar de novo e quem me julga é minha mãe, sim, ela adora repetir que eu tenho que fazer regime. Eu nunca tive namorado, só fiquei com dois garotos, e tem mais de 2 anos que eu corro atrás de um deles e tem mais de 1 ano que não fico com ninguém. Pois é, me sinto sozinha, e tenho problemas em casa, mas ainda assim continuo sendo feliz, rindo a toa, e eu não acho que seja uma máscara. Só não consigo ficar o tempo todo triste. 😊” (Isis Alanis, 17/09/2013)

“Nossa, li até o final como uma criança babando por um doce! Me identifiquei tanto. Comigo sempre foi o oposto. A mais magra da turma. O que nos aproxima é essa

cobrança... Tanto imposta pelos outros, como por nós mesmas. Em suma, nenhum corpo consegue agradar a todo mundo, por isso, vemos diariamente críticas a todos os biotipos existentes na face da terra, né? "Você é magra demais" foi algo que eu sempre ouvi, desde pequena, mesmo que minhas curvas fossem assim em decorrência de biotipo, e não por obsessão ou distúrbios alimentares. Cheguei a ouvir do meu próprio pai que eu precisava ser gostosa. E pra falar a verdade, eu nunca tive nenhum problema com minhas medidas. Sempre fui rodeada de amigas que penavam para emagrecerem, pesquisando compulsivamente dietas sem noção e tentando seguir o cardápio de estrelas... E saber que eu sempre pude comer o quanto eu quisesse, sem ao menos ganhar um tiquinho de pança sempre me aliviou muito. Até que a adolescência chegou. Como você disse, eita fase bacana! Acho que não há período mais superficial como esse. A gente vive de aparências! Até os quinze anos você não liga muito para o tamanho da bunda, a medida da coxa. Mas depois, torna-se mais evidente o quanto isso é "importante". Viver num país onde bunda é mais importante do que conteúdo e coxas grossas valem mais do que um rosto bonito sempre me fez uma pessoa mais insegura e desacreditada de si mesma. Apesar de sempre ter tido muito peito, sabe a menina que tem bunda zero e coxas finas? Sou eu. E depois de ouvir diversas vezes de meninos da minha escola, familiares e até mesmo amigas que eu era magricela, resolvi ingressar na academia. Sabe quando as críticas dos outros acabam tornando-se paranóias suas? Foi mais ou menos isso. Comecei a ter nojo do meu corpo. Pernas horrorosas, bunda completamente sem graça. Basicamente era isso que eu conseguia enxergar no espelho. Hoje em dia ganhei mais corpo, mesmo ainda estando no 34, mas mesmo assim, ganhei de "presente" um complexo que até eu admito ser desnecessário em relação as minhas medidas. Constantemente meço minhas coxas para ver o quanto cresceram e cada vez mais tento pegar pesado na academia para ver resultados. É algo que me entristece, mas ao mesmo tempo abre meus olhos as críticas idiotas que ouvi de pessoas que já considerei muito. E hoje, minhas medidas são: 50 de coxa, 45 de perna, 90 de busto, 86 de quadril, 45kg. Apenas números que não definem quem sou. Será que neles está incluso que Luiza que vos fala toca piano, gosta de ler e quer cursar psicologia? Desculpe o desabafo." (Luiza, 20/09/2014)

"A beleza está nos olhos de quem vê, eu, por exemplo, não gosto desse padrão de magreza que a mídia impõe. Amo meu peso atual e fiquei mais que satisfeita de conseguir engordar 5 quilos esse ano. Algumas pessoas comentam 'Você engordou, não é?' respondo apenas 'Até que enfim.' Adoro minhas curvas atuais que ganhei com esses 5 quilinhos e se os outros gostam ou não problema é deles. A gente tem que ficar bem com a gente e não se preocupar com o que os outros pensam." (Jessi de Paula, 20/09/2013)

"Achei lindo o texto Bruna. Não sei se lê os comentários todos, acredito que não.. mas, saiba que texto está encantador. Realmente me identifiquei porque passo por um momento bem parecido. Mudando de cidade, morando sozinha, praticamente, sentindo-se solitária.. e com mais de um monte de coisas boas acontecendo que não incluem os 4 kg a mais na balança. Vou emagrecer sim, mas, com calma.. respeitando meus limites e me amando acima de tudo. Somos lindas. Gordas ou magras!" (Renata, 21/09/2013)

"Que lindo texto Bru! Acho super importante ter pessoas que pensam como você nesse meio, hoje em dia as pessoas se importam TANTO em ser magrinhas e terem um corpo padrão como se isso fosse a coisa mais importante, o que não é verdade. As pessoas precisam se aceitar, principalmente nós, que temos um "brazilian body" e mesmo com

ANOS de academias nunca ficaríamos realmente magras por conta de nossas lindas curvas. Eu sou gordinha, uso óculos, e sou considerada nerd, mas sinceramente tenho um certo orgulho disso pois, apesar de tudo, sou feliz. A maioria das minhas amigas são super magras, e elas sempre reclamam que comprar roupas é a pior coisa que tem, pois não tem o número delas na parte jovem/adulto apenas na sessão de criança e elas se sentem mal por isso. Acho que tudo tem seus prós e contras, e o importante é aceitarmos e gostarmos do nosso corpo, e mais importante ainda gostarmos de nós mesmos, e assim sempre seremos felizes. 😊” (Jennifer, 23/09/2013)

*“Oi, Bruna, tudo bem ^^ Seu texto me deu o que pensar hem? Eu sempre sonhei em ter aqueles ‘corpitos’ magrinhos das garotas americanas, a tal da barriga lisinha e das coxas finas, mas como não dá, tento aceitar meu corpo do jeito que ele é. Eu também não gosto de educação física, sempre sou a última a ser escolhida e morro de medo da bola me acertar, principalmente por causa do óculos *-*” (Driely Meira, 25/09/2013)*

“‘quando você tenta ser alguém que não é só para agradar e funciona, a tendência é a cobrança aumentar ainda mais.’ Exatamente... eu também não tenho um corpinho de modelo, mas gosto de mim assim. eu engordei uns 3kg depois que parei de trabalhar (porque eu não parava de andar, correr, pegar caixa, guardar mercadorias), mas não fiquei neurótica quanto eu pensei que fosse ficar. estou feliz por isso. Ontem, eu fui até a Saraiva aqui em Santos pra passar o tempo, porque o horário do filme que eu ia assistir ia demorar pra chegar. aí fiquei lendo um pouquinho e, na saída, dei de cara com seu novo romance. quando eu abri a contracapa de trás e vi sua foto e descrição, me senti tão incentivada, Bruna. sério, eu vi que nascemos no mesmo ano e isso de alguma forma me animou a terminar de escrever meu livro. espero que isso aconteça o quanto antes! Um abraço :D” (Manie, 26/09/2013)

“Caramba, eu acho incrível essas meninas que para elevarem sua auto-estima, criticam o tipo físico de outras. Cansei de ver comentários do tipo ‘meninas magras são feias’, ‘não sei pq acham magras bonitas’, ou outras que falam ‘magras são perfeitas’, caramba! Eu sou bem magra, tenho 14 anos, 1,61 de altura e 45 KG, e vocês aí que acham que ser magra é só maravilha, que só gordinhas sofrem, pensem bem! Desde que me conheço por gente eu sofro bullying por ser magra e alta, eu não engordo por causa da genética, e já chorei demais por me achar feia. Parem de achar que ser magra é mil maravilhas, incrível etc. Agora estou me aceitando como sou, mas eu realmente não entendo quem fala que sofre bullying por ser gordinha, mas vai lá e fala mal das magras. Como a bruna disse, eu vou ligar o foda-se mesmo! Chega de hipocrisia, por favor.” (Nathália, 30/09/2013)

“Eu era gordinha antigamente, mas ninguém me excluía e tal era a garota mais inteligente da sala, mais comportada mas tinha um garoto que tava afim de mim, mas tinha medo de dizer pq achava estranho (principalmente pq o cara era maior gato). Depois fiz dieta e academia, emagreci, e agora o garoto me pediu em namoro mas eu não aceitei, pq vai q” (Karen, 29/10/2013)

“Bru, amei o teu texto! É tão bom quanto a gente nos aceita do jeito que somos, e isso é muito mais importante do que a opinião do outros! Você é uma das melhores blogueiras, sem mais. Sou super insegura com meu corpo, pelo motivo contrário ao seu: sou magra demais, acho meu corpo estranho, tenho coxas finas, a barriga literalmente estranha, e pouquíssimo seio. Na maior parte do tempo, fico triste,

querendo ser como todas as outras meninas normais, porém não sou assim, não serei assim, e tenho que me aceitar como sou. Então, realmente, foda-se o que pensem de mim. Foda-se se eu não sou tão bonita quanto gostaria. Beleza vem de dentro pra fora, e eu me amo do jeito que sou! (só que as vezes nem tanto... :/) Adoro você!” (Ali, 06/11/2013)

“Bruna, eu sou muito magrinha, de um tempo pra cá comecei a me aceitar assim. Acho que por causa dos teus textos, que faz a gente “ser como a gente é”. Se puder, faz um texto meio assim haha, não só sobre as pessoas gordinhas, mas sobre as magrinha também, porque nós também sentimos um certo preconceito com nós mesmas. Eu adoro voce, beijo 😊😊” (Letícia Cristina, 11/11/2013)

“Oi, Bruna! Concordo plenamente com o texto! As vezes eu tento fazer dietas para ficar mais magra ,mas é tudo uma perda de tempo, por quê na realidade eu só tento ficar magra para não sofrer um certo tipo de bulling praticado por pessoas magras que não gostam de pessoas mais ‘bonitas de corpo’ e também para parecer com as minhas amigas ,que são mais magras que eu ! Resolvi me aceitar do jeito que sou e que me acho : linda , estilosa , moderna e posso não ter 1001 roupas ,mas faço 1002 looks bem legais ! Obrigada , fez o meu dia #nocaprichoessetexto 😊” (Malu Damascena, 06/12/2013)

“Bruna, você é realmente um exemplo pra todas aqui. Me chamo Giovana, tenho 14 anos (sim, apenas 14) e sou muito preocupada com meu corpo, mas de um tempo pra cá fui melhorando. Sou gordinha, tenho 1,76 (eu acho) tenho coxas e pernas grandes, uso manequim 46. Já fui muito julgada pelo meu corpo .. mas aprendi a gostar de mim do jeito que sou, e eu me amo acima de tudo, gorda ou magra 😊” (Giovana, 17/12/2013)

“tenho 16 anos e não tenho nem 40 quilos, estou na fase em que vejo minhas amigas crescendo tudo ao mesmo tempo. 😊 e eu sempre fui do tipo rasquitica, pra mim esse não é um problema, quer dizer , costumava não ser. Por mais que eu coma, coma muitooo não ganho nem uma grama, minhas amigas morrem de inveja de mim por isso,mas eu não gosto nada nada disso, as vezes me sinto bem por ser magra, 😊 as vezes me sinto péssima... 😊” (Laryssa, 26/12/2013)

“Incrível como algumas, não todas as meninas passam por isso. Me identifico muito com você, principalmente no trecho ‘o corpo das suas amigas mudando’. Sempre fui a mais baixinha, a mais feinha e a mais gordinha do grupo, sempre que saíamos, nunca ninguém do sexo masculino falava comigo, e isso me deixava muito triste, e com o pesamento O QUE EU TENHO DE ERRADO? ou POR QUE DE TODAS EU SOU A MAIS GORDA? E chegou uma época que eu só queria roupas largas, tanto uniformes como qualquer outra, e de não sentir necessidade nenhuma de me arrumar. Já cheguei a ficar dias sem comer, tomando só água e comendo um chiclete pra enganar o estômago, antes de comer qualquer coisa eu olhava as informações nutricionais, até hoje eu não subo em uma balança 🙄 . Depois de muito tempo com essas neuras na cabeça, percebi que você pode vestir 48 ou 36 que se não tiver auto confiança, não adianta nada. Hoje eu ainda tenho pequenos episódios de ‘a louca das calorias’ e espero conseguir parar com essas loucuras sobre os números em embalagens e na balança. Curto MUITO ler posts assim, você faz com que a gente tenha o sentimento de proximidade, e perceber que todo mundo é gente como a gente” (Mariana Quinafélix, 13/01/2014)

“Bruna, muito obrigada pelo texto! Eu tenho 15 anos, posso parecer jovem demais, mas estou passando por esse período difícil da adolescência. Apesar de nova já tive a experiência do primeiro namorado e bom, enquanto estava com ele (durou pouco) achei que estava tudo certo, que não precisava me importar porque já tinha alguém que gostava de mim como eu era. No entanto, o namoro acabou e com ele veio tudo que é tipo de problema. Parei de sair, e no tempo que fiquei em casa engordei bastante. Nessa idade é bem difícil, ainda mais quando você tem amigas ‘padrão da sociedade’ que fazem piadinhas do tipo: ‘ai amiga, tá gordinha’. Eu tento não me importar e não levar para o pessoal, mas sempre acabo me magoando e tendo ideias de dietas loucas só para ser a mais magra da classe ou do clube da piscina. Bom, como eu disse, eu sou bem nova.. pode ser que daqui a algum tempo eu mude, meu corpo mude. Pode ser que eu emagreça e não tenha mais que usar das ideias e dietas mirabolantes para poder atingir o corpo perfeito, mas por enquanto, vou me aceitar assim: bumbum grande, coxas grossas e sem ligar para o que os outros pensam ou falam. E mais uma vez, muito obrigada pelo texto! Tava precisando de algo do tipo para esse meu período de ‘aceitação’ e o texto me ajudou muito! Continue sempre assim, Bru. Sendo essa garota maravilhosa, que inspira as pessoas. E viva o quadril largo, a escova progressiva e os pés tamanho 39 (me identifiquei muito) rs. Beijão! <3 😊” (Milena Moraes, 21/01/2014)

“Bru, antes de qualquer coisa queria te elogiar. Não só pela sua beleza e carisma, mas também pela sua coragem e pelo fato de inspirar tantas garotas como eu. Bom, assim como você eu tenho 18 anos e nossa, eu me identifiquei muito com você, do início ao fim do texto. Desde pequena já usava óculos e a partir de certa idade também tive que usar aparelho. As duas coisas já são chatas o suficiente, mas quando se é gordinha a situação piora muito. Como se não bastasse o ‘bullying’ das amigas, os garotos nunca chegavam em mim. Tinha alguns que zoavam com a minha aparência e um em especial que dizia que meu cabelo era ruim. Isso machucava muito, demais. Além de tudo isso, ver as minhas amigas crescendo, mudando e se desenvolvendo sempre me deixava pra baixo, já que a única que continuava na mesma era eu. Minha mãe sempre dizia que com o tempo eu iria mudar, mas nada acontecia. Mas enfim aconteceu. Eu tirei o aparelho e o óculos e a feição do rosto já não era tão feia. Também dei um jeito nos cabelos pra complementar. A partir de então eu passei a me achar mais bonita, mesmo com os quilinhos a mais. Eu fiz exatamente o que você disse: liguei o foda-se. Simplesmente parei de me importar com críticas e comecei a me valorizar (acho que todas garotas deveriam fazer isso). Hoje me sinto muito bem e muito bonita e simplesmente não ligo de não ter um namorado. Estou conquistando aos poucos os meus sonhos e quem sabe um dia eu encontre algum namorado que dê conta né? hahaha. Afinal, nós somos muito gostosas para usar 36 😊” (Anônima, 21/01/2014)

“Bruna, eu sempre fui magra e sempre tive problema com a minha auto estima mesmo assim, a questao nao é o peso e sim as pessoas a sua volta. Assim que eu mudei de ares e vim morar em Portugal eu vi que eu era mais gorda que muitas garotas aqui! Eu comecei a me sentir gorda e tive serios problemas..comecei a ter bulimia e tudo por causa de 3kilos! Eu me achava gorda porque pesava 56! E nao 53 como uma amiga minha. Isso nao é absurdo? Mas nao é só isso eu sempre quis ser modelo e sempre tive o corpo das meninas do lookbook mas eu queria mais..eu queria ter o corpo de modelos como a cara delevigne mesmo super magras! Ate que eu percebi que isso é loucura!!!!

Enfim a moral da historia é que agora eu peso 53k só diminuindo o carboidrato 😊”
(Natalia, 13/09/2013)

“Bruna, sempre leio o seu blog mas nunca cheguei a fazer algum comentário. Acho que comentar por comentar, como por exemplo dizer que você é linda, simpática, e tal, você já recebe vários comentários desse tipo, então eu não me dou ao trabalho. Mas hoje preciso tirar o chapéu pra você. Sofro de um transtorno alimentar, então a palavra aceitação não entra no meu dicionário. Todos os dias vejo os blogs por aí, lookbook e afins e vejo aquelas meninas naturalmente magras, lindas, e why eu não posso ser assim ?! Não suporto mais entrar em blogs e ver a blogueiras fazendo a merda do #projeto verão #projeto bundadura #projeto puta que pario... Isso me irrita. Hoje pela primeira vez vejo uma blogueira que não se importa com os padrões, que se aceita e que quer passar isso para as suas leitoras. Isso é realmente admirável. Ainda estou na luta em aceitar esse brazilian body. Mas se Deus quiser, um dia chego lá, e pode ter certeza que esse post me ajudou bastante. Enfim, parabéns pelo seu grande sucesso, e por favor, continue assim. Beijos.” (Bárbara Barofaldi Ariguchi, 13/09/2013)

“Bruna, eu nao sei o seu peso, mas voce pelas fotos aparenta usar 38. nao ligue para o que as outras pessoas falam, o importante é estar feliz. olha, ha 2 anos atras eu pesava 57 kilos e nao era muito feliz com a minha aparencia, so usava roupa largona, nao era gorda, era apenas um pouco “cheinha”, mas nao estava feliz, a minha felicidade era so em comer pastel e coxinha. tomei muito cha verde pra emagrecer e consegui perder 4 kilos. comprei 1 vestido azul da capricho que ficou lindo em mim, mas se eu engordasse o vestido nao iria servir mais, ate que fiquei com esse complexo de emagrecer, tinha medo de um dia nao poder usar o lindo vestido (1º que comprei e usei na adolescencia). esse complexo me fez perder 14 kilos em 5 meses, e o pior, o cha verde que eu tanto tomava me ocasionou um problema hormonal na tireoide que nao tem cura e que vou tomar remedio para sempre. hoje me sinto um pouco livre desse complexo, continuo com 44 kilos e nao quero mais emagrecer, so tenho medo de engordar, e isso faz com que eu me pese 5 vezes ou mais no dia, nao sei explicar muito esse meu medo e nao consigo me livrar. as vezes temos que enxergar o que tem de bom na vida, e eu nao enxergava isso, talvez por falta de amizade ou de apoio, sei la. bruna, pra mim voce é perfeita, eu queria ter a sua vida e as suas roupas. voce me inspira muito no que vou comprar, e quando eu for morar sozinha vou querer ter uma casa parecida com a sua.”
(Glauca Raphaela, 13/09/2013)

“Ooi Bru. Amo voç e acompanho cada postagem sua. Não comento mutio no seu blog, mas a cada dia você vem me incentivando. Sou gorda e me sinto muito inferior perto de meninas mas lindas que eu! Me acho horrível. Hoje cheguei da escola, me sentindo um lixo e dei de cara com esse texto, simplesmente você me deu forças! Já pensei muitas vezes de vomitar, já desmaiei várias vezes por fome. E agora não vou mas fazer isso. Porq você me fez ver que minha blogueira preferida e linda é cheia de defeitos mas ainda continua forte, linda, determinada e perfeita do jeito que é! 😊”(Nataly, 13/09/2013)

“Ia comentar logada porém não quero me expor, isso de corpo perfeito pra mim sempre foi uma tortura, na minha familia eu era a mais gordinha e entre as amigas também, mesmo nunca tendo sido muito gorda, elas que eram magras demais, algumas pessoas faziam questão de jogar na minha cara que eram mais magras do que e isso com o tempo foi mexendo com o meu psicológico, associado a outros problemas

desenvolvi anorexia e bulimia, agora sou magra, não tão magra, as mesmas pessoas que antes falavam que eu era gordinha e tal hoje brigam comigo pra eu comer, brigam comigo por causa da minha saúde que fica cada vez mais debilitada, só que agora, comer não é mais uma tarefa fácil, ou seja, as vezes as pessoas podem até não fazer por mal, mas elas nunca tem noção de como um simples comentário pode afetar a vida de alguém” (P., 13/09/2013)

“Bruna, realmente você está certa. Eu nunca fui padrão de beleza, sempre fui a gordinha da sala, a que usava óculos (miopia), a que era ‘ruim’ na educação física. Apesar de passarmos por cima de muita coisa, a gente aprende a crescer. Quando eu li seu texto, ainda pude ver que muitas pessoas me influenciam no que eu sou. Infelizmente. Eu sou sincera e odeio olhar uma roupa linda e não ter 44, 46. É frustrante, o mais frustrante ainda (ou não) e que quando compro algo legal pra mim e faço vários look’s acabo sendo copiada pelas minhas colegas magras por acharem bonito. Eu não quero ser igual a todo mundo, não quero entrar no Padrão. Mais não é fácil aguentar de todo mundo também que estou acima do peso sabe ;\ Como você já tentei a bulimia mais sempre sinto nojo e perco a coragem e não consigo ficar sem comer, por amar comida <3 Por conta das pessoas me sinto culpada em comer, não como direito, a comida nunca me satisfaz por questões psicológicas até da minha família. Eu não me acho super linda, mais também não sou feia. Já fui pedida em namoro, e as pessoas falam que sou bonita. Mais acho que já sofri tanto com beleza que quando as pessoas falam isso, eu acho que é falsidade. Posso ser bonita, ou não, magra ou não. O que é importa é ser eu, e sinceramente, eu acho que se eu fosse magra eu mudaria muito, assim como eu vi várias pessoas que emagreceram mudando seu comportamento. Eu estou satisfeita com a pessoa que eu sou por dentro, e se for pra continuar assim, prefiro está fora do padrão de beleza ;] Obrigada pelo texto me ajudou de verdade a ver muitas coisas por outro ângulo, apesar de ler aqui todo dia nunca tive coragem de comentar 😊 Te adoro e continue nos fazendo seus textos 😊😊😊” (Aléxia, 13/09/2013)

“Bru, que texto maravilhoso eu me identifiquei demais com ele. Estou cansada de escutar piadinhas por causa do meu peso, as vezes eu nem me importo mas acabo caindo eu neuras por causa das pessoas o tempo todo querendo dizer que você não está no ‘padrão’ que a sociedade acha bonito. Eu realmente quero emagrecer mas por mim, já fiz o que você citou no texto em provocar a bulimia até que um dia fiquei 1 semana com febre alta e tudo que eu comia botava para fora. Agora estou tentando ser saudável por causa da minha saúde, deixando de comer besteiras o tempo todo por causa de mim e não pelas pessoas. Não são elas que pagam a minha conta certo? Faço o que bem entender da minha vida, as pessoas tem que parar de olhar para os outros e começar a se importar com si mesma. Amei o texto 😊” (Evelyn, 13/09/2013)

“Que bom ler isso! Saber que existem pessoas assim. Já eu sou bulímica (‘ex’ anoréxica) e extremamente complexada com meu corpo. Deixo de aproveitar momentos da vida e acabo sendo escrava dos padrões. Vai por mim, é uma vida bem triste essa.” (Lorena, 13/09/2013)

“Bruna, acompanho seu blog desde o começo, porém eu nunca havia me pronunciado em nenhum dos seus posts (que pra deixar claro, amo todos e os acho maravilhosos), mais nesse post eu não resisti. E eu queria te dizer. Obrigado. Sim, obrigado. É incrível a capacidade que as pessoas tem de julgar as outras e tentar

coloca-las pra baixo. E isso já aconteceu muito comigo. Quando eu resolvi mudar. E as mudanças podem ser pra melhor ou pior dependendo das suas intenções. Eu mudei, e junto com a minha bulimia e quase anorexia, veio também os complexos bobos e a depressão, por achar que não era boa o suficiente, por vestir um 38 enquanto minhas amigas usavam um 34. Mais o pior de tudo foi ver as pessoas que eu considerava 'amigos' irem embora, e eu, enfim, me encontrar na solidão. Foi aí que eu conheci seu blog. E sim, já te usei muitas vezes como fonte de inspiração, rs. Acho que na verdade é isso que eu e todas suas leitoras pensam. Sim, você é uma inspiração. Uma menina linda, que não precisa ter olhos claros, vestir tamanho 34 nem tampouco ter um pé que cabe no sapato da 'Cinderella'. Você é linda desse jeitinho, e por causa de você eu aprendi a me amar e me achar linda desse jeito também hahaha. Então é isso, continue assim, essa pessoa maravilhosa. E não ligue para as "críticas destrutivas". Isso realmente é coisa de gente que quer uns minutinhos de fama na internet. Sucessooooooooooooo Bru! E vamo que vamo 😊" (Amanda Vitória, 14/09/2013)

"Bruna, sei que você já postou esse texto há 3 dias, mas só pude abrir o seu blog hoje e senti que deveria comentar. Sempre passei por problemas com meu peso, desde criança. Jamais fui gorda, ficava sempre entre o normal e o leve sobrepeso, mas a minha família era muito crítica quanto a minha aparência, sempre me cobravam para que eu emagrecesse. Eu já tinha tentado várias dietas, mas nunca tive muito controle e não perdia mais que 3 kilos por vez. Até que um dia, com 13 anos, eu decidi que não aguentava mais ser "gorda" e fiz exatamente a mesma coisa que você: me fechei no banheiro e enterrei a escova de dentes na garganta. Nesse dia não consegui vomitar muito, mas continuei tentando várias vezes, e quanto mais você faz, mais fácil fica. As coisas para mim ficaram bem difíceis, pois é muito difícil emagrecer só vomitando, por isso no fim do ano passado eu parei de comer também. Minha vida se tornou um inferno, eu não conseguia pensar em outra coisa a não ser calorias, exercícios e como eu estava enorme. Eu também imaginava que iria parar quando emagrecesse o que queria, mas não tem como. As metas de peso diminuem a cada dia e você entra numa depressão profunda, pois não tem coisa pior do que odiar a si mesmo. Hoje eu tenho 16 anos e estou em tratamento de bulimia. Minha família está destruída. Me sinto muito mal pelo peso que estou ganhando, especialmente porque tenho esse formato natural de bunda grande e coxas largas. Mas não tenho arrependimento maior do que o dia em que decidi vomitar pela primeira vez, porque esse dia mudou a minha vida. Me deixa muito contente saber que você não seguiu pelo mesmo caminho. Parabéns por melhorar a auto-estima de suas leitoras, você é uma pessoa maravilhosa!! Bj!" (Marcela Toledo, 16/09/2013)

"Bruna você é admirável, seu texto sem duvidas foi maravilhoso, mas não fez eu muda a minha opinião, tenho 1,60 peso 57, tenho 14 anos, sou a segunda mais gorda da sala, uso óculos (que eu odeio), algum tempo atrás quis saber um pouco mais sobre a anorexia e a bulimia, já tentei vomitar, sinto nojo, como eu queria conseguir vomitar, não consigo parar de comer fico apenas 1 dia sem comer, mas logo depois como peiteira (O que adianta?), me sinto péssima por ser gorda, quero fazer moda, mas logo que me olho, como que alguém ia comprar roupas feita por mim uma obesa? Mas to me dedicando para eu me aceita, mas ta difícil, Bru você podia fazer uma matéria sobre anorexia e bulimia... Bru você é linda, não fica complexa com a tal "balança". Bru ti acompanho assisto suas entrevista e tal, você é minha diva <3 Te adoro" (L., 17/09/2013)

“Oii Bruna, nossa era o que eu precisa ouvir. Já fui muito encanada com isso, peso, altura. Fui obesa na infância (aos 9, ate os 13), sofri bullying, e consequentemente tive distúrbios alimentares (bulimia) me lembro de ficar no banheiro, horas e horas chorando. 😞 parei ao ver de estava me machucando, não só por fora mais por dentro também. Não posso dizer que superei essa fase totalmente, mais hoje com 18 anos estou aprendendo a me amar, a me controlar principalmente na maneira de pensar. A desencanar um pouco e como você disse ‘é preciso ligar o foda-se’. Estou aprendendo a ser feliz e nunca pensei que fosse tão bom.. O seu blog é demais você é demais, saiba que vc esta servindo de espição pra varias meninas/mulheres que passam ou já passaram pelos tipos problemas da adolescência. Beijos #nãosaio maisdouseublog 😊”
(Fabih, 26/09/2013)

“🇧🇷 fiquei muito feliz em ler isso, principalmente no momento mais difícil da minha vida, pensei que só eu pensava assim! Já fiz o lance da escova de dente! foi igualzinho! Hehe Eu gostod o meu corpo assim! pernas grossas peitos pequenos e bumbum medio! ahahahahah viva a diversidade!” (Maiara Ribeiro, 09/12/2013)

ANEXO IV - Comentários do Post “Superando os próprios preconceitos”

Por Maria Ienke
(21/10/2013)

“Muito lindo ! espero que esse post ajude muitas garotas que querem ser perfeitas a qualquer custo. Auto aceitação é tudo que precisamos seja por sermos Negras, Gordas, Baixinhas, de Cabelo cacheado ou crespo temos que nos aceitarmos e nos amarmos acima de tudo. 😊” (Layane, 21/10/2013).

“Chorei lendo esse texto. Quantas viagens para praia eu não deixei de fazer, quantos shorts eu deixei de comprar por achar minhas pernas grossas demais, quantas fotos deixei de tirar, tanta coisa que deixei de fazer por pensar “o que os outros vão pensar, vão me achar feia, vão me olhar torto por ser um pouco mais gordinha”. Eu não queria pensar desse jeito. Queria eliminar de vez todos esses pensamentos. E acima de tudo, dói, bem no fundinho da alma.” (Luara, 21/10/2013).

“Verdade. Muito bom este texto. E na verdade, a sociedade dito isso, assim como você falou, hoje em dia podemos ver uma quantidade maior de pessoas falando de plus size, por exemplo, mas antes e até atualmente nenhuma revista de moda brasileira colocou uma na capa. Eles querem as magras. A televisão ensina isso, os lugares que passamos ensina isso. nada contra magreza, e nem a favor da gordurinha a mais, mas as pessoas começam a ficar neuróticas, falando tanto e pensando tanto em dieta, como você disse. O importante é estar bem com a saúde. Já vi gente gordinha, com a saúde muito bem e gente magrinha com saúde ruim, já vi ao contrário também, mas como você disse, devemos apenas estar atentos a isso e deixa o preconceito de lado, que muitas vezes está em nós e não nos outros.” (Jéssica Carvalho, 21/10/2013).

“Cara, parabéns pelo teu texto e parabéns por ocê ter conseguido quebrar esse seu auto-preconceito. Essa é a parte mais difícil mas também a mais gostosa, porque quando a gente se aceita como é, pra depois ver o que tem de errado, aí sim estamos olhando para nós por nós mesmos e não pelos outros. Aliás, você é linda, e brasileira é assim mesmo, cheia de curvas e mais curvas, a gente precisa parar de se basear no corpinho europeu, bonito mesmo é mulher que tem um corpo e o aceita como é, com estrias, gorduras e celulites. E ainda tem orgulho de cada centímetro que tem. Beijos Maria (((:” (Raianny Martins, 21/10/2013).

ANEXO V - Comentários do Post “Look: Garfield Del Rey”

Por Bruna Vieira

(17/12/2013)

“Bruna, amei a saia! Você sabe se tem ainda na C&A? Ou é coleção antiga? Ah, também tenho quadril largo. E no geral, uso o que eu quero. Eu faço academia há mais de um ano, levo uma vida saudável. E continuo usando 40/42. Me explica como você emagrece estrutura óssea? Não tem como. Você é linda e seu corpo é lindo, e esse look (assim como tantos outros) também estão lindos. Essas pessoas que ficam falando de você são no mínima, imaturas e infelizes com o próprio corpo. Porque são muito poucas pessoas que tem esse corpo “ideal” vendido pela mídia, e toda essa gente reclamona, duvido que todas tenham esse corpo ‘perfeito’. Elas estão infelizes e querem que você entre na paranoia delas.” (Dani, 17/12/2013)

“Certinha Bru! Sempre tive muitos complexos com o meu jeans 42, e meu 1,60 de altura... Sonho de ser alta e magra nunca foi alcançado. Mas estou aprendendo: e daí? Com tanta coisa pra se preocupar nesse mundo, o tamanho do meu bumbum ou das minhas pernas nem chega perto. Então ultimamente adotei o melhor regime de todos: Usar o que eu gosto, e o que me faz me sentir bem, e quem se importa pro jeans 36? Acho que se fosse pro ser humano ter uma forma adequada, ele teria nascido com ela! A diversidade de forma, corpo e personalidade é o que nos diferencia. Então, por que querer ser igual? :)” (Jack Nunes, 17/12/2013)

“Ih, Bruna. Nem liga. Tudo páia. Tipo, repare que mesmo com o aumento da moda plus size e do estilo ‘ser saudável, e não magra’ ainda tá demorando pra entrar na cabeça dos outros. Eu sei que tem muita gente que comenta seus looks não no sentido ofensivo, mas que, mesmo assim, agem como pessoas que não evoluem. Que acham que pra ser uma ‘modelo’ e apresentar roupas...tem que estar ‘em forma’. E eu me pergunta...em forma de quê? Essa coisa de padrão da mídia é tão ridículo. Queria ver a louca que não seria se do nada as pessoas não dissessem: A moda é ser 42! ...Mundo hipócrita. Não ligue. A maioria é inveja de saber que não precisa ser nada além de você mesmo pra crescer, assim como você fez. Um dia, quem sabe, essas pessoas percebam o quanto perdem o próprio tempo de brilhar só pra falar algo pra tapar a sua chama.” (Nádia Lise, 17/12/2013)

“Ei Bru (apelido sim por que já me sinto íntima de você hahahaha)! Sei que meu nome não soa familiar por que eu não tenho o costume de comentar nos posts apesar de acessar a página do blog várias vezes por dia (são várias mesmo, não tô brincando), mas eu resolvi comentar hoje por que eu fiquei muito incomodada esses dias pelos comentários que eu li em uma das suas fotos no instagram. Parei pra pensar que eu mesma já cheguei a te ‘julgar’ acima do peso e que em seguida sempre vinha na cabeça quão linda você é e que eu não tenho absolutamente nada com o seu peso ou a sua genética e que na verdade o problema tá em mim. Eu não aceito que saí do 36 pro 38 (e isso pra mim tem sido uma lástima) e que 46 de sutiã não é um número aceitável e que se eu não posso aceitar as mudanças em mim, como vou aceitar nas blogueiras que eu admiro? Mas eu juro que tô tentando melhorar! O look ficou incrível e você devia usar saias bandage mais vezes. Aproveite seu quadril largo que muitas gostariam de ter 😊”

Eu escrevi muito, não sei se você vai responder mas espero que leia! Bjs” (Diane Souza, 17/12/2013)

“Ah Bru! Acho que está tão na moda ‘ficar mais magra’, ter ‘a perna fina’ ou ‘espaço entre elas’. Está tão na moda aceitar que sempre temos algo a mudar, tudo bem, sempre temos. Mas mudamos não é porque queremos e sim, porque fulano e ciclano falam que preciso emagrecer. Sabe, acho tão lamentável as pessoas serem influenciadas por causa de outras pessoas. Toda vez que penso ‘ah tenho que emagrecer’, não é porque a minha veio no aniversário da minha mãe e ficou falando ‘Débora engordou’ e sim, porque me sinto mal. Fico pensando a minha mãe tem tantos problemas de saúde que vale a pena se cuidar. Ain é complicado essa história. Só acho que não deveria ter tanta influência ou se deixar ser influenciado por conta disso.” (Débora de Queiroz, 17/12/2013)

“Seu corpo é lindo BRU, com ou sem quadril grande, essa sociedade que é perfeccionista demais. Affs Esse gif é o melhor dos melhores, hahaha” (Nathália Ferreira, 17/12/2013)

“A verdade é que a gente nunca está satisfeita com o próprio corpo. Eu sou magrela, bem magrela, mas também já fui gordinha. Sei lá, na maioria das vezes eu gosto do meu corpo, mas as pessoas idealizam tanto essa coisa de ser bonita que as vezes eu fico meio mal, e o pior de tudo é que não é nem por mim, é pelo que as pessoas pensam. Ninguém nunca vai ficar satisfeito com o que você é, eles sempre vão falar mal, não importa se você é magra demais, ou gorda demais. Por isso quem tem de estabelecer limites e prioridades somos nós mesmas. (Desabafei, haha)” (Tamiris, 17/12/2014)

“não dá, uso 38, mas tenho quadril largo, e a ‘parte de cima’ menor, acho bizarro e desproporcional quando uso legging ou qualquer coisa muito colada na parte de baixo, na verdade nem shorts eu uso! Acho tudo isso desconfortável mesmo. Pelo menos não é algo que eu quero usar, mas sinto que não posso.” (Daniele, 18/12/2013)

“Adorei o texto e o look, mas isso de ‘36’ é pura besteira Bru. Sabe de uma coisa? eu uso 36 e detesto. Me cinto magra demais e não é qualquer coisa (mesmo no 36 dependendo do formato) que me sirva. Não é fácil achar roupas que fiquem legais no corpo assim como para as gordinhas. Não entendo porque tem gente que acha que vestir 36 é algo que deixe o seu corpo divino porque não é. Eu queria ter quadril, ser mais cheinha, vestir um shorts e não parecer uma vareta ou colocar uma saia e não ter uma curva.” (Bianca C., 17/12/2013)

“Pois é Bruna! eu visto 36/38 e isso não faz de mim a pessoa mais FELIZ do mundo, tbm não faz que eu tenha menos problemas que as outras pessoas, muito menos que eu seja mais saudável do que outras né?! Eu fico mto feliz quando você passa essas msgs de apoio as pessoas que são reais, que tem um corpo real e não photoshapado né??!! Chega de encanação com o que os outros vestem, com regras que devemos seguir, um corpo bonito não é sinônimo de conteúdo, de saúde, de felicidade! Por favor, parem de encher a Bruna com o que vcs acham que ela deve vestir, e por favor, parem de me encher para que eu use roupas coladas e mais curtas. A magrela aqui tbm quer usar roupas largas e compridas!!” (Nayara Fernandes, 17/12/2013)

“Juro que queria usar 40/42 mas fazer o que é 36 mesmo): Panicat? seja você que é bem melhor! e quando essa moda passar? de corpos malhados.. não vai demorar muito.. melhor parecer natural e ser feliz assim.. acho lindo se vestir assim.. não meninas preocupadas e com certeza carentes que tem realmente a auto estima baixa, se vestem para os outros.. não são elas de verdade.. acham que um decote, ou roupas coladas deixam mais bonitas.. mentira! pura mídia e padrões estranhos com pessoas mais ainda tentando se encaixar neles! 😊😊😊” (C, 17/12/2013)

“Sei lá se vc vai ler esse comentário RS’, mas ainda assim vou falar... Muito bacana o que vc falou, lindo o look. ^^ Tipo, eu uso 36, tenho 45 quilos há anos, mas até o ano passado achava isso uma baita de um problema, afinal as meninas daqui quase todas tem corpão e tal, mas tudo é questão de se valorizar e assumir-se como você é, exatamente. Quando você assume uma postura de bonita, as pessoas começam a ver e acreditar nisso, afinal tudo começa quando você para de ligar pra más opiniões. 😊” (Liza K., 18/12/2013)